

UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

v.4 n.7 julho de 2022

e-ISSN 2675-1186





UNIFICADA

**REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA
FACULDADE UNIFICADA DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

v.4 n.7 - 01 de julho de 2022

e-ISSN: 2675-1186

Bibliotecário: Mário Fernandes da Silva Marques (CRB-8/10442)

R454

Revista Multidisciplinar da Faculdade Unificada do Estado de São Paulo / FAUESP, FCT Editora, v.4, n.7, Julho. - São Paulo: FCT Editora, 2022.

Mensal
e-ISSN 2675-7850

1. Educação 2. Ensino 3. Pedagogia 4. Professores. 5. Pesquisa. 6. Gestão.

I. Título

CDD: 370
CDU: 37



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP
Julho, v.4, n.7 (2022)
Bibliotecário: Mário Fernandes da Silva
Marques (CRB-8/10442)
e-ISSN: 2675-1186
Editoração: FCT Editora
Supervisão: Fernando Curti
Revisada em: 10 de set de 2022

DIREÇÃO

DIREÇÃO ACADÊMICA

Prof.^a MSc Claudineia Lopes
DIREÇÃO FINANCEIRA
Prof.^a Esp.^a Sylvia Storniollo
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
Prof.^a Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos

CONSELHO EDITORIAL

EDITORA-CHEFE

Prof.^a Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos
Prof.^a MSc Claudineia Lopes (FAUESP)
Prof.^a Esp.^a Sylvia Storniollo (FAUESP)
Prof. Dr. Marcos Rogério Costa (FAUESP)
Prof. Dr. Gladson Cunha (Fabra/PUC-Rio)
Prof. MSc. José Ivanildo (FAUESP)
Prof. MSc. Marcos Roberto dos Santos
(FAUESP)

SUMÁRIO

Contribuições do desenho na educação inclusiva.....	6
<i>Vania Melo da Silva</i>	
Exploração, gesto e movimento: As linguagens do corpo na educação infantil.....	12
<i>Claudia Rocha Joaquim</i>	
A importância da inteligência emocional na educação.....	24
<i>Márcia Aparecida Messias de Carvalho</i>	
A trajetória do instituto Lóczy/ Pikler.....	30
<i>Maria Valéria Giusti Malavasi Molinari</i>	
Práticas de ensino da cultura africana e afro-brasileira e indígena como fator preponderante de mudanças: escolas quilombolas e indígenas.....	35
<i>Mariana Gomes Dias de Oliveira</i>	
Neuropsicopedagogia.....	47
<i>Nádia Rosa Tavares Barbosa</i>	
A arte e sua importância na educação infantil	56
<i>Nadia Sinani de Oliveira Limai</i>	
A história infantil e a visualidade plástica	61
<i>Rita de Cássia Azarias do Nascimento</i>	



A arte cênica como apoio pedagógico para o processo de aprendizagem.....	67
	<i>Rita de Cassia de Sousa</i>
A educação ambiental na educação básica.....	72
	<i>Rita de Cassia Teodoro da Silva</i>
Ensino de notícias: um caminho para pensar a leitura no ensino fundamental.....	84
	<i>Rodrigo da Silva Lima</i>
A arte cênica como apoio pedagógico para o processo de aprendizagem.....	93
	<i>Silvana Aparecida de Oliveira Araújo</i>
Contribuições da neurociência na aprendizagem infantil	98
	<i>Simone Alves</i>
A Formação do Professor de Educação Infantil a Prevenção ao abuso de álcool.....	103
	<i>Luciana Napolitano Alegrette Juliano</i>



EDITORIAL

A divulgação científica é o meio de popularizar o conhecimento produzido nas faculdades e universidades mundo a fora. É também uma forma de interação entre os espaços acadêmicos, muitas vezes, percebidos como espaços elitizados e distantes da realidade pública.

Pensando nessas duas situações é que nós, da FAUESP, estamos apresentando a sociedade brasileira a Revista UNIFICADA, um periódico acadêmico de circulação semestral voltado para a divulgação ensaios, relatórios de pesquisas e artigos científicos num viés multidisciplinar.

Sendo o nosso objetivo divulgar, tornando público o conhecimento produzido por diversos meios e em diferentes perspectivas científicas, nesta edição, apresentamos sete artigos que englobam as áreas da Educação, Literatura e Direito.

Nós da FAUESP entendemos que a educação não é apenas um meio de desenvolvimento pessoal, porém, que educar vai além da formação do aluno. Educar significa agir na transformação da realidade em que nos encontramos, de modo que possamos cumprir a nossa Missão:

“Educar, produzir e disseminar o saber universal, contribuir para o desenvolvimento humano, comprometendo-se com a justiça social, a democracia e a cidadania, além de promover a educação, visando o desenvolvimento sustentável do país”.

Boa leitura! Dr. Gladson Cunha
Membro do Conselho Editorial



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fapesp
e-ISSN: 2675-1186

CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

CONTRIBUTIONS OF DESIGN TO INCLUSIVE EDUCATION

Vania Melo da Silva

RESUMO

O artigo científico visa apresentar um estudo acerca dos transtornos globais do desenvolvimento, cujo diagnóstico permite a inclusão e a adaptação da criança no ensino regular tem o objetivo discorrer e discutir o conceito do brincar na Escola em face dos estudos através do desenho. O autismo caracteriza-se como o fechamento da criança em si, as crianças que tem este transtorno, normalmente apresentam dificuldades na lógica mostraremos que o brincar estimula um desenvolvimento de habilidades tanto cognitivo como social, de modo que esta atividade pode oferecer várias experiências novas, o que resulta na formação e consolidação de importantes circuitos neurais, conectando áreas importantes do cérebro relacionadas a distintas competências ou conjuntos de habilidades.

Palavras-chave: Neurociência. Brincar. Inclusão. Competências. Habilidades.

ABSTRACT

The scientific article aims to present a study about global developmental disorders, whose diagnosis allows the inclusion and adaptation of the child in regular education aims to discuss and discuss the concept of playing at school in the face of Neuroscience studies on the subject. Autism is characterized as the closure of the child itself, children who have this disorder, usually have difficulties in logic. We will show that playing stimulates the development of both cognitive and social skills, so that this activity can offer several new experiences, which results in the formation and consolidation of important neural circuits, connecting important areas of the brain related to different competences or skill sets.

Keywords: Neuroscience. Play. Inclusion. Skills. Skills.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho visa entender o comportamento dos alunos pensando em algumas alternativas mais adequadas que o professor pode desenvolver na sua prática pedagógica, focando na utilização de tecnologias assistivas que é de extrema relevância, ao levarmos em consideração os desafios encontrados em sala de aula com a inclusão dos alunos com necessidades especiais.

As pesquisas e descobertas da Neurociência para o uso em sala de aula têm se revelado de extrema importância, e nosso estudo tem como objetivo refletir sobre as contribuições dessa ciência para a Pedagogia, tentando ligar suas correspondências e relações com a aprendizagem no sentido de estreitar nossa pesquisa temos ainda como objetivo específico relacionar a Neurociência e o brincar, justificando a importância dos estudos e resultados atuais da Neurociência, bem como, pela precisão da profissionais da área de Pedagogia ter um olhar diferenciado sobre o brincar a partir do avanço e descobertas dessa ciência.

Nossa suposição é a de que, as descobertas da Neurociência sobre o brincar podem ampliar a utilização desse recurso nas práticas escolares e, desse modo, tornar as novas informações aprendidas mais duradouras e permanentes na memória dos aprendizes, o estudo do desenvolvimento humano e os recentes resultados da neurociência irão corroborar e reforçar nossas considerações sobre o brincar para a aprendizagem encontramos nas escolas de ensino regular alunos com Autismo, mas será que os professores estão preparados para trabalhar com este aluno, o que é autismo, como podemos desenvolver atividades que auxiliará este aluno no seu processo de ensino aprendizagem, onde estudos realizados sobre o autismo acumulou-se conhecimentos teóricos e práticos sobre esta síndrome que permite um novo olhar sobre ela.

Todo conhecimento acumulado, ainda se encontra pouco recurso direcionado ao trabalho com o autista, pois o mesmo precisa de cuidados a vida toda no intuito de entender melhor a síndrome de espectro Autista e entender como pode-se desenvolver atividades que propicie um aprendizado de qualidade a estes alunos.

A INCLUSÃO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

O termo inclusão abarca uma série de grupos diferentes. No âmbito desse trabalho estaremos nos referindo aos denominados, pessoas com necessidades educacionais ou educativas especiais (N.E.E.).

A expressão “alunos com necessidades educacionais especiais” é usada para designar pessoas com deficiência (mental, auditiva, visual, física e múltipla), superdotação e altas habilidades ou condutas típica, tal como especificado no documento Política Nacional de Educação Especial (Seesp/MEC, 1994), que requerem em seu processo de educação escolar, atendimento educacional especializado, que pode se concretizar em intervenções para lhes garantir acessibilidade arquitetônica, de comunicação e de sinalização, adequações didático-metodológicas, curriculares e administrativas, bem como materiais e equipamentos específicos ou adaptados. (MANTOAN 2006, p. 35)

A Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948 é um divisor de águas no reconheci-

mento do ser humano como sujeito de direitos, e não mais como objeto das relações. Segundo Hollanda (2002, p. 2), “a partir dessa perspectiva, inúmeros encontros, congresso e eventos em educação deram origem a documentos internacionais e nacionais, que foram elaborados a fim de defender o princípio da inclusão”.

Assim, além da Declaração Universal, outros documentos internacionais e nacionais merecem igualmente destaque, como o Programa de Ação Mundial para Pessoas com Deficiência, aprovado em dezembro de 1982 na Assembleia Geral das Nações Unidas. Este programa propõe medidas referentes a prevenção, reabilitação e equiparação de oportunidades para os portadores de deficiência.

Também, merece destaque a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, aprovada na Conferência Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem, ocorrida na Tailândia em 1990 que constatou a persistência de inúmeras dificuldades relacionadas à garantia do direito à educação. Nesta declaração os portadores de deficiência são considerados cidadãos “comuns” e “peculiares” ao mesmo tempo. Segundo a Secretaria de Educação a Distância (1999, p. 23):

São considerados cidadãos comuns ao se propor que o acesso à educação com equidade seja universalizado a todos (Art. 3) e peculiares ao explicitar-se que é preciso garantir-lhes igualdade de acesso à educação como parte integrante do sistema educativo, independentemente do tipo de deficiência que possuam (Art. 5).

Outro importante documento foi a Declaração de Salamanca de Princípio, Política e Prática para as Necessidades Educativas Especiais, elaborada em decorrência da Conferência Mundial sobre Necessidade Educacional Especial: Acesso e Qualidade, ocorrido na Espanha em 1994, que tem como princípios norteadores o reconhecimento das diferenças, o atendimento às necessidades de cada um, a promoção da aprendizagem, o reconhecimento da importância da “escola para todos” e a formação dos professores.

Como educadores desempenhamos muitos papéis já que não podemos nos ater somente ao papel pedagógico. Desempenhamos também um papel político na sociedade e por isso precisamos saber o que dizem os documentos acima citados para que possamos efetivamente desempenhar nosso papel pedagógico e político.

Desta forma, cabe-nos ainda o conhecimento da Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), pois segundo a Secretaria de Educação a Distância (1999, p.23):

No Brasil a Constituição Federal de 1988 garante aos portadores de deficiência “atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino” (Art. 208, III). Este direito, também, é reiterado no art. 54, III, do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n 8.069, de 13 de julho de 1990).

E, ainda de acordo com a Secretaria de Educação a Distância (1999, p.23):

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n 9.394/96) apresenta características

básicas de flexibilidade, além de algumas inovações que muito favorecem o aluno portador de Necessidades Educativas Especiais. Pela primeira vez surgem em uma LDB um capítulo (Cap. V) destinado à Educação Especial, cujos detalhes são fundamentais: garantia de matrículas para portadores de necessidade especiais, preferencialmente na rede regular de ensino (Art. 58); criação de serviços de apoio especializado, para atender às peculiaridades da clientela de Educação Especial (Art. 58, §1); oferta de Educação Especial durante a educação infantil (Art. 58, §3); especialização de professores (Art. 59, III). Muito importante, também, é o compromisso do poder público de ampliar o atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública de ensino (Art.60, parágrafo único).

A resolução CNE/CEB 02/2001 – artigo 2 “os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educativas especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos”. Nota-se que com essa resolução, todo sistema de ensino, público ou privado, está obrigado a matricular a crianças com necessidades educativas especiais.

REFLEXÕES DO DESENHO E O BRINCAR PARA A APRENDIZAGEM

A Neurociência leva em consideração tudo o que já foi registrado anteriormente e amplia nosso olhar sobre o cérebro e seu desenvolvimento a Neurociência é uma área de conhecimento que estuda mais profundamente a compreensão do cérebro humano, bem como seu desenvolvimento e funcionamento, envolvendo diversos profissionais e revolucionando os estudos científicos. Ela dá respostas confiáveis nas questões sobre a aprendizagem humana, auxiliando na compreensão daquilo que é comum aos cérebros. (SOUSA, et al., 2015).

Podemos dizer que os neurocientistas (Sousa, et al., 2015), o cérebro gosta de brincar porque essa atividade estimula o sistema límbico (responsável pelo processamento das emoções) e produz bem estar, prazer e alegria, as brincadeiras, por serem significativas para a rede neural, fortalecem as sinapses (circuitos neurais) que interligam o sistema límbico ao neocórtex, proporcionando a tomada de decisões, ou seja, habilidades racionais que favorecem a aprendizagem quanto mais emoção a criança experimentar, dentro de certos limites, as informações irão se fixar por mais tempo na memória.

Mering (2014, p. 49) afirma:

O lúdico ainda é a melhor maneira de acessar o cérebro por várias vias sensoriais, pois desde muito cedo nosso cérebro gosta de brincar. Isso vale para crianças, adolescentes e adultos. Na brincadeira, o sistema límbico permite maiores impressões de prazer do que de desprazer. Portanto, ao lúdico podemos associar conteúdos importantes para a vida do aprendiz.

As brincadeiras liberam transmissores que aperfeiçoam o aprendizado sem provocar depressões, esgotamentos ou estresses e preparam o educando em novas habilidades ao longo de sua aprendizagem mais formal o cérebro libera dopamina, conhecido como o hormônio do prazer e a noradrenalina, que estabeleceu que a escola precisa estar atenta ao brincar para pos-

sibilitar às crianças um melhor aproveitamento do cérebro para os processos de aprendizagem.

Na visão neurocientista, Em uma espécie como a nossa, em que o desenvolvimento, sobretudo o do cérebro, demora a acontecer o brincar ampliaria as oportunidades de convívio com os pares e de exploração do meio, fornecendo estímulos para que o cérebro humano possa se desenvolver mais plenamente. A forma como isso acontece é o que geneticamente chamamos em educação de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades lúdicas constitui uma das opções mais relevantes para o desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança, visa considerar as múltiplas diversidades e possibilidades que as brincadeiras e os jogos oferecem às crianças quanto ao seu desenvolvimento de linguagem e a reconstituição da atividade adulta e imitação, ambas calcadas na realidade de forma que auxilia a criança a dominar a realidade e mediação pela linguagem, aprendizagem de regras, desenvolvimento do autocontrole e criação de interações voluntárias.

A formação de planos e motivações volitivas (traços essenciais para o desenvolvimento da consciência e das formas superiores de pensamento), desenvolvimento da autonomia, do raciocínio e da capacidade de fazer inferências e observações, gerando a construção do próprio conhecimento, motivação e prazer a Psicologia e da Pedagogia, as evidências neuro científicas comprovam o aumento das conexões entre as células cerebrais.

Um ambiente saudável torna-se compatível com a realidade da criança, tornando a aquisição das informações, em sua forma lúdica, mais permanente e a aprendizagem mais célere quando a criança brincar, o papel da escola, torna-se, portanto, indispensável entender o brincar na escola, com todas suas atividades lúdicas, como um mecanismo técnico, pedagógico e profissional de se alcançar as mais importantes condições da evolução e integração do educando.

A criança será o encontro com a alegria, as novidades, desafios (face aos novos brinquedos e situações) e oportunidade de interagir com seus novos amigos a lidar com o respeito as regras, organização com o material, o meio onde ela está inserida e o educador por fim, para os professores e educadores, as mediações, com o emprego dos estudos da Psicologia, da Educação, e da própria Neurociência, na ação do brincar na escola será a oportunidade de exercer sua experiência profissional com ternura, empenho e comprometimento

O desenvolvimento de linguagem e a reconstituição da atividade adulta e imitação, ambas calcadas na realidade de forma que auxilia a criança a dominar a realidade e mediação pela linguagem, aprendizagem de regras, desenvolvimento do autocontrole e criação de interações voluntárias, gerando a construção do próprio conhecimento, motivação e prazer a Psicologia e da Pedagogia, as evidências e promovem ainda um ambiente saudável e compatível com a realidade da criança, tornando a aquisição das informações, em sua forma lúdica, mais permanente e a aprendizagem mais célere quando a criança brincar, o papel da escola, torna-se, portanto, indispensável entender o brincar na escola.

REFERÊNCIAS

- MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosangela Gavioli. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. Valeria Amorim Arantes (org.). São Paulo: Summus. 2006.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Salto para o Futuro: Educação Especial: tendências atuais. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.
- CORIA-SABINI, M. A.; de LUCENA, R. F. Jogos e brincadeiras na educação Infantil. Campinas: Papirus Editora, 2004.
- COSTA, V. R. Por que brincar é importante. 2013. Disponível em:http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/4004/n/por_que_brincar_e_importante(acesso em 27/12/20)
- ELKONIN, D. B. Psicologia do Jogo. Tradução de Álvaro Cabral. Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1998.
- ERICSON, F. Conceptions of school culture: An Overview. Educational administration quarterly, volume 23, nº 4. November 11-24, 1987.
- GÓMEZ, A. M. S. TÉRAN, N. S. Transtornos de Aprendizagem e Autismo. São Paulo: Cultural S. A., 2014.
- MARTINS, M. F. As descobertas da neurociência e o brincar. 2011. Disponível em:<https://www12.senado.leg.br/institucional/programas/primeirainfancia/listasemanas?campanha=vii-semana-de-valorizacao-da-primeira-infancia-e-cultura-da-paz> acesso (07/12/20)
- METRING, R. Neuropsicologia e Aprendizagem: fundamentos necessários para planejamento do ensino. 2ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- ROLIM, A. A. M.; GUERRA, S. S. F.; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p.176-180, jul/dez.2008. Disponível em: http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf (acesso 07/12/20)
- VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. (1930). São Paulo: Martins Fontes, 2002. In
- VIGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente, 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fauesp
e-ISSN: 2675-1186

EXPLORAÇÃO, GESTO E MOVIMENTO: AS LINGUAGENS DO CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Claudia Rocha Joaquim

RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito da exploração, gesto e movimento e as linguagens do corpo na educação infantil. A Expressão Corporal, ao longo da história, entrou progressivamente num amplo espaço da pedagogia, tornando-se uma das áreas fundamentais do desenvolvimento integral das pessoas. A expressão corporal permite que as crianças desenvolvam habilidades motoras que afetarão sua vida adulta e, além de incluí-la desde a Educação Infantil, leva à potencialização de qualidades básicas do ser humano como ser biopsicossocial, com ação na conservação e no desenvolvimento. Por outro lado, promove e facilita o indivíduo a compreender seu próprio corpo, suas possibilidades, conhecer e dominar um variado número de atividades corporais, para que no futuro possam interagir de forma mais assertiva e prática pessoal nos relacionamentos com os outros. O ser humano precisa se comunicar com os outros e com o seu corpo.

Palavras Chave: Qualidades Básicas; Possibilidades; Relacionamentos.

INTRODUÇÃO

Para focalizar o sentido do corpo que o protagonista da vida - inclusive a escola - as duas entidades (corpo-mente) passam ou pensam, manifestando-se de forma individual, por meio da corporeidade.

A corporeidade como expressão humana é fruto de sua própria experiência e foi construída por intermédio da abertura sensível do corpo ao mundo. O corpo não pode ser visto como um objeto a ser treinado ou modelado, mas como o mediador que nos faz o que somos. Nesse sentido, é necessária uma visão integradora que sobreponha o cósmico e também o intangível como aspectos únicos.

Através do corpo e com ele como mediador, constrói-se a corporeidade, ou humano corporificado, fazendo conscientemente gesto, movimento ou palavra: presença e comunicação. Por isso, a corporalidade é concebida como uma alusão global ao corpo que reflete a pessoa humana, como expressa Barroso (1987):

É “experiência física”, “imagem física”, “expressão total”, “expressão facial”, “postura”, “atitudes corporais”, “movimento”. Corpo refere-se a ficar em pé, sentar, andar, movimentar-se, comer, rir, amar, puxar, manter ou equilibrar, expressar-se, sentir-se, ter saúde, desfrutar, sentir e viver. O corpo e toda atividade do homem. Em nenhum corpo, segundo a segundo, todos os processos, mesmo os mais insignificantes, que estão ocorrendo dentro de cada indivíduo, são registrados. O corpo é um monitor da auto - estima (pp. 117-118).

De acordo com essa concepção, pode-se dizer que a natureza humana não é separada, mas se manifesta em unidade, mesmo sem intenção, como diz Merleau-Ponty (1975):

Não sou o autor do meu corpo, não decidi nascer e, uma vez nascido, brotei pelo meu corpo, rosto ou o que fizer. E, no entanto, este corpo não é um acidente ou um destino que sofro, posso encontrar alegria e satisfação ou encontrar um remédio contra si mesmo, como acontece em uma decisão que me compromete. Eles me olham e eu me olho, eu sinto, eu sinto e eles me sentem... esse é meu corpo, eu sou meu corpo (p. 48).

Isso não nega que o corpo era originalmente um corpo biológico para nos servir e que poderia ser desenvolvido e construído. O corpo se recusa a ser uma máquina, uma nave.

A instituição escolar contribui para rejuvenescer o corpo para a formação integral do ser humano, ou enredá-lo na lógica da dicotomia mente/corpo. Isso é possível, dada a fragmentação do saber, com que se tenta atribuir trincheiras a cada sujeito, por um lado, aqueles que lidam com o corpo, e por outro, aqueles que correspondem à mente. Essa contradição corpo/mente permitiu a configuração de um imaginário escolar onde prevalece a superioridade da mente sobre o corpo.

Como premissa desse imaginário escolar, é preciso, portanto, apropriar-se de conhecimentos teóricos para avançar na escola. Dessa forma, formou-se um grupo de disciplinas da pri-

meira, segunda e até a terceira categoria, considerando sua importância para o desempenho do aluno. Sendo aqueles, como educação física, artes e afins, alguns adeptos do currículo.

Descartar ou ignorar a mediação do corpo na aquisição de qualquer conhecimento - formal ou informal - transforma a educação em uma cabeça quebrada, em contradição com a complexidade da vida humana: uma articulação reticular do conhecimento vivenciado.

A apropriação das possibilidades corpóreas como base de uma educação para a vida, não é apenas responsabilidade de um sujeito que lida com a pedagogia do corpo, mas um compromisso e uma necessidade de formação de cidadãos em uma realidade cada vez mais complexa, mutável e vertiginoso.

O CORPO E O MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O movimento nasce sem desenvolvimento, surge da gestação sincronizando nossos movimentos com os de nossa mãe, é o instrumento que nos permite criar, comunicar, aprender a pensar, conhecer, percebemos e descobrimos tudo o que nos rodeia, e através dele manifestamos nossas personalidades.

Quando a criança experimenta ou se movimenta, ela consegue alcançar comportamentos típicos de sua idade, como sentar, abraçar, andar, correr, etc., e aos poucos dominar seu corpo. Experimentar e apreciar o movimento permite que as crianças pratiquem suas habilidades motoras e cognitivas.

O movimento é fundamental para o apoio ou desenvolvimento das crianças em vários níveis; neurológica, motora, intelectual, emocional e social, permitindo constante interação consigo mesmo e com os outros. Quando crianças, tem-se a oportunidade de pular, descobrir e praticar diferentes movimentos, alguns anos depois, elas poderão organizar seu corpo. Isso dá maior coordenação e controle sobre seu corpo, portanto, um maior conhecimento de si mesmo. Cada criança relaciona-se com o movimento do seu corpo de uma forma diferente, com o objetivo de procurar despertá-lo em cada uma de forma única, respeitando os diferentes ritmos.

A experiência através do movimento proporciona às crianças uma sensação de maior autonomia, segurança e confiança na sua capacidade de agir conscientemente. Essa prática de movimentos e ações significativas permite que cada criança organize e construa gradativamente uma representação mental de seu corpo e de si mesma. Promover isso na infância permite, na fase adulta, ter uma maior consciência de seu corpo, uma coordenação favorável e, portanto, uma maior facilidade para se envolver em atividades que exijam suporte corporal. Assim, movimento, desenvolvimento e aprendizagem influenciam-se mutuamente.

O corpo é o meio que, desde os primeiros momentos de nossas vidas, nos permite descobrir o que nos cerca. Da mesma forma, é também o nosso primeiro veículo expresso. O movimento é a primeira e mais básica forma de comunicação humana com o meio ambiente.

Uma criança se comunica com os outros através do movimento, como ela expressa suas necessidades, desejos, humores, com ela ele move, manipula, envelhece e interage. A partir da ação, dos comportamentos exploratórios, ela também poderá desenvolver suas capacidades

intelectuais.

Vivenciar a aprendizagem de forma ativa nos ajuda a experimentar tudo ou com o corpo junto com a mente. Na experimentação, aspectos como autoestima, respeito, cooperação, empatia, frustração e sentimentos são incentivados.

A psicomotricidade, por esta razão, também é muito importante nesta fase, seja a música e o movimento, na sua vertente de técnica aplicada ou de intervenção educativa, apresenta duas correntes ou modelos: a psicomotricidade dirigida e a psicomotricidade vivenciada. A princípio, foca-se mais nos aspectos motores e cognitivos a partir de exercícios e atividades orientados pelo educador. A psicomotricidade vivenciada, por sua vez, dá ênfase aos aspectos socioafetivos, trabalhando mais a partir da atividade espontânea, construída em casa e na escola.

A educação infantil deve atender à necessidade e o desejo da criança de aprender, não apenas reconhecendo sua atividade, mas também valorizando e estimulando. Isso significa reconhecer as crianças como seres ativos e autênticos protagonistas de seu processo de desenvolvimento, dando especial importância aos aspectos emocionais e afetivos. Devemos considerar metodologias que partem da ação, do movimento, da experiência do corpo, para alcançar ou desenvolver sua personalidade global, um tipo de pensamento cada vez mais elaborado e uma forma de comunicação mais rica e expressiva.

Em suma, o desafio é encontrar uma forma de cuidar e acompanhar a criança nesta fase para que ela seja um agente ativo na aquisição do conhecimento de estar ou não próximo, e para que possa acessar, com prazer, a conquista de sua própria autonomia. E a Psicomotricidade pode ser –deve ser- um meio fundamental nesse processo.

A PSICOMOTRICIDADE, O CORPO E O MOVIMENTO

O trabalho da educação psicomotora com as crianças deve prever a formação de base indispensável em seu desenvolvimento motor, afetivo e psicológico, dando oportunidade para que por meio de jogos, de atividades lúdicas, se conscientize sobre seu corpo. Para que a criança desenvolva o controle mental de sua expressão motora, a ludicidade deve realizar atividades considerando seus níveis de maturação biológica.

A prática da Psicomotricidade em momentos livres, em espaços coletivos ou não, colabora para o desenvolvimento emocional da pessoa, que ao relacionar-se divide opiniões, cria analogia e até ajuda seu próximo, contribui de várias maneiras na vida pessoal de cada indivíduo que usa suas horas livres em prol de seu bem estar, além do desenvolvimento de virtudes e valores, benéfico também para depois da prática, deixa de lado o mal humor, dorme bem, acorda melhor, com disposição, intensificando sua produtividade no trabalho, afazeres rotineiros, aumenta sua concentração, ou seja, para que se tenha uma vida mais prazerosa que traga enriquecimento corporal, intelectual, se faz necessário usar o tempo livre, para ser feliz, cuidar de si.

A Habilidade Psicomotora é muito importante para o desenvolvimento das crianças de modo que devem ser abordadas em todos os níveis da educação básica, especialmente na Educação Infantil.

Na Educação Infantil deve ser praticada movimentos do corpo e mental, integrando as in-

terações físicas, emocionais e cognitivas por meio de atividades que são projetados para o exercício, para os alunos da nossa pré localizados na comunidade de erva santa guerreira, assim para que eles ganham confiança, autonomia própria iniciativa, que irá permitir que nossas crianças a desenvolver suas guerreirenses personalidade, tudo isso é para ser uma projeção ativa, intencional; É claro que reconhecer é uma tarefa que ocupa análise e dedicação na prática docente e acaba sendo benéfica em nossos alunos.

Para um bom desenvolvimento psicomotor é importante integrar os pais sejam envolvidos e incentivar seus filhos cedo, isso vai ajudar a fortalecer o desenvolvimento pessoal e sua educação, aumentando a psicomotricidade. A maturação psicomotora da criança é mais importante.

Através dos exercícios propostos e sugeriu que visam ajudar os pais e educadores para obter e melhor primeira maturação psicomotora da criança, maior domínio de habilidades motoras e uma melhor compreensão do corpo e do mundo ao seu redor; fenômeno , de maneira muito mais lenta e imperfeita. (Cuenca 1986, p. 12).

Toda prática humana na vida cotidiana precisa ser reconhecida de seus esforços e de sua capacidade, isso os faz sentir carinho e segurança, o contexto educacional não está isento dessa necessidade, qualquer atividade projetada e praticada pelo professor não deve ser apenas reconhecida, se não rotulado e avaliado, tomando todos os esforços que o aluno pratica no processo de ensino-aprendizagem como um impulso para continuar e dados ou evidências que permitem ao professor conhecer as características pessoais dos alunos, assim, como um todo, corrigir deficiências , avaliar e avaliar os sucessos nas atividades de aprendizagem no desenvolvimento psicomotor como conhecimentos, habilidades e atitudes que exemplificam os alunos na prática de seus estudos.

O LAZER E SUAS DIFERENTES FORMAS PARA COLABORAR COM A PSCIMOTRICIDADE

Convém repetirmos a complexidade do fenômeno lazer, considerando sua ligação com as formas e organização do trabalho em diferentes sociedades, como uma temática desafiadora.

Dessa maneira, ao logo dos anos, não se apresentava um conceito específico que envolvesse sua total dimensão, tornando -se um grande desafio ao longo da história.

Muitos foram os esforços a busca de compreensão sobre lazer, os autores partiam de seu referencial teórico, cada um com sua definição a respeito do que é lazer, o que por sua vez colaborava para a complexidade na conceituação de lazer.

Observando a epistemologia da palavra lazer, não se tem clareza de sua definição, entende, poder-se fazer”, a palavra apresenta entrave em seu entendimento, frente a administração do tempo e em oposição ao trabalho.

Ao se deparar com o modo de produção vigente, bem como com sua proposta de a carga excessiva de trabalho, passou a enaltecer a valorização do não-trabalho, que se transformava em

tempo livre para os operários, na qual vivenciarias as práticas de lazer segundo Rolim (1989, p.51).

Na perspectiva psicossociologia, em que o lazer é bem delimitado como tempo livre, quando há liberdade para administração do descanso (repousando, divertindo-se), podendo desenvolver intencionalmente as formas e os conteúdos do ócio (ROLIM, 1989). É preciso destacar que alguns estudiosos se opõem a essa divisão proposta pelo referido autor, posto que ele subdivide e fragmenta o fenômeno, no entanto, para nós, sua categorização foi um importante caminho para pensarmos nosso trabalho.

No entanto, uma das referências obrigatórias para compreensão e conceituação do lazer é Dumazedier (1973). Segundo (REQUIXA, 1977), um dos conceitos de lazer mais importante que foi construído e proveniente de Joffre Dumazedier, em sua obra *Vers une civilization du loisir?*

Dumazedier (1973) inaugura uma teoria mais geral, do que propriamente uma teoria do lazer, denomina-a como – a “Teoria da Decisão”, nela ele articulava três tipos de pensamento: o pensamento axiológico; o pensamento teleológico instrumental; e o pensamento probabilístico.

Dito de modo mais simples, o pensamento axiológico é o pensamento do que é desejável; o pensamento teleológico instrumental é o pensamento do que é possível; e o pensamento probabilístico é o pensamento do que é provável, antes e depois da intervenção, isto é, o pensamento probabilístico examina as necessidades prováveis a satisfazer e quais os resultados prováveis a obter (DUMAZEDIER, 1973).

Numa perspectiva sociológica, o autor define lazer como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (Ibidem, 1973, p.34)

Contudo, para Andrade (2001), o lazer é caracterizado como “um conjunto de fatos e circunstâncias [...] que apresentam como isentos das pressões e das tensões, podem afetar as atividades humanas individuais e grupais” [...] (p.21). O fenômeno caracteriza-se, para esse autor, como uma atividade essencial à vida humana, com efeitos de equilíbrio, saúde e produtividade.

Ressalta ainda que “[...] não há lazer que se realize, produtivamente, em corpos exaustos e/ou mentes tumultuadas por distúrbios na formação estrutural ou por quaisquer outros tipos de desvirtuamentos conhecidos e desconhecidos” (ANDRADE 2001, p.22).

Para, Pedro (2005) lazer denota uma escolha livre, com uma autogestão do tempo livre, desde que haja uma satisfação pessoal, podendo melhorar a qualidade de vida, nomeadamente o bem-estar físico, mental e social. Para este autor, o lazer está intrinsecamente relacionado com

o contentamento, o que é relevante que se faça de livre vontade, ou seja, com autonomia.

Os benefícios citados por Pedro (2005) também são descritos por Dumazedier (1973, p.30): “[...] a ação positiva do lazer sobre o indivíduo, é de realçar os benefícios para a mente, para o físico, para a formação profissional e para a sua sociabilidade”.

Portanto, o lazer precisa ser considerado como um desenvolvimento integral, que promova crescimento pessoal e social do indivíduo, visto como tempo livre, para distrair-se prazerosamente, levado em conta as necessidades do seu uso com como desenvolvedor psicossocial.

Já para Marcelino (1987 e 2006) existem outras possibilidades de lazer além do descanso e divertimento, trata-se do desenvolvimento pessoal e social que o lazer, ou seja, como o teatro, turismo, festa etc. O autor sinaliza para a existência de uma perspectiva formativa por meio do lazer, transcendendo os limites do descanso. Segundo ele, nas diferentes práticas do lazer, estão presentes oportunidades excepcionais, podendo ser um ambiente fecundo de reflexão sobre as pessoas (e valores) e as diferentes realidades nas quais as mesmas estão inseridas.

Em uma perspectiva formativa, por meio do lazer, não se é pensado como descanso, o que proporcionou sua valorização.

Marcelino (1987 e 2006), advoga a respeito dos benefícios oriundos das práticas de lazer:

Assim, a admissão da importância do lazer na vida moderna significa considerá-lo como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para implementação de uma ordem social. [...] a busca do prazer no lazer, o que não impede sua caracterização como um dos canais de atuação, no plano cultural, tendo objetivos não meramente reformistas, mas que signifiquem mudanças radicais no plano social. (MARCELINO, 1987, p. 40-41)

O autor defende o lazer enquanto mecanismo de transformação cultural, que gerou mudanças na organização social, nesta perspectiva, Marcelino (1987) advoga por uma formação, por meio do lazer, observando nele, um campo fecundo para as mudanças sociais.

Valeremos da compreensão que observa Marcelino (1987) concebendo através do lazer um espaço de formação humana, bem como, um ambiente adequado para as mudanças sociais, ou nas palavras do autor, como necessidade básica do homem.

Haag (1981), falando sobre o esporte e o tempo livre, considera que ambos são fenômenos ou formas de manifestação de nossa vida cotidiana sobre as quais se discute muito, mas que são mal interpretados. Para esclarecer a relação entre o esporte e o tempo livre, analisa o que entendemos por esporte: “a palavra provém do verbo latino ‘deportare’, distrair-se, e logo se substantivou em francês e inglês na forma ‘desport’ ou ‘sport’, o que significa diversão” (p. 91).

Segundo Marcellino (2006), para que o lazer possa ser um mecanismo de transformação cultural, conseqüentemente agisse como um meio de mudanças sociais:

O ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesses, dessa forma, exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o contato com outros costumes e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quisesse. No entanto, o que se verifica é que as pessoas geralmente restringem suas atividades de lazer a um campo específico de interesses. E geralmente o fazem

Visando a ampliação de satisfação pessoal ligada ao lazer, poder-se incluir habilidades esportivas, onde o indivíduo tem a possibilidade de conhecer suas capacidades, trabalhando suas emoções, resolução de problemas, por meio, do esporte, o qual sucesso e fracasso são experiências importantes, pois:

O sucesso transmite uma sensação de satisfação pessoal pela conquista adquirida e serve como ponto inicial para novas realizações, e o fracasso tem o seu valor na qualidade de incentivo para uma nova tentativa de êxito. (ZILLIO, 1994 apud BENETTI et al, 2005).

Diante disso, interagir e lidar com as situações que envolvem aspectos sociais e pessoas, situações que envolvem determinação, disciplina, autoconfiança, coragem, entusiasmo e entre outros fatores, torna-se possível com a prática de atividades físicas.

Dessa forma, torna-se relevante que as pessoas usufruam de diversas atividades e do diferente conteúdo do lazer, para que haja vivências e experiências, se expandindo assim, o campo de interesses. Todavia, sabemos que, para que exista expansão e se desfrute tanto da diversidade quanto da qualidade do lazer, é preciso de uma educação formal e informal que possibilite tais vivências e formação, pois os limites formativos e a pouca oferta de experiência com os conteúdos empobrecem a educação para e pelo lazer, como bem observou Pereira (1993) ”.

Cabe destacar que, segundo Libâneo (2007) que educação não formal, “são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas” (p.89).

Marcelino (1987), considerando que o lazer deverá atender as pessoas nos diferentes segmentos da vida, e, portanto, é necessário que as pessoas conheçam seus conteúdos, para que os mesmos possam atender seus interesses.

Buscando uma contribuição na construção de uma sociedade humana e digna, como fruto de uma mistura de princípios, a fim de incentivar o lazer, rompendo com os princípios culturais, instituído pelo estigma social, as pessoas podem se desenvolver em um ambiente de lazer, considerado um espaço de formação humana.

A LUDICIDADE COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A PSICOMOTRICIDADE

A ludicidade tem sido nos últimos anos um tema bastante discutido por profissionais de diversas áreas, assim como a música, pois ambas contribuem para a formação do indivíduo. A psicologia, “ciência que estuda a mente e os processos mentais, especialmente no que se relaciona ao comportamento do homem” (Aurélio, 2001:566), provou que a participação do elemento lúdico, no dia-a-dia da criança, traz bons resultados na formação do “eu”, ou seja, que brincando a criança além de estar desenvolvendo diferentes aspectos como: o afetivo, o social, o físico e o cognitivo, estarão ao mesmo tempo aprendendo a compreender o mundo que o cerca.

Sem brincar e sem se movimentar a criança acabará perdendo etapas importantes para o seu desenvolvimento, podendo conseqüentemente desenvolver estresse, agressividade e lentidão mental.

A partir desse novo conceito atribuído ao lúdico, como fator essencial no meio social, espaço antes dissociados deste elemento como: empresas e escolas, que antes dividiam a hora de brincar e o do aprender/trabalhar, refletem sobre sua inclusão e a sua superação da dicotomia entre essas tarefas: brincar/trabalhar/estudar, para que a construção do sujeito seja integral.

O brincar faz parte da essência de cada um, contribui no desenvolvimento social, cultural das pessoas, favorece aprendizado, tornado apto a viver na sociedade sem agressão a sua existência, por meio, do simbolismo realiza ações e intervenções no mundo, desenvolvimento a imaginação, a confiança, o controle, a criatividade, a cidadania, suas frustrações, a cooperação e o relacionamento interpessoal, a brincadeira é a porta de entrada para um outro mundo, possibilita a exploração e reflexão da realidade e da cultura que se está inserido, sem perceber a interferência nas regras sociais acontecem de forma prazerosa.

A brincadeira estimula o intelecto, confronta o emocional, desestabiliza a convivência individual, oportunizando um desenvolvimento do cérebro, social e cultural, assim, expõe seus conhecimentos e expectativas do mundo, uma maneira satisfatória de envolver as exigências sociais a vida cotidiana de cada um, para que elabore sua autonomia de ação de forma a organizar emoções, consolidando valores e virtudes, pois ajuda a controlar a impulsividade, promove a reflexão, estimulando o planejamento de estratégias, o que desenvolve conexões cerebrais, atuando diretamente nas emoções da pessoa, para brincar é preciso companhia, estar com o outro nos espaços coletivos, dividir objetos, se colocar no lugar do outro, ensinar e aprender o que é proposto, essa interação traz benefícios sociais.

A possibilidade de brincar de forma intencional, livre e exploratória proporciona à criança uma aprendizagem ativa por meio da qual as muitas ser capaz de compreender e resolver problemas serão encontradas, tais como (MOYLES, 2002, p.76):

- A oportunidade de identificar, compreender, reconhecer e entender as propriedades dos materiais;

- Descobrir e distinguir elementos e características semelhantes e diferentes, e combinar, separar e classificar;

- Discutir com o grupo de pares e as suas explorações e aprender com e a partir de outras crianças e adultos; - Usar e descrever as coisas de diferentes maneiras;

- Representar as coisas em diferentes forma e estruturas e observar e antecipar transformações e mudanças;

- Arranjar e rearranjar materiais dentro de um espaço dado e experiência ordem e sequência;

- Aprender sobre as próprias capacidades, preferências e desgostos;

- Aprender a lidar com a frustração e aprender relações simples de causa e efeito; -

Aprender que é necessário tempo para realizar e completar uma tarefa ou chegar a um resultado desejado

Zanluchi (2005, p. 89) reafirma que “Quando brinca, a criança prepara-se a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como

vai compreendendo como são e como funcionam as coisas.”

O brincar e o lúdico estão intrínsecos na vida das pessoas que precisam dessas experiências prazerosas, a fim de unir o brincar, com o lazer, ambos se denominam atividades de horas livres, momentos esperados para relaxamento, físico e mental, sobre o lazer, pontua-se no PCN, (1998, p.117):

O lazer é de suma importância na estruturação das identidades, individuais e coletiva, portanto, já que o lúdico é parte do lazer, logo auxilia também nessa construção. No processo de estruturação das identidades — individuais e coletivas — o lazer aparece, para os adolescentes e jovens, como um espaço particularmente importante. Por ser menos disciplinado que a família, a escola e o trabalho, o lazer propicia o desenvolvimento de relações de sociabilidade e de experimentação, fundamentais para esse processo. O lazer permite também que os adolescentes e jovens expressem seus desejos e aspirações e projetem outros modos de vida. Por todos esses aspectos, o lazer se evidencia como uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil. Partindo do pressuposto de que o lazer é parte fundamental na construção da identidade na fase juvenil, decidimos usá-lo como fator positivo no auxílio ao aprendizado, pois assim como é fundamental nesse processo, porém invisível aos olhos do jovem ou adolescente, é também no processo da educação, ou seja, o indivíduo aprende de forma prazerosa, pois o lúdico lhe proporciona esse prazer.

O aprendizado vem por consequência e o aluno não se dá conta de que está aprendendo Português, mas aprende porque a matéria foi relacionada a uma atividade prazerosa.

A Psicomotricidade aproxima-se do lúdico; o jogo, por exemplo, incorpora o seu próprio conceito, o lúdico, no qual é uma atividade livre, uma diversão (sem caráter de obrigatoriedade); delimitada (num espaço e tempo previamente estabelecidos); incerta (sem precisão de resultados); improdutiva (não mantém vínculos com a sociedade-consumo); regulamentada (submissa a regras) e fundamentada (num contexto de irrealidade perante a vida) (BRUHNS, 1997).

Portanto, a junção entregar-se à Psicomotricidade em meio a brincadeira, é desfrutar da internalização de virtudes e valores com satisfação, sem cobrança e obrigatoriedade, é poder alcançar níveis elevados de aprendizado interno, que realizada em tempo livre promove, autoconfiança, autonomia, satisfação, alegria, além do desenvolvimento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento é uma parte essencial da vida de um ser humano. Por meio do movimento, instrumento fundamental de interação social, realizamos tarefas básicas de sobrevivência, exploramos nosso ambiente, nos relacionamos com a sociedade e nos comunicamos.

A competência motora considera o movimento um meio de comunicação, expressão e relacionamento com os outros, desempenhando um papel fundamental na personalidade harmoniosa da criança, uma vez que permite que a criança não apenas desenvolva suas habilidades

motoras, mas também integre pensamento, emoções e socialização.

O movimento é vital para o desenvolvimento das crianças desde a educação infantil, cujo objetivo é promover a conquista e o desenvolvimento de hábitos, habilidades, aptidões e habilidades psicomotoras que contribuam para o desenvolvimento pleno e harmonioso da criança.

Tendo em vista o exposto, a competência motora é parte fundamental da formação do ser humano, pois contribui para o aprimoramento global da mente, corpo e espírito, por meio de atividades motoras racionalmente planejadas.

Os estudos realizados até o momento enfatizaram a necessidade de que a educação do movimento tenha uma visão abrangente e integrada do sujeito como unidade psicofísica, concentrando-se no desenvolvimento das condições relacionais, comunicativas, expressivas e operacionais da personalidade como parte da vida de uma pessoa.

A importância dada ao corpo no ambiente de educação infantil é inquestionável, pois as ocorrências e vivências cotidianas são uma grande fonte de aprendizado. Assim, poder vivenciar o próprio corpo em tal ambiente, por meio de exercícios motores, garante que a escola não seja apenas um lugar de transmissão de conhecimento, mas também um espaço de criação e comunicação, onde o corpo possibilita a aprendizagem das crianças.

Na sala de aula, a competência motora é essencial, pois estimula a atividade motora dos alunos, permitindo-lhes atingir um nível significativo de maturidade em cada um dos seus padrões básicos de movimento, na sua coordenação, competência motora, lateralidade, manipulação de objetos, equilíbrio, etc. Tudo isso formará a base necessária para preparar os alunos para o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

BARROSO, M. **Auto-estima: ecologia ou catástrofe**. Caracas, Venezuela: Editorial Galac. 1987.

BRASIL, **Desporto, discurso e substância**. Campo das Letras: Porto: Campo das letras – Editores, S. A., 2004.

_____. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9394/96**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CUENCA, F. **Como desarrollar la psicomotricidad en el niño**. Narcea. s. a. de ediciones. Madrid, 1986.

CUNHA, Newton. **A Felicidade Imaginada: a negação do trabalho e do lazer**. São Paulo : Brasiliense, 1987.

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Estúdio Nobel. SESC, 1994

_____. **Lazer e cultura popular** – 3 a ed. – São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Tradução Octavio Alves Velloso. 6ª edição – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. 211p.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível ou invisível**. Barcelona, Espanha: Península. 1975.

WITTER, G. Porto. **Família e aprendizagem**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

ZANLUCHI, F.B. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina: O autor, 2005.



A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO

THE IMPORTANCE OF EMOTIONAL INTELLIGENCE IN EDUCATION

Márcia Aparecida Messias de Carvalho

RESUMO

Neste artigo, discutiremos a Importância da Inteligência Emocional na Educação e por que saber lidar com emoções é tão importante desde a tenra idade. Este artigo apresenta as características da Inteligência Emocional e sua importância no ensino/aprendizagem e na relação entre professores e alunos. Também analisa a gerenciamento de conflitos e a escolha de diferentes estratégias para solucionar problemas através inteligência emocional. Utilizou-se para a construção desse artigo a leitura do livro Inteligência emocional: A Teoria Revolucionária que Redefine o que é ser Inteligente de Daniel Goleman e o livro Gestão da Emoção de Augusto Cury. É Defendido o uso da Inteligência Emocional nas escolas públicas e particulares, também será afirmada a importância do professor para o desenvolvimento do tema em sala de aula, para o crescimento pessoal e social dos alunos. O estudo foi pensado para ajudar no crescimento do tema e mostrar a importância da formação continuada sobre Inteligência Emocional para professores. O artigo foi construído com base em pesquisas, livros e artigos, que ajudaram na construção do tema escolhido.

Palavras-chave: Inteligência Emocional; Educação Emocional; Escola; Educador.

ABSTRACT

In this article, we will discuss the Importance of Emotional Intelligence in Education and why knowing how to deal with emotions is so important from an early age. This article presents the characteristics of Emotional Intelligence and its importance in teaching/learning and in the relationship between teachers and students. It also looks at conflict management and choosing different strategies to solve problems through emotional intelligence. For the construction of this article, the book Emotional Intelligence: The Revolutionary Theory that Redefines what it means to be Intelligent by Daniel Goleman and the book Gestão da Emoção by Augusto Cury was used. The use of Emotional Intelligence in public and private schools is defended, the importance of the teacher for the development of the theme in the classroom, for the personal and social growth of the students, will also be affirmed. The study was designed to help grow the topic and show the importance of continuing education on Emotional Intelligence for teachers. The article was built based on research, books and articles, which helped in the construction of the chosen theme.

Keywords: Emotional Intelligence; Emotional Education; School; educators.

INTRODUÇÃO

Precisamos demonstrar a importância da Inteligência Emocional nas escolas e na profissão docente, aprender a lidar com cada aluno e entendendo que, além de ser aluno, também são pessoas emocionais.

Nessa situação, o ambiente escolar deve estar preparado para apoiar o desenvolvimento do aluno em sua capacidade de lidar com suas emoções.

Os desafios da educação contemporânea estão aumentando e atraindo a atenção de gestores educacionais, educadores e familiares.

Como a vida em família não mais proporciona a crescentes números de crianças uma base segura na vida, as escolas permanecem como o único lugar a que a comunidade pode recorrer em busca de corretivos para as deficiências da garotada em competência emocional e social. Isso não quer dizer que as escolas, sozinhas, possam substituir todas as instituições sociais que muitas vezes já estão ou se aproximam do colapso. Mas, como praticamente toda criança vai à escola (pelo menos no início), este é um lugar que pode proporcionar às crianças os ensinamentos básicos para a vida que talvez elas não recebam nunca em outra parte. (GOLEMAN, p. 330, 2011).

As atividades de inteligência emocional nas escolas ajudam não apenas os alunos, mas todos na comunidade escolar a desenvolver habilidades fundamentais no ambiente escolar.

Hoje em dia, os comportamentos de jovens e crianças em idade escolar são mais nocivos, por exemplo, o ambiente escolar às vezes torna-se palco de situações como o “bullying”, a escola preparada para lidar com tais situações, terá mais oportunidades para ajudar seus educandos.

A Lei nº 9.394 LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), inclui a disciplina de Inteligência Emocional no currículo do ensino médio.

Art. 26. § 1º Os currículos a que se refere o caput abrangerão obrigatoriamente o estudo de: I – Língua Portuguesa; II – Matemática; III – mundo físico e natural; IV – realidade social e política, especialmente do Brasil; e V – inteligência emocional. (BRASIL, PL 10839/2018).

Um dos maiores apoios para os alunos nessa fase é o professor e a escola, por isso é importante que todos estejam preparados para lidar com as situações que se apresentam na escola.

Com o avanço da tecnologia, a nova geração se tornou um desafio para as famílias e seus educadores.

Todas essas questões afetam os relacionamentos que construímos e devemos aprender maneiras melhores de ter um impacto positivo, construir relacionamentos saudáveis e aprender mais sobre nós mesmos, outras pessoas e o mundo em que vivemos.

A falta de atividades em grupo e de relacionamento com os pares causam dificuldades para as crianças. Falta de habilidade para lidar com a frustração, empatia e egoísmo. Portanto, a inteligência emocional tem um papel importante no ambiente educacional.

O objetivo deste artigo é discutir a importância da inteligência emocional nas escolas.

A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO

Daniel Goleman é um estudioso responsável pelo conceito de “inteligência emocional” através do livro “Inteligência Emocional” publicado em 1986.

Ele disse que a inteligência emocional é a capacidade de reconhecer as emoções de si mesmo e dos outros, que ela pode motivar e gerenciar relacionamentos pessoais e profissionais. Está relacionado ao desenvolvimento da vida.

- Autoconsciência,
- Autocontrole;
- Consciência social;
- Habilidade de gerenciar relacionamentos.

(Dados tirados do livro de Daniel Goleman Inteligência emocional).

A escola tem responsabilidade no desenvolvimento intelectual, cognitivo e social das crianças. As disciplinas tradicionais desempenham um papel importante, porém não devem ser os únicos conteúdos de aprendizagem nas escolas.

Assim, uma nova estratégia de educação emocional não é criar uma nova classe, mas fundir lições sobre sentimentos e relacionamentos com as outras matérias. As lições emocionais podem fundir-se naturalmente com leitura e escrita, saúde, ciência, estudos sociais e também com outras disciplinas-padrão. (GOLEMAN p322, 2011).

O novo desafio dos educadores e familiares com a nova geração é o avanço da tecnologia.

O dia-a-dia das Crianças geralmente é em contato com dispositivos tecnológicos o que limita o convívio social dessas crianças.

Dentro dessa nova realidade, a educação socioemocional ajuda no desenvolvimento de habilidades básicas para o convívio, ajuda as crianças a desenvolverem ferramentas de tolerância e respeito pelos outros e a lidar com suas próprias emoções.

A virada do milênio iniciou uma Era da Melancolia, do mesmo modo como o século XX se tornou a Era da Ansiedade. Dados internacionais mostram uma espécie de epidemia moderna de depressão, que se espalha de mãos dadas com a adoção, em todo o mundo, de modos modernos. Desde o início do século XXI, cada nova geração tem vivido sob maior risco que aquela que a antecedeu de sofrer uma depressão grave — não a mera tristeza, mas uma paralisante apatia, desânimo e autopiedade — no transcorrer da vida. (GOLEMAN, p288 2011).

Esses recursos ajudam a tornar a infância dessas crianças mais fácil e tranquila, também serão úteis na vida profissional de cada aluno.

A empresa valoriza profissionais que controlam suas emoções inteligentemente, pois assim são benéficas para todos e contribuem para o ambiente profissional crescer.

O desenvolvimento emocional tem um grande impacto no meio ambiente, às escolas precisam desempenhar um papel decisivo na educação de crianças e jovens a esse respeito. Também existe uma forma de encontrar soluções criativas para conflitos, planos de desenvolvimento e capacidades sociais.

Esta é uma maneira prática de manter os alunos em um estado de crescimento emocional.

Outro método é adicionar educação emocional, vinculando atividades de várias disciplinas.

Portanto, é importante que os educadores estejam prontos para entender tudo sobre a inteligência emocional. Pois, se os professores não souberem sobre Inteligência emocional, terão dificuldade em contribuir para o desenvolvimento dos seus alunos.

Um curso de pós-graduação em inteligência emocional fornecerá orientação sobre como o educador desenvolverá suas habilidades, assim saberá como trabalhar-las em sala de aula. Os professores, assim como as crianças, podem ser incentivados a solucionar desafios que ajudam no desenvolvimento da inteligência emocional na escola.

Acredito que a escola deve cooperar para apoiar a formação emocional dos alunos.

O processo de ensino envolve relações entre professores e alunos, entre alunos e seus colegas e professores/alunos e os outros funcionários da escola e saber conviver com os outros, isso faz parte do processo de ensino/aprendizagem. Isso envolve:

- Respeito;
- Controle das emoções;
- Concentração;
- Superação;
- Aceitação e aprendizado motivacional.

Com isto, infere-se, por exemplo, que um estudante aplicadíssimo, que sabe de cor e saltado a matéria para um teste, possa não conseguir aceder a todo o corpo de informações num determinado bloco de tempo em que está tenso e, deste modo, ter um péssimo resultado. Treinar e proteger a emoção é primordial. Mas quem sabe protegê-la? Em que escola secundária ou universidade os alunos são educados para filtrar estímulos estressantes e poupar os recursos do cérebro? (CURY. P12, 2015).

Não podemos negar que as emoções estão intimamente relacionadas ao processo educacional. O maior problema é transcender essa consciência e introduzir educação emocional nas escolas.

O que precisa ser enfatizado é que o trabalho docente deve associar o aspecto emocional ao pensamento, ou seja, certas emoções terão impacto negativo ou positivo no processo de aprendizagem.

Dessa forma, o aluno desenvolve a capacidade de lidar com suas emoções e o crescimento cognitivo, para saber como agir emocionalmente por meio do pensamento. Portanto, o desenvolvimento da educação emocional não visa priorizar as funções acadêmicas da escola, mas aperfeiçoar o processo intelectual por meio do controle das emoções. É formar uma pessoa autônoma que sabe que deve agir conscientemente e crítica em todos os conceitos e momentos da sua vida, assim ser produtiva em um ambiente social.

Educar o Eu para exercer os seus papéis vitais como líder da psique; equipar e proteger a emoção para ser saudável, profunda, estável, contemplativa; gerir os pensamentos para aquietar a ansiedade; e libertar a criatividade são alguns dos elementos que constituem o mais admirável de todos os treinos, o coaching emocional. A gestão da emoção é a base de qualquer treino psíquico: profissional, educacional e interpessoal. (CURY. p11, 2015).

A escola pode e deve prestar assistência a alunos e professores, para que com a ajuda dos

educadores os alunos possam desenvolver as suas capacidades de autoconhecimento, autopercepção e empatia para compreendê-los e saber responder a esses estímulos emocionais.

Uma aptidão social fundamental é a empatia, ou seja, a compreensão dos sentimentos dos outros e a adoção da perspectiva deles, e o respeito às diferenças no modo como as pessoas encaram as coisas. Os relacionamentos são um foco importante, incluindo aprender a ser um bom ouvinte e um bom questionador; distinguir entre o que alguém diz ou faz e nossas reações e julgamentos; ser mais assertivo, e não raivoso ou passivo; e aprender as artes da cooperatividade, solução de conflitos e negociação de compromissos. (GOLEMAN, p319 2011).

Portanto, o trabalho realizado no ambiente educacional extrapola o âmbito da sala de aula, possibilitando considerar a formação do aluno como parte integrante da sociedade.

Existem várias maneiras de lidar com a educação emocional, por exemplo, uma delas é dar tempo aos professores para atividades de reflexão. Portanto, os alunos podem pensar sobre diferentes questões e entender como o entender e viver o mundo.

Você também pode realizar processamento dinâmico, refinamento de obras e murais exercícios de meditação e relaxamento.

Vale lembrar que a participação do professor nesse processo é a base para desenvolver da melhor forma a inteligência emocional. Este método precisa acontecer naturalmente, que pode ser por conversas informais para trocar experiências, gostos pessoais e contar a reação ao problema. Desta forma, os alunos terão uma confiança fixa em sala de aula.

Quando for necessário cuidar da saúde emocional dos alunos, o ambiente educacional se transformará automaticamente em um local seguro, forte e emocionalmente saudável e estável. Portanto, é possível formar melhores cidadãos que entendam as atitudes da sociedade atual.

Para fazer face ao “stress” diário o fundamental é saber aplicar a educação emocional, para ser possível obter alguns resultados positivos, como maior compromisso com as metas e objetivos da escola.

O desenvolvimento dessas habilidades é importante para quebrar barreiras além do conhecimento acadêmico. Com isso, fica mais fácil alcançar o equilíbrio e é possível ensinar os jovens a lidar com as suas emoções e as do mundo.

Mesmo que as informações pessoais de cada aluno difiram, elas podem ser adaptadas à realidade de cada um, garantindo assim um ensino de qualidade.

Afinal, é importante reconhecer as limitações de suas vidas em sociedade, pois é necessário lidar com pessoas diferentes, com diferentes culturas, modos de pensar, atitudes, entre outras ideias diariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprendemos com esse artigo o que é inteligência emocional e como ela pode ajudar no ensino nas escolas.

A inteligência emocional é um traço relacionado à capacidade de entender e controlar as emoções, é considerada uma ferramenta para a educação.

O motivo é baseado no crescimento da inteligência emocional humana, e o quanto lidar com as emoções é importante em todas as áreas da nossa vida, isso é óbvio.

A inteligência emocional pode certamente dar uma grande contribuição para a pedagogia, se empregada de maneira responsável. Portanto, esta é uma habilidade educacional muito importante. Como o ambiente escolar é repleto de interação, é importante que os alunos aprendam a controlar suas emoções e a se integrar com outros grupos de alunos.

É importante que o educador esteja preparado para utilizar esse recurso em suas aulas, isso só é possível com a educação continuada. Esse recurso é essencial para o aprendizado e será amplamente utilizado em sua carreira.

Para desenvolver a inteligência emocional, você precisa aprender a expressar suas emoções e entender seus pontos fortes e fracos. O professor conseguirá absorver e ensinar aos seus alunos enquanto estuda o assunto.

Ao contrário das disciplinas comuns, você não pode entender as emoções lendo ou fazendo aulas. Você deve praticar e vivenciar diferentes situações.

As escolas devem praticar essas habilidades com os alunos para terem um espaço aberto para o diálogo e expressão de emoções.

Os professores também precisam desenvolver esse aspecto para poderem contribuir com o aprendizado dos alunos.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. PL 10839/2018. O Congresso Nacional. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 2008.

CURY, Augusto. Gestão da Emoção: Técnicas de coaching emocional para gerenciar a ansiedade, melhorar o desempenho pessoal e profissional e conquistar uma mente livre e criativa. São Paulo: Saraiva. 2015.

FRANCO, Blandina. Histórias da Tia Val. São Paulo: Walprint Gráfica e Editora. 2020.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. A Teoria Revolucionária que Redefine o que é ser Inteligente. Tradução Marcos Santarrita. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Disponível em: < <https://edisciplinas.usp.br/>>. Acesso em 01 de dezembro de 2021.

PINNOLA, Bianca. BIANCO, Caio. LONDON, Joana. LIV: Material da Família. São Paulo: Walprint Gráfica e Editora. 2020.



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fauesp
e-ISSN: 2675-1186

A TRAJETÓRIA DO INSTITUTO LÓCZY/ PIKLER
THE TRAJECTORY OF THE LÓCZY/PIKLER INSTITUTE

Maria Valéria Giusti Malavasi Molinari

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo analisar os principais dados da trajetória de Emmi Pikler e do Instituto Lóczy-Pikler, fundado em 1946, em Budapeste-Hungria. Visa relatar sua importância na educação das crianças pequeninas, numa perspectiva humanizadora e com a confiança e crença na autonomia do bebê e da criança pequena, no acompanhamento e atenção ao desenvolvimento dessa criança e da importância dos primeiros anos de vida para a formação de um ser adulto íntegro.

Palavras-chave: Emmi Pikler. Instituto Lóczy-Pickler.Crianças.

ABSTRACT

This article aimed to analyze the main data of the trajectory of Emmi Pikler and the Lóczy-Pikler Institute, founded in 1946 in Budapest-Hungary. It aims to report its importance in the education of young children, in a humanizing perspective and with the trust and belief in the autonomy of the baby and the small child, in the monitoring and attention to the development of this child and the importance of the first years of life for the formation of a being healthy adult.

Keywords: Emmi Pikler. Lóczy-Pickler Institute.Children.

INTRODUÇÃO

Emmi Pikler (Emilie Madeleine Reich) nasceu em Viena, no ano de 1902, filha de uma professora e de um artesão. Formou-se médica em Viena e obteve sua licenciatura em pediatria no Hospital Universitário no ano de 1922. Durante essa época, sob a orientação do professor Clemens Von Pirquet e também graças ao cirurgião pediatra Hans Slazer, adquire algumas concepções que determinaram sua atividade posterior. Por exemplo: A necessidade de tratar com delicadeza o bebê em qualquer situação, mesmo a mais complicada (como um procedimento médico) e a ideia de que as crianças pequenas apresentam um melhor desenvolvimento se conseguem se mover com liberdade; as crianças doentes, em função de sua patologia ou do seu estado, não eram obrigadas a ficar o tempo todo na cama, mas eram indicadas brincadeiras, em cantos especialmente arrumados para crianças de todas idades; as roupas dos lactantes eram diferentes das usadas na época. As pernas ficavam livres e as fraldas ajustadas para que pudessem se mover livremente; as crianças, inclusive os lactantes passavam várias horas ao dia, mesmo no inverno, ao ar livre, protegidos do frio; uma regra do hospital obedecida por todos era a proibição de dar, inclusive à criança doente, uma colherada a mais do que ele aceitasse voluntariamente.

Além disso, a receptividade colaboraria com as ações dos adultos que as tutelavam, valorizando uma criança sensível e receptiva. Emmi Pikler também observou a importância da criança em movimentar-se com liberdade e sem restrições é mais prudente, já que ela aprende a cair. Em contrapartida, a criança superprotegida e que se move com limitações apresentam mais chances de acidentes pois lhe faltam experiências de seus limites e capacidades. Esse fato foi constatado com base nos números de ocorrências de acidentes recebidos no hospital. A maioria dos casos eram de famílias abastadas, pois tinham um cuidado excessivo (superproteção) com as crianças, e aquelas crianças de famílias mais humildes, que jogavam e corriam pelas ruas e eram criadas mais soltas, a probabilidade de se acidentarem era menor.

Emmi Pikler conhece então seu marido, György Pikler, um pedagogo progressista com ideias compatíveis com as da esposa e em quem pode se apoiar para desenvolver sua atividade. Com a chegada de uma filha, Anna, o casal decide não acelerar seu desenvolvimento, respeitando seu ritmo individual e assegurando a ela todas possibilidades de movimentos livres e brincadeiras autônomas. Porém, em 1935 seu marido é preso por motivos políticos e três anos depois do acontecido, são promulgadas leis antissemitas que impedem Emmi Pikler de trabalhar em hospitais. Assim, a médica durante mais de dez anos exerce a função de pediatra familiar em Budapeste, aconselhando e orientando mais de 100 bebês com base na concepção do desenvolvimento infantil autônomo e da importância dos cuidados (refeições, troca de fraldas, banhos, entre outros) sem pressa, observando as reações das crianças e a sua participação. O acompanhamento do desenvolvimento desses bebês permitiu a obtenção de dados que serviram para a continuidade e a validação de suas ideias.

INSTITUTO LÓCZY – ATUAL INSTITUTO EMMI PIKLER

Em 1946, o marido de Emmi Pikler foi libertado pelo governo húngaro e ela foi convidada a dirigir um orfanato em Budapeste. Tratava-se de um lar para meninos e meninas de 0 a 3 anos de idade que estavam sem seus pais; não necessariamente crianças órfãs, mas crianças que não podiam ser cuidadas por eles. Havia terminado a II Guerra Mundial e muitas crianças estavam órfãs, mas esse lar também acolhia crianças, por exemplo, que tinham que ficar isoladas por seus pais estarem tuberculosos. Com o tempo, esse local ficou conhecido familiarmente com o nome de Lóczy, pois estava localizado no número 3 da rua Lóczy.

No início, o andamento dessa instituição foi muito difícil. Em uma época pós-guerra, as camas eram hospitalares, não havia roupa suficiente para os bebês, quase não havia água quente e o oferecimento de leite era irregular. No entanto, Emmi Pikkler estava decidida, em primeiro lugar, a oferecer o bem-estar físico, emocional e psíquico de cada bebê, mas também transformar o “orfanato” da rua Lóczy em um centro de pesquisa através da observação extremamente minuciosa das atividades e do desenvolvimento dos bebês. Para conseguir atingir seu objetivo, se propõe a mudar as práticas impessoais e hospitalares imperantes na instituição. Entretanto, depois de tentar por três meses, sem sucesso, mudar o funcionamento da instituição, Pikler e Maria Reinitz (antiga colega e principal educadora), dispensam todos os empregados e contratam jovens não profissionais que, futuramente, elas mesmas irão orientar. Elas confeccionam manuais e orientaram as jovens a trocar fraldas, alimentar, vestir, dar banho, tudo sem pressa, com carinho e atenção. Salientaram que deveriam falar com os bebês enquanto os atendiam, e indicar suas ações, sempre atentas às reações das crianças e carinhosa. Outro ponto importante era que os bebês de 3 a 4 meses ficavam no berço somente enquanto dormiam. Caso contrário, quando despertados, deveriam estar rodeados de objetos simples, porém variados, para que pudessem brincar de maneira autônoma, sem a ajuda ou intervenção de adultos.

A partir deste momento Lóczy começa a funcionar progressivamente como Pikler e Reinitz desejavam. Através da observação sistemática das crianças atendidas e da prática profissional das educadoras e dos dados obtidos, vão aperfeiçoando o atendimento ao longo dos anos. Emmi Pikler tinha como objetivo oferecer aos pequenos que ali cresciam, uma experiência de vida que preservasse seu desenvolvimento e evitar as carências que podem criar a vida em um seio de uma instituição e a ausência de um laço significativo com os pais.

Em 1961 Lóczy passou a se chamar “Maternitat Metodològica” e assim foi possível a realização de um trabalho metodológico e de investigação mais extenso. Nessa época foi encerrada a edição do manual para educadores (“O desenvolvimento e as atenções ao bebê e à criança saudável”), bem como a publicação do manual “Pedagogia”, com três volumes. Durante esse período, foram organizados cursos e programas para formação de educadores e cursos de aperfeiçoamento para pediatras de berçário.

O Instituto Lóczy se transformou em Instituto Nacional de Metodologia das Instituições de Acolhimento (Instituto Nacional de Metodologia de las Maternidades) em 1970, tendo como responsabilidade oferecer apoio profissional e metodológico às outras instituições da Hungria.

Em 1984, Emmi Pikler faleceu, mas desde 1978 já havia passado a direção do Instituto para sua filha e psicologia infantil, Anna Tardos.

Desde 1986 o Instituto Lóczy leva o nome da sua fundadora, Emmi Pikler, e é uma Fundação que mantém boa parte de sua estabilidade econômica através de doações internacionais provenientes de várias partes do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste artigo foi possível verificar a origem e a trajetória da Doutora Emmi Pikler e do Instituto por ela criado, o antigo Lóczy e que, atualmente leva seu sobrenome, o Instituto Pikler. Essa instituição é fruto de um longo e árduo trabalho de Emmi Pikler que rompeu diversas barreiras práticas e conceituais que resultaram em uma nova referência de atenção à criança pequena, especialmente na faixa etária de 0 a 3 anos. Vale lembrar os princípios norteadores dessa Instituição, conforme Myriam David e Geneviève Appel apontam no livro “Lóczy, una insólita atención personal”. Conforme as autoras, é possível resumir em quatro grandes referências os princípios indissociáveis de Lóczy:

“O valor da atividade autônoma; A importância de uma relação afetiva de qualidade entre adulto e criança; A necessidade de propiciar ao bebê o conhecimento de si e do entorno; A importância de um bom estado de saúde. Sendo este último não somente a base dos princípios precedentes, mas também é o resultado deles. (DAVID; APPEL, 2010, p.23).”

Emmi Pikler (1943) parte da premissa de que o bebê já nasce um ser ativo, capaz de se relacionar com o adulto de referência. Dalledone; Coutinho cita na revista Zero a Seis (2020, p. 53-68), que de acordo com Appell e David (2010), Falk (2011), Guimael (2015) e França (2009), estes princípios são sintetizados em apenas quatro princípios da abordagem Pikler-Lóczy:

1. O profundo respeito pelo bebê e sua individualidade, reconhecendo-o como sujeito de direitos;
2. A valorização da atividade autônoma do bebê, baseadas em suas próprias iniciativas, aliada ao foco gradativo no desenvolvimento da autonomia;
3. A importância do vínculo entre adultos e bebê, construído com base em uma relação afetiva privilegiada e de qualidade nos momentos de cuidados;
4. A liberdade de movimentos, para o brincar livre e uma livre exploração de si mesmo e do entorno.

Segundo os ensinamentos deixados pela pediatra, os educadores devem sempre falar com os bebês durante os cuidados diários, olhando nos olhos e percebendo suas reações. Quando o ritmo dos cuidados diários se repete, os bebês se sentem mais seguros e o ambiente se torna mais calmo e tranquilo. Pikler enfatizou a necessidade da paciência e da tranquilidade. Deve ser

sempre dado o tempo necessário para que o bebê aproveite a experiência de forma prazerosa, sentindo cada cuidado que recebe.

Emmi Pikler é tida como referência no campo da educação por introduzir no mundo uma abordagem inovadora para o desenvolvimento de crianças na primeira infância. A abordagem é adotada por creches e espaços de educação infantil até hoje

BIBLIOGRAFIA

DALLEDONE, Giovanna Castro; COUTINHO, Ângela Scalabrin. As contribuições da abordagem Pikler-Lóczy para a constituição de uma pedagogia para os bebês: uma análise dos princípios orientadores. Florianópolis. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2022.

FALK, Judit (Org.). Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.

FOCHI, P. S., DRECHSLER, C. F. B., FOESTEN, P. da S.; DE OLIVEIRA, C. C. A Pedagogia dos detalhes para o trabalho com bebês na creche a partir dos pressupostos de loczy. Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, v. 5, n. 1, p. 35-49, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/download/640/236/>. Acesso em: 15 de abr. de 2021.

PIKLER Emmi, Biografia. Disponível em <https://www.montessorisubirats.com/es/bio-pikler.php>. Acesso em 25 de fevereiro de 2022.

PIKLER Emmi y el Instituto Lóczy. Disponível em <https://www.piklerloczy.org/es/emmi-pikler-y-el-instituto-l%C3%B3czy#la-casa-cuna-de-la-calle-loczy>. Acesso em 28/02/2022.

SOARES, Suzana. Educação dos 0 aos 3 anos: introdução à Abordagem Pikler.2021. Disponível em: <https://app.nutror.com/v3/curso/aac4619d0aa694f04db92ee9baf28f95f8651192/educacao-dos-0-aos-3-anos-introducao-a-abordagem-pikler>. Acesso em: 06 de maio de 2022.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

PRÁTICAS DE ENSINO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA COMO FATOR PREPONDERANTE DE MUDANÇAS: ESCOLAS QUILOMBOLAS E INDÍGENAS

TEACHING PRACTICES OF AFRICAN AND AFRO-BRAZILIAN AND INDIGENOUS CULTURE AS A MAJOR FACTOR OF CHANGE: QUILOMBOLA AND INDIGENOUS SCHOOLS

Mariana Gomes Dias de Oliveira

RESUMO

Este artigo traz a reflexão sobre como podemos trabalhar a cultura afro-brasileira e nossas origens indígenas como fator de mudanças na prática na sala de aula pensando no empoderamento das crianças negras e indígenas que muitas vezes são excluídas de atividades e ações pedagógicas. Mesmo existindo a legislação é válido ressaltar e reforçar o ensino da cultura africana nas escolas. A Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003, a qual acresce a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Art. 26-A, o qual informa que toda rede de ensino deve usar no cotidiano da sala de aula. A intenção é refletir e valorizar todos os povos se não deixar ninguém para trás. É importante garantir o direito de conhecer e incluir todas as matrizes brasileiras. Incluir a cultura afro-brasileira e indígena é um ponto de partida importante para se construir a coesão social. Mostra-se também aqui as escolas indígenas e quilombolas e seus currículos. Palavras-chaves- Educação Afro-brasileira – Educação Indígena -Mudanças –Participação.

ABSTRACT

This article reflects on how we can work with Afro-Brazilian culture and our indigenous origins as a factor for changes in classroom practice, thinking about the empowerment of black and indigenous children who are often excluded from pedagogical activities and actions. Even with the legislation, it is valid to emphasize and reinforce the teaching of African culture in schools. Law 10,639 of January 9, 2003, which adds to the Law on National Education Guidelines and Bases, in Art. 26-A, which informs that every school system must use it in the daily life of the classroom. The intention is to reflect and value all peoples if no one is left behind. It is important to guarantee the right to know and include all Brazilian matrices. Including Afro-Brazilian and indigenous culture is an important starting point for building social cohesion. It is also shown here the indigenous and quilombola schools and their curricula. Keywords- Afro-Brazilian Education – Indigenous Education – Changes – Participation.

INTRODUÇÃO

A história da África e a cultura africana, mesmo sendo uma das que compõem a cultura brasileira, sempre ocupou uma posição sucinta ou quase imperceptível na área educacional. E não pode-se deixar a estereotipação da cultura indígena em nosso currículo escolar. A sua influência indígena e africana apesar de ampla, nunca possuiu o valor devido ou foi atribuída a importância correta.

Com a promulgação de leis que obrigam o ensino da História da África e da cultura africana e indígena na sala de aula, a educação brasileira ganhou um novo olhar e uma nova perspectiva. Contudo, dois fatores preponderantes ainda atrapalham o andamento satisfatório deste ensino: as resistências provenientes de preconceitos e a falta de formação específica dos docentes.

O ensino da cultura africana e indígena são complexas e exige muita desenvoltura dos docentes para ultrapassarem as barreiras da resistência dos pais e alunos, do racismo e em como lidar com ele no âmbito educacional, dos estigmas e em como desenvolver trabalhos gradativos que mudem a visão, a percepção e a ação dos seus alunos perante as temáticas que envolvam tal cultura.

PRÁTICAS DE ENSINO DA CULTURA AFRICANA E AFRO BRASILEIRA E INDÍGENA COMO FATOR PREPONDERANTE DE MUDANÇAS

Para se combater o racismo e poder valorizar a cultura africana e indígena, a qual compõem a brasileira, é necessário que haja um profundo conhecimento histórico sobre o Brasil. É importante que características diversificadas das localidades e povos sejam destacadas, assim como, as similaridades percebidas no nosso dia a dia, as resistências do período escravagista tanto dos africanos como dos indígenas sejam ressaltadas e toda distorção da educação focada no eurocentrismo seja corrigida.

[...] Diferentemente dos indígenas, que, desde o início da colonização, tiveram a atenção dos missionários empenhados na catequização e, muitas vezes, na sua proteção, os negros que para cá vieram nunca mereceram atenção especial dos padres e de quem quer que fosse. [...] Ao contrário, eles o tinham em pouca conta. [...] De qualquer modo, os jesuítas estavam entre as pessoas, como fazendeiros, advogados, médicos, que produziram a ideologia de depreciação do negro como indivíduo semi-humano e destinado ao trabalho servil. Aliás, faz parte da mentalidade do escravizador justificar os maus – tratos pela inferiorização da capacidade de compreender e de comportar-se desses seres considerados primários. (ARANHA, 2006, p.329).

Nas décadas de 70, 80 e 90, a imagem que se tinha do trabalho realizado pelos jesuítas era de bondade, docilidade, conversão à religião cristã, respeito pelo ser humano. Contudo, a história foi difundida por um único ângulo, através do qual se percebia o trabalho que foi feito com os indígenas. No entanto, a pessoa caridosa e respeitosa, cheia de instruções e boas intenções, representada no papel do catequizador jesuíta, logo são transformadas, quando surge a possibilidade de observar outro ângulo, através do qual o jesuíta faz aceitação do indígena dócil e do-

mesticável e os negros escravizados no direito ao estudo, não os considerando sequer humanos.

Outra imagem a ser transformada é a da princesa Isabel, a qual protagonizava, nos livros de história, a heroína que libertou os escravos. Até o início da década de 90, o ato da assinatura da Lei Áurea, ecoava como uma indignação à escravatura, por parte da família real e como um presente dado aos negros: a sua liberdade. Inúmeros estudantes foram ludibriados por esta forma de difusão da história e focavam mais no ato de benevolência real, do que na própria abolição da escravatura. Por isso mesmo é de extrema importância que a informação seja passada de forma completa e verdadeira, na qual o Brasil resistiu ao máximo em libertar os negros escravizados e que só o fez após décadas de pressão.

No auge da Ditadura Militar, em 1971, organizou-se em Porto Alegre o Grupo Palmares, liderado pelo professor Oliveira Ferreira da Silveira. Naquele ano, pela primeira vez, por iniciativa do grupo, celebrou-se o 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares no longínquo 1695. O Dia da Consciência Negra, idealizado por Silveira, surgia em contraposição ao 13 de maio, dia da abolição da escravatura. (MAGNOLI, 2009, p.322)

Segundo Magnoli (2009, p.158), “na declaração de 1950 da Unesco, estava escrito que o Brasil ‘sofre menos do que outras nações os efeitos’ do preconceito de raça, e, por isso, era preciso compreender as razões da ‘harmonia que existe no Brasil’”. Contudo, houve uma ‘maquiagem’ de harmonia existente entre as raças no Brasil. Como houve uma inundação de negros africanos, chegando a superar o número de habitantes do país, tínhamos que conviver com um mínimo de tolerância. Pois, as cores se misturaram, assim como as crenças e todas as culturas em si. O que não quer dizer que não haja racismo. No entanto, considerando o período da década de 50, se comparado com os Estados Unidos, o Brasil seria considerado um país de harmonia entre suas raças, devido a nos Estados Unidos a segregação racial, a opressão sofrida pelos negros e os conflitos raciais em si, representarem problemas demasiadamente significativos para serem contornados.

No âmbito educacional os negros e indígenas tardaram a ter sua história reconhecida. Porém, ainda que timidamente, movimentos conseguiram pressionar o governo para que algumas injustiças fossem amenizadas.

A LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, afirma que:

Título V Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino

Capítulo II .Da Educação Básica Seção Art. 26º§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia. (BRASIL, 1996)

Mesmo estando contido como obrigatório na LDB, o ensino da cultura africana e indígena nas escolas ainda não acontecia e ainda não acontece como deveria. Há muitos entraves que impossibilitam o trabalho dos educadores, sendo um deles, a falta de preparo e conhecimento para lidar com temas voltados à estas culturas, principalmente os que esbarram na religiosidade, estereótipos de beleza física e o racismo.

Para reforçar o ensino da cultura indígena e africana nas escolas, surgiu a Lei 10.639 de 09

de janeiro de 2003, a qual acresce a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Art. 26-A, o qual informa que:

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro Brasileira serão ministrados no âmbito educacional de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. [...]

“Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’”. (BRASIL, 2003)

Como parte dos docentes não possuía mais que o magistério do Nível Médio supõe-se que a maioria desconhecia os fundamentos da LDB, a qual assegurava o ensino das matrizes indígena, africana e europeia. Dando a cultura europeia o mesmo destaque que sempre teve em sala de aula. Sendo assim, a Lei 10.639/2003 surgiu para ressaltar a importância do ensino da cultura africana nas escolas tornando-a componente obrigatório no currículo escolar. Por ser lei, teve que ser cumprida.

No entanto, a qualificação dos docentes ainda era insatisfatória quanto ao conhecimento da cultura africana e em como poderia ser inserida em sua didática e prática em sala de aula, principalmente ao conciliá-la com outras disciplinas.

A deficiência quanto a aplicação da Lei 10.639/2003 se dava também pelo tipo de educação eurocentrista que a maioria dos docentes tiveram, a falta de conhecimento de assuntos voltados a essa temática e a pouca quantidade de material bibliográfico que auxiliasse no ensino.

Em 10 de março de 2008 foi promulgada a Lei 11.645, a qual veio agregar a LDB de 1996:

Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro – Brasileira e Indígena”. (BRASIL, 2008)

A Lei 11.645/2008 veio para complementar a obrigatoriedade do ensino da outra cultura que compõem a LDB de 1996 e que, igualmente à Cultura Africana, também não tinha o valor devido nas escolas, que é a Cultura Indígena. No entanto, por ser composto por diversos povos e outras culturas, é válido ressaltar que, a cultura africana e indígena são mais percebidas em algumas regiões do Brasil do que em outras. O significado da vivência de tais culturas, bem como, de suas características, é mais notado em alguns estados do que em outros. Por esse aspecto, entre outros, o nível de identificação com essas culturas é mais alto do que em outras localidades. Há por exemplo, a Bahia, a qual possui características fortes da cultura africana nos mais diversos âmbitos e o estado do Pará e Amazonas, nos quais a cultura indígena é mais predominante.

Nos estados do sul a percepção quanto à cultura europeia e asiática é maior que em outras regiões. Porém, não é por causa da maior ou menor escala de potencialidade das culturas, nesta ou naquela região, que uma cultura ou outra não deverão ser estudadas e valorizadas.

No PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural, informa que:

Para os alunos, o tema da Pluralidade Cultural oferece oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua auto estima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que poderiam ser prejudiciais. Por meio do convívio escolar possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas. (BRASIL, 1997, p. 39)

O PCN de Pluralidade Cultural norteia o professor sobre os temas e os subtemas que podem e devem ser tratados em sala de aula. Em tais assuntos, constam outros, os quais aparecem através dos debates em sala de aula, possibilitando ao grupo desconstruir e reconstruir conceitos, proporcionando ao aluno a reflexão crítica que o levará a formar a sua opinião, de forma clara, sobre a diversidade cultural no qual está inserido.

CULTURA AFRICANA E INDÍGENA NO ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO

A cultura africana e indígenas são ricas em contos e mitos, o que dá margem para trabalhos variados. A influência da cultura na culinária, artesanato, músicas, danças e vocabulário podem ser trabalhados por muitos anos, devido a sua riqueza e complexidade. O aluno precisa sentir-se parte dessa cultura. Precisa identificar-se com ela e identificá-la em tudo a seu redor.

As disciplinas, matérias ou currículos, como são chamados a Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Artes, devem sempre conter pontos de ligação com a História da África e os Povos Indígenas e suas culturas, como também, o tema transversal ‘ética’, deve ser incansavelmente trabalhado, juntamente com o tema ‘Pluralidade Cultural’.

O trabalho junto às famílias também é necessário, pois muitas atitudes cometidas pelos alunos contra seus colegas negros são originadas e reforçadas dentro de seus lares. Nesse aspecto é importante que a Lei 9.459 de 13 de maio de 1997 sirva para reprimir esses atos degradantes e depreciativos, e incentive a reflexão de atitudes preconceituosas.

Art.1º Os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

“Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de um a três anos e multa.

Art. 2º O art. 140 do Código Penal fica acrescido do seguinte parágrafo:

“Art. 140 [...] §3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião ou origem:

Pena: reclusão de um a três anos e multa”. (BRASIL, 1997)

É válido ressaltar a todos os alunos que, não somente o preconceito racial é perverso, como também, é crime. E que todos os que descumprem a lei são passíveis de punição. Ressaltando também que, discriminar as pessoas por suas religiões, procedência nacional e etnia, também são crimes. No entanto, o trabalho deve ser direcionado para um ângulo diferenciado. Os alunos devem compreender que não é só pelo fato de haver a possibilidade de punição legal que a discriminação racial deve ser reprimida. Mas sim por ser um ato desumano, desonroso, imoral, injusto, que pode levar à consequências graves e irreversíveis na vida dos que cometem e dos que são vitimados por ele.

Para que a cultura africana e indígenas possam ser aprofundadas quanto a seu conhecimento, faz-se necessário quebrar a visão deturpada, a resistência e a falta de respeito pela mesma, proveniente de alguns alunos, pais e educadores. A visão do negro e do indígena não deverá ser de coitados e fracos, passivos, inferiores, os quais aceitaram a escravidão e que não lutou por sua liberdade e que, atualmente, precisam de leis para protegê-los. Mas sim, povos que foram injustiçados, violentados, tendo suas crenças e culturas desrespeitadas e oprimidas, como se não tivessem suas histórias, só porque eram diferentes, quando comparados a sociedade europeia, a qual era a dominante daquela época.

E, da mesma forma que toda a sociedade brasileira contribuiu para injustiçar os negros, somente por não aceitar a cor da sua pele, atrasando assim o seu desenvolvimento político, econômico e social, privando-os dos direitos e deveres de cidadãos, hoje existe sim, a necessidade de haver leis que protejam os direitos dessas pessoas, visando amenizar os efeitos decorrentes de anos e anos de exploração e retardo educacional e profissional.

No Nível Fundamental II a faixa etária dos alunos corresponde a adolescência. Neste período o professor deve explorar mais a energia deles e aplicar o estudo da cultura africana de forma mais dinâmica. As propostas educacionais podem abranger gincanas, feiras culturais, apresentações em grupos concernentes a músicas africanas ou afro brasileiras, representações teatrais de lendas e mitos indígenas e africanos, apresentação de fantoches, entre uma ampla gama de possibilidades. Tudo que envolve ação agrada a esse público.

Na fase da adolescência, os alunos tendem a valorizar tudo o que os aproxime de outros grupos. É uma fase de buscar a sua identidade. Quando não consegue se inserir em um grupo, o aluno nessa fase pode tornar-se mais arredio e desinteressado nos estudos. Principalmente se o fator que o leva a não se agrupar seja por motivos de aceitação por parte dos colegas, timidez ou mesmo, por ter baixa autoestima. Bock; Furtado; Teixeira; afirmam que:

[...] O estigma refere-se às marcas – atributos sociais que um indivíduo, grupo ou povo carregam e cujo valor pode ser negativo ou pejorativo. [...] Estes são atributos facilmente reconhecíveis como carregados de um valor negativo para a maioria das pessoas e determinam, para o indivíduo, um destino de exclusão ou a perspectiva de reivindicação social pelo direito de ser bem tratado e ter oportunidades iguais. Esta dificuldade é “perpetuada”, ao longo das gerações, pela educação familiar, pela escola, pelos meios de comunicação em massa, por cada um de nós em nosso cotidiano, o que leva à construção de uma carreira moral para o indivíduo estigmatizado, isto é, sua identidade vai incorporar este atributo ao qual corresponde um valor social negativo. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 209).

O fato de uma pessoa ser indígena ou negra, para alguns grupos, é um sinal de inferioridade quanto a beleza física, representando uma imensa possibilidade de ser criminosa, ou caracterizada como de pouca higiene. É comum que frases racistas ainda bramem nas escolas como se fossem piadas. Sendo estas frases passadas de pai para filhos, se perpetuando por longos anos: ‘preto e pobre nesse país não prospera’, ‘preto não tem vez’, ‘preto quando não defeca na entrada, defeca na saída’, ‘índios são preguiçosos’, ‘os índios querem terras de graça e são sub raças’ entre tantas outras frases que causam repúdio aos ouvidos.

Nas salas de aula, como o período da adolescência representa o desenvolvimento da puberdade e da sexualidade, os adolescentes tendem a chamar a atenção uns dos outros, se expondo mais. A disputa pela atenção do outro, alvo de interesse, vai além da aparência física e chega a ofensas a aqueles que surgem como concorrentes. As ofensas se acentuam visando diminuir as qualidades do outro, principalmente se a concorrência se der para uma pessoa negra. O fator cor de pele torna-se um quesito crucial para ofensas com intenções de inferiorizar o outro perante o grupo. Mesmo não sendo um trabalho estritamente educacional, mas também familiar, os docentes tem que retomar o PVN sobre ‘ética’ e agir até como um psicólogo. É um trabalho cuidadoso e complexo, mas o docente terá que trabalhar a autoestima dos alunos afetados pelo racismo e, concomitantemente, levar o ofensor a analisar a sua postura repugnante, fazendo uma análise comparativa de atos semelhantes aos seus, interligando-os a outros tipos de preconceitos que causaram horror, como o holocausto.

Esta também é uma fase em que visitas a museus afro brasileiros, á aldeias urbanas , filmes sobre os mais diversos assuntos voltados a História da África e a cultura africana e indígena , sejam apresentados aos alunos para que eles tenham a real noção do sofrimento desses povos, da resistência à escravidão, pagando muitas vezes com a própria vida, assim como, a parte das músicas, da religiosidade e da alegria que os representam tão bem.

Quanto à exploração da história mundial, é interessante que haja um aprofundamento quanto a desmistificação de que a África era um continente de seres animalizados, sem cultura e sem história e os indígenas não eram povos donos da Terra e muitos nem humanos eram considerados, eram exóticos e irracionais. É um período para apresentação de diversos documentários que tratem da parte histórica e geográfica do continente africano, dos seus antepassados e da África na atualidade. E trazer para a escola o conhecimento dos povos que habitavam e habitam nosso país.

No Nível Médio o trato da cultura africana já flui com maior tranquilidade. Os alunos já seguem da adolescência para a fase adulta. O poder de argumentação é maior, assim como a autonomia para decidir se quer ou não conhecer mais sobre a cultura africana. Nesse período, por já ter abrangido inúmeros poemas, artes, músicas, história africana e afro brasileira, bem como, alguns filmes, exposições de teatro e fantoches, o professor pode e deve ousar mais. A turma poderia ser convidada a visitar um terreiro de candomblé e um babalorixá (pai de santo) ou ialorixá (mãe de santo) poderia palestrar para eles, sendo que, no final da visita, abriria o grupo para perguntas. Esse é um tipo de atividade que, até os que professam outras religiões, ou até mesmo não demonstram afeição pelo assunto, ficam curiosos e instigados a ver tudo de perto. A curiosidade é a maior motivação.

Sobre os indígenas conhecer sua cultura em seu espaço . Existem ainda muitas aldeias urbanas que lutam para manter sua ancestralidade.

Posteriormente poderia haver um debate em sala de aula com os pontos mais relevantes da visita e os alunos poderiam apresentar um relatório sobre o que observou in loco e qual o seu ponto de vista sobre a importância da visita ao terreiro de candomblé para a ampliação do seu conhecimento sobre a mais famosa religião de matriz africana já conhecida.

Para fechar o Nível Médio, é importante que os educandos tenham a noção da amplitude da cultura africana na formação do vocabulário usado no Brasil, da arquitetura, nas músicas, no gingado da dança e do futebol, em tudo que nos cerca e no que somos. É necessário que essa identificação da africanidade esteja marcada na memória de cada um. Que nada dessa cultura rica e sobrevivente venha a se perder.

Ao chegar ao continente africano, os europeus encontraram reinos, impérios e grandes cidades. Os europeus, que pouco sabiam a respeito da África e suas ilhas, passaram a escrever sobre aquilo que aprendiam no contato com os africanos. [...] Cada sociedade, no entanto, tem sua maneira especial de guardar, conservar e transmitir suas histórias, saberes e tradições. Como diz um velho provérbio angolano: “os brancos escrevem nos livros e nós escrevemos na alma”. [...] Há povos que conservam e transmitem seus conhecimentos pela escrita, outros transmitem pela oralidade. Isso não quer dizer que um seja superior ou inferior a outro. Apenas são diferentes. (BARBOSA,, 2007, p. 50)

A escravidão dos negros africanos foi justificada pelos europeus pelo fato de não encontrarem a ‘escrita’ e pré julgarem que isso representava não ter história ou cultura. Inúmeras pessoas foram subjugadas a escravidão por outros povos por considerá-las diferentes e assim, indignas da liberdade com a qual nasceram. No entanto, os algozes foram tão ignorantes, que ao conhecerem o povo africano, se depararam com uma cultura rica, ampla e mais antiga que a deles. Assim foi formado o Brasil. Das diversas culturas que formaram o povo brasileiro, a africana é a mais ampla e significativa delas. Além de buscar entender e conhecer que dentro das aldeias e quilombos existem escolas . Seria interessante conhecer estas escolas e trocar conhecimentos. Como ocorre a Educação nas Escolas Quilombolas e nas Aldeias Indígenas?

EDUCAÇÃO INDÍGENA E QUILOMBOLA

Visando atender às necessidades específicas da Secretaria de Estado da Educação (SEDU), criada pelo Decreto nº 3.616-R de 14 de julho de 2014, passou a denominar-se Gerência de Educação Indígena e Quilombola (GECIQ) por meio do Decreto nº 4.120-R, de 26 de junho de 2017. Desse modo, a GECIQ faz parte da estrutura organizacional da SEDU, respondendo diretamente pela política pública dessas três modalidades da Educação Básica, cuja qualidade da oferta passa pelo reconhecimento e valorização de todas as formas de organização social e dos saberes característicos desses territórios.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

De acordo com a Resolução CNE/CEB Nº 3, de 10 de novembro de 1999 as escolas indígenas são reconhecidas como aquelas localizadas em terras habitadas por comunidades indígenas, ainda que se estendam por territórios de diversos Estados ou Municípios contíguos e de exclusividade de atendimento a comunidades indígenas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/1996), em seu artigo 32º, assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e no artigo 78º estabelece que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngue, visando à reafirmação de suas identidades étnicas, a recuperação de suas memórias históricas, a valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional.

Em todo país há terras indígenas demarcadas e tituladas dos povos Guarani e Tupiniquim e muitos outros onde estão localizadas as Escolas Indígena de Ensino Fundamental e Ensino Médio. A organização curricular das escolas indígenas estão amparada no Decreto nº 6.861/2009 que dispõe sobre a Educação Escolar Indígena e na Resolução CNE/CEB nº 03/1999 que fixa as Diretrizes Nacionais para o Funcionamento das Escolas Indígenas. Dessa forma, o currículo estrutura-se a partir das especificidades dos povos indígenas Guarani e Tupiniquim e outros de modo que as escolas sejam um local de afirmação da identidade e pertencimento, com respeito às suas temporalidades, tradições, saberes e organização sociocultural desses povos em diálogo constante com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

ESCOLA QUILOMBOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

De acordo com a Resolução CNE/CEB Nº 8, de 20 de novembro 2012, escolas quilombolas são aquelas localizadas em território quilombola, e este se caracteriza como espaço remanescente dos quilombos, habitado por grupos étnico-raciais, segundo critérios de consciência comunitária, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Existem comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares, em muitos municípios e estados localizam-se a Escola Quilombola.

A Educação Escolar Quilombola compreende a educação praticada nas escolas quilombolas e nas escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas, cuja proposta pedagógica deve fundamentar-se:

- Na memória coletiva;
- Nas línguas reminiscentes;
- Nos marcos civilizatórios, nas práticas culturais;
- Nas tecnologias e formas de produção do trabalho;
- Nos acervos e repertórios orais;

Na territorialidade;

Nos festejos, usos e tradições e demais elementos que constituem o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país (CNE/CEB N°08/2012).

O Art. 59 da Resolução N°08/2012 CNE/CBE estabelece que “é responsabilidade do Estado cumprir a Educação Escolar Quilombola tal como previsto no art. 208 da Constituição Federal.”

Diante disso, o currículo para o Ensino Fundamental, aprovado em 2018, reforça a necessidade de uma organização didático-pedagógica própria, que atenda às necessidades dessas comunidades e contextualize as propostas educacionais, considerando as especificidades quilombolas.

Os princípios que regem a Educação Escolar Quilombola são:

- o respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;
- a proteção das manifestações da cultura afro-brasileira; a valorização da diversidade étnico-racial ;
- a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação;
- o conhecimento dos processos históricos de luta pela regularização dos territórios tradicionais quilombolas (CNE/CEB N°08/2012).

ORGANIZAÇÃO INDÍGENA E QUILOMBOLA :

Escolas localizadas em área de Assentamento e Acampamento da Reforma Agrária;

Escola Quilombola;

Escola Indígena;

Escolas organizadas por meio da Pedagogia da Alternância.

PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A Educação enquanto modalidade da educação básica brasileira caracteriza-se por diferentes formas de organização metodológica e de gestão das escolas e, neste contexto, a Pedagogia da Alternância é reconhecida no âmbito da prática pedagógica, como uma forma apropriada de organização para as escolas do campo.

A Pedagogia da Alternância é uma forma de organização escolar, que dialoga, sobretudo, com a realidade camponesa, que supõe uma relação orgânica entre os meios de vida comunitário e escolar, que se integram a partir de práxis pedagógicas em que o estudante alterna períodos de aprendizagem no espaço familiar e comunitário (Tempo Comunidade), em seu próprio meio, com períodos na escola (Tempo Escola), em que esses tempos estão interligados por meio de instrumentos pedagógicos específicos.

Como forma de potencializar a articulação e a interlocução do público alvo das modalidades Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola com as Secretarias de Educação, foram instituídos por meio de portaria, Comitês Estaduais que contam com representação de vários segmentos da sociedade civil e do poder público em sua composição. O objetivo desses comitês é discutir a formulação de políticas públicas de educação para estas comunidades.

CONCLUSÃO

O ensino da História da África e Indígena sempre foram deficitários. Os capítulos nos livros de história eram extremamente reduzidos, escondendo a complexidade de informações que poderia ter a respeito desse continente, o qual o berço da humanidade.

Por sua vez, a África foi vista, durante muitos anos, através de um perfil traçado por pobreza, miséria, fome, guerras civis, vida selvagem e doenças. É como se desse continente só viessem coisas negativas aos olhos do restante do mundo. E as populações indígenas como exóticos, incompetentes e servís.

Durante décadas de lutas, movimentos negros e os indígenas pressionaram os governantes para que medidas fossem tomadas e amenizassem o impacto negativo que a escravidão teve para os negros no Brasil. Não haveria a extinção do racismo e discriminação, o qual os governantes ainda tentam camuflar e o qual vitima os negros e indígenas brasileiros. Nem iriam acabar com a pobreza e a marginalidade, as quais são compostas, em sua predominância, pela população negra. Contudo, paulatinamente, as conquistas irão fazer a diferença na sociedade, pois, aos poucos, o povo tem conseguido tirar as vendas dos olhos e enxergar a verdade que se esconde por trás de uma falsa democracia, de uma falsa igualdade. Não há como os povos se identificarem com o que não conhece e com o que ficou camuflado. Não há atrativo algum em querer ser comparado e admirar uma cultura a qual foi difundida ressaltando, avidamente, pontos negativos. A História da África e dos africanos e dos indígenas, é uma história escondida dentro da história do mundo. E, como as demais, deve ser atribuída respeito e importância, pois, equitativamente, contribuiu para a história de todos os outros continentes.

O docente precisa participar de formação continuada e/ou outros cursos que o leve a conhecer consistentemente a História da África e a cultura africana e a cultura indígena, pois não há como ensinar o que não se tem conhecimento. O educador também tem que buscar estratégias didáticas que viabilizem o ensino aprendizagem e que aperfeiçoem o tempo para tais aplicações.

Os educadores devem envolver os pais, pois ajudam a reprimir falhas advindas dos lares de seus alunos, ocupam o papel de um psicólogo, pois é quem vai auxiliar os alunos a vencerem a baixa auto estima, os estigmas, superar os preconceitos e a rejeição dos colegas, contribuindo assim para criar e conservar uma atmosfera de igualdade e respeito em sua sala de aula e fora dela, orientando e ajudando seus alunos a serem multiplicadores, mesmo fora do ambiente educacional.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação e da pedagogia: geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BARBOSA, Rogério Andrade. O segredo das tranças e outras histórias africanas. São Paulo: Scipione, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_5_.shtm>. Acesso em: 28 julho 2021.

_____. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 15 agosto 2021.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: 1997. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

_____. Presidência da República. Lei 9.459 de 13 de maio de 1997. Brasília:1997. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9459.htm>. Acesso em: 15 setembro de 2021.

_____. Presidência da República. Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 15 setembro. 2021.

_____. Presidência da República. Lei 11.645 de 10 de março de 2008. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MAGNOLI, Demétrio. Uma gota de sangue: história do pensamento racial. 1. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fapesp
e-ISSN: 2675-1186

NEUROPSICOPEDAGOGIA
NEUROPSYCHOPEDAGOGY

Nádia Rosa Tavares Barbosa

RESUMO

O presente artigo tem por objeto de estudo analisar O que faz um Neuropsicopedagogo? no contexto de sua atuação institucional e clínica, a fim de compreender qual é a sua função e as suas principais atribuições nestes contextos educacionais. O recorte da temática objetiva enfatizar os aspectos inclusivos da sua prática de avaliação, diagnóstico e intervenção considerando a assessoria psicopedagógica do seu fazer profissional, assim como a devida atenção e compromisso ético com a educação especial, com foco nas orientações e princípios do presente Código de Ética do Neuropsicopedagogo articulado pela SBNPp (Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia). Portanto, a ética pode servir como norte para as suas ações nas interações com as escolas, as famílias, a comunidade e a sociedade como um todo, em prol de uma educação de qualidade que seja por excelência, inclusiva.

Palavras chave: Neuropsicopedagogia, psicopedagogo, aprendizagem.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze What does a Neuropsychopedagogue do? in the context of their institutional and clinical performance, in order to understand their role and main attributions in these educational contexts. The focus of the theme aims to emphasize the inclusive aspects of its evaluation, diagnosis and intervention practice, considering the psychopedagogical advice of its professional practice, as well as the due attention and ethical commitment to special education, focusing on the guidelines and principles of this Code of Ethics of the Neuropsychopedagogue articulated by the SBNPp (Brazilian Society of Neuropsychopedagogy). Therefore, ethics can serve as a guide for their actions in interactions with schools, families, the community and society as a whole, in favor of a quality education that is inclusive, par excellence.

Keywords: Neuropsychopedagogy, psychopedagogue, learning.

INTRODUÇÃO

O presente artigo intitulado O que é um neuropsicopedagogo visa analisar as funções e atribuições deste em um contexto social onde nós somos confrontados com jargões educacionais, entre tantos profissionais no campo da saúde, educação, administração, entre outros, que resolvem uma série de problemas que envolvem a educação, o cotidiano dos professores, a vida acadêmica dos alunos, bem como suas relações com as famílias dos interessados e seus diferentes contextos socioculturais.

Basicamente, a Neuropsicopedagogia é uma ciência transdisciplinar, fundamentada nos conhecimentos da neurociência aplicada para a educação, com dispositivos para troca de informações entre a Pedagogia e Psicologia Cognitiva que tem como objeto formal de estudo a relação entre o funcionamento do sistema nervoso e a aprendizagem humana numa perspectiva de reintegração pessoal, social e educacional, conforma aponta o art. 10º da resolução 03/2014, da SBNPp (Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia).

No que diz respeito a diz respeito às orientações sobre o neuropsicopedagogo, de acordo com as normas técnicas do nº deste profissional, destaca, os requisitos nos contextos de trabalho em que eles devem necessariamente adaptar projetos curriculares do curso de formação frequentado pelo individual, que visa promover a educação de qualidade, com ênfase na educação inclusiva, bem como que o tratamento prioritário de crianças e jovens com dificuldades de aprendizagens.

A ação do neuropsicopedago precisa estar voltada para a prevenção do fracasso escolar, mas também sobremaneira de todos os envolvidos no processo educativo, procurando investir na possibilidade de avanço nas relações de aprendizagem.

Assim, numa parceria teórico-metodológica e prática com o principal evidência da escola é a prevenção da aprendizagem, a busca de uma ação integrada entre a psicologia e o favor de o sucesso do aluno, e pelo sucesso do professor, e de toda a escola, torna-se, portanto, necessário que a ação preventiva seja incluída na construção de uma relação satisfatória entre todos os atores que o contexto escolar também direciona para uma aprendizagem saudável e , pois estão ligados em um processo contínuo.

Desta forma, a escola deve ensinar, garantir aprendizagem aos alunos, permitir a aprendizagem de saberes e conteúdos necessários à vida em sociedade, oferecer instrumentos para a compreensão da realidade local e também a participação dos alunos em relações diversificadas e cada vez mais amplas em seus repertórios socioculturais.

O contexto para a prática profissional de neuropsicopedagogia, tanto no âmbito, tanto no âmbito institucional quanto no clínico, deve focar especificamente na educação especial inclusiva, , conforme detalhado em 29 e 30, da resolução do código de ética deste profissional, no sentido de compreender o funcionamento do cérebro, a plasticidade cerebral, os transtornos do neurodesenvolvimento, as síndromes, as metodologias de ensino e aprendizagem, voltadas para o fenômeno do aprender e suas dificuldades.

Para tanto, a assistência educacional especializada às pessoas está prevista na Constituição

de 1988, mais especificamente no art. 208, determinando que esse atendimento ocorra, preferencialmente, na rede regular de ensino.

Em relação a este artigo, é importante especificar que serviço se refere a que é necessariamente diferente de escolas comuns e que é necessário atender às especificidades de alunos com deficiência, complemento da educação escolar e deve estar disponível nos níveis de ensino, como direito de qualquer aluno que necessite dessa complementação e deve ser por seus pais ou tutores e pelo próprio aluno.

De acordo com a SBNPp, PNE, Legislação de Educação Inclusiva, ACE, entre outros, deve fazer parte da compreensão do neuropsicopedagogo no sentido de estabelecer políticas voltadas para qualidade educacional e pertencimento de sua atuação à sociedade como forma de favorecer alunos em situação de dificuldade e exclusão sociocultural.

Ressalta-se que o neuropsicopedagogo pode atuar no âmbito institucional e clínico, utilizando como metodologia sua prática, o conhecimento epistemológico da psicopedagogia em uma ampla gama de tarefas e funções que proporcionam aconselhamento às escolas, apesar de a sua diversidade e complexidade integrar, de forma coerente, o conhecimento e os princípios das diferentes ciências humanas, de forma a adquirir uma compreensão ampla dos processos inerentes ao ato de aprender humano.

Deste modo, o campo de estudo da Psicopedagogia está focado no próprio ato de aprender e ensinar, percebendo que é necessário considerar simultaneamente aspectos da realidade interna e da realidade externa da aprendizagem, visando compreender as dimensões sociais, subjetivas, afetivas e cognitivas que interagem dialeticamente na constituição do sujeito que se movimenta na complexidade inerente ao processo de conhecer (BEAUCLAIR, 2009, p. 51).

Na busca de compreender as atribuições do neuropsicopedagogo, é necessário discutir seu papel no aspecto da inclusão, tanto para crianças com necessidades de aprendizagem quanto para crianças ditas normais que, de certa forma, apresentam certo tipo de dificuldade na escola, em atribuir a esse profissional a tarefa de auxiliar o trabalho de uma equipe multiprofissional com gestores, professores, pais e coordenadores para que tais dificuldades possam ser superadas, com vistas a trabalhar com base em princípios éticos de prevenção, avaliação, orientação e a psicológica, preferencialmente aplicada no contexto institucional.

Portanto, o aconselhamento psicopedagógico exige de sua atividade profissional a capacidade de analisar reflexivamente a prática, destaca Fantova, que destaca as seguintes competências uma relação entre teoria e prática, como a capacidade de gerenciar problemas, a capacidade de negociação, boa gestão da informação, capacidade de adaptação a contextos em mudança, autonomia e responsabilidade, uma atitude e tolerância, no sentido de colaborar com métodos de ensino e aprendizagem.

Em suma, o presente artigo sobre O que visa analisar o aspecto inclusivo de sua atuação em contextos institucionais e clínicos, o aconselhamento neuropsicopedagógico considerando a avaliação, intervenção e diagnóstico que ocorrem desde a psicopedagogia, sua atuação diante da educação, bem como da neuropsicopedagogia profissional.

O ASPECTO INCLUSIVO DA ATUAÇÃO DO NEUROPSICOPEDAGOGO

A educação especial e a questão da inclusão têm sido dois temas que estão em tendência neste início do século XXI. As propagandas em favor da inclusão têm sido persistentes, e observamos que nem todos os educadores e demais profissionais da educação estão preparados para trabalhar com esse público cada vez mais crescente tendo em vista a complexidade que se apresentam as dificuldades e necessidades específicas de aprendizagem nos diferentes contextos em que emergem, muito menos os espaços escolares estão adaptados para receber esses cidadãos.

Os direitos humanos não são plenamente considerados, e um anos após sua proclamação, estamos vivenciando em nosso cotidiano nós todos os educadores, alunos e como pessoas normais, com todos os membros, todos os neurônios funcionando regularmente.

Não podemos cometer o grande erro das habilidades dos alunos com necessidades especiais, tomando o caminho mais fácil para eles, sem conscientizá-los da necessidade de aprender. O que podemos dizer, então, de pessoas com necessidades que precisam de processos educacionais inclusivos para a promoção de habilidades de aprendizagem?

Vale citar Beauclair (2009), que nos diz que a demanda social por aprendizagem em nosso tempo criou novos espaços e tempos institucionais, a atuação dos profissionais da educação é necessária, e são importantes novas teorias que possam captar novas dimensões, especialmente baseadas na sensibilidade e intuição sobre as dimensões humanas.

De um modo geral, o trabalho de aconselhamento educacional neuropsicológico está relacionado aos objetivos da psicologia educacional/escolar, por meio de uma equipe multiprofissional que trabalha com administradores, professores, conselheiros, pais e coordenadores de maneira do aluno para ajudar os alunos a se desenvolverem globalmente. Suas necessidades básicas de aprendizagem são desenvolvidas.

Seu trabalho é voltado para a prevenção, avaliação, orientação psicológica e acompanhamento e é mais bem aplicado em ambientes institucionais para levar em conta aspectos da inclusão educacional em detrimento do cuidado pessoal, que só é feito quando realmente necessário.

A Psicologia Escolar tem como referência conhecimentos científicos sobre desenvolvimento emocional, cognitivo e social, utilizando-os para compreender os processos e estilos de aprendizagem e direcionar a equipe educativa na busca de um constante aperfeiçoamento do processo ensino/aprendizagem. Sua participação na equipe multidisciplinar é fundamental para respaldá-la com conhecimentos e experiências científicas atualizadas na tomada de decisões de base, como a distribuição apropriada de conteúdos programáticos (de acordo com as fases de desenvolvimento humano), seleção de estratégias de manejo de turma, apoio ao professor no trabalho com a heterogeneidade presente na sala de aula, desenvolvimento de técnicas inclusivas para alunos com dificuldades de aprendizagem e/ou comportamentais, programas de desenvolvimento de habilidades sociais e outras questões relevantes no dia a dia da sala de aula, nas quais os fatores psicológicos tenham papel preponderante (CASSINS et al., 2007, p 17).

Com base nos aspectos inclusivos dos neuropsicólogos que atuam nas escolas, vale destacar o processo de avaliação e acompanhamento individual da escolarização de alunos socialmente desfavorecidos em trabalho em equipe e em colaboração com as escolas, trabalhando com profissionais da escola para compreender situações propícias à marginalização e fornecer recursos para conectar os alunos a espaços mais regulamentados e trabalhar com as escolas para planejar ações para famílias socialmente desfavorecidas.

As recomendações da pedagogia neuropsicológica também são importantes na forma de intervenção na comunidade educativa para que seja inclusiva a promoção das ligações escola-pais e escola-comunidade através de programas de prevenção da evasão escolar, grupos de autoajuda, círculos de pais e professores, conselhos escolares parceiros, etc., especialmente para alunos com necessidades educacionais especiais.

O apoio educativo a estes alunos deve, portanto, centrar-se no desenvolvimento e superação do que os limita, tal como para outras deficiências, por exemplo para os cegos, a possibilidade de ler em Braille, os surdos, a forma mais prática de se comunicar e a pessoa com deficiência física, a forma mais adequada de se orientar e se locomover.

Deve ser lembrado que toda criança tem direito a uma educação que lhe permita realizar o máximo potencial humano, qualquer que seja sua capacidade de aprendizagem, no sentido, ela pertence a todos a escola atores de instituições de ensino inclusão social onde estão presentes a alma e o corpo das crianças especiais.

[...] Um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas ainda excluídas e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI, 1997, p.41).

É importante enfatizar que a principal tarefa do neuropsicopedagogo é promover o aconselhamento sobre educação de qualidade para todos, focando o trabalho de educação inclusiva, bem como a priorização das crianças e jovens com dificuldades em geral.

O AEE para pessoas com deficiência mental, por exemplo, deve focar na dimensão subjetiva do processo do conhecimento, complementando o conhecimento acadêmico e o ensino coletivo que a escola comum, portanto, o conhecimento acadêmico requer um determinado conteúdo curricular.

Neste sentido, o PPP escolar pode realizar adaptações importantes de acesso ao currículo no conjunto de modificações dos elementos físicos e materiais do ensino, bem como aos recursos pessoais do professor quanto ao seu preparo para trabalhar com os alunos que apresentam tais dificuldades e limitações de aprendizagem, podem ser definidas no planejamento das atividades como alterações ou recursos espaciais, materiais de comunicação que venham a facilitar os alunos com necessidades educacionais especiais a desenvolver as suas habilidades e competências num currículo escolar que atenda as reais necessidades destes sujeitos aprendentes.

É importante sublinhar que o documento que a educação inclusiva é a Declaração de Salamanca, que está na forma de uma Declaração de direitos e ação. Participou da Conferência

Mundial, promovida pela UNESCO, em junho de 1994, em Salamanca, na Espanha, com o objetivo principal de garantir os direitos de a todos, independentemente do grau de deficiência ou aprendizagem, ao que comumente chamamos de educação comum.

É função do neuropsicopedagogo promover processos inclusivos educacionais e conscientizar a comunidade escolar que o sentido do termo inclusão não significa promover a adequação ou a normatização de acordo com as características de uma maioria, seu significado está mais próximo da possibilidade de fazer parte, conviver e não se igualar.

A ASSESSORIA NEUROPSICOPEDAGÓGICA

O aconselhamento neuropsicopedagógico é regulamentado pela Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia, explicando basicamente duas áreas de atuação para esse especialista, a saber: a área institucional e a área clínica.

Se formos analisar o art. 29 do Código de Ética Técnico Profissional do Neuropsicopedagogo com formação no campo institucional, iremos constatar que a sua atuação ocorre exclusivamente em ambientes escolares ou em instituições de atendimento coletivo, fazendo parte da equipe técnica-pedagógica e do corpo de professores visando à construção de projetos de trabalho nas áreas de conhecimento formal, formulando a orientação de estudos interdisciplinares, assim como na prevenção da qualidade de vida por meio de campanhas internas relacionadas à saúde, à educação e ao lazer.

Ressalta-se que a prática dos neuropsicopedagogos centrava-se na metodologia da práxis na vertente teórico-prática psicopedagógica.

Sobre o tratamento e a assessoria psicopedagógicos, deve-se identificar a fragmentação dos conhecimentos, as atitudes pedagógicas, a construção que o aluno reproduz da imagem do professor e vice-versa, sobre a ideologia da realidade, dos mitos e símbolos, na direção da implantação de recursos preventivos no cotidiano escolar, assim como da investigação de diferentes metodologias sócio pedagógicas, histórico-antropológicas e etnológico-educativas (SILVEIRA, 2019, p. 127).

Nas instituições, o neuropsicopedagogo cumpre o importante papel de socialização do conhecimento disponível, de promoção do desenvolvimento cognitivo da construção de padrões de conduta inseridos no projeto social mais amplo, buscando afastar, contrabalançar a repressão.

Os procedimentos de adaptação curricular destinados a instituição escolar numa perspectiva inclusiva de educação, sem perder de vista o sentido legislativo da inclusão social, deve constar no PPP escolar, onde podem ser incentivadas a relação professor/aluno nas dificuldades de comunicação do aluno, inclusive a necessidade que alguns possuem de utilizar sistemas alternativos de ensino, como (Língua de Sinais, Sistema Braille, Sistema Bliss, dentre outros), a relação entre colegas pode ser marcada por atitudes positivas de cooperação, os alunos podem ser agrupados de modo que favoreça as relações sociais e o processo de ensino e aprendizagem,

o trabalho do professor da sala de aula e dos professores de apoio ou outros profissionais envolvidos pode ser realizado de forma cooperativa, interativa e bem definida do ponto de vista dos papéis desempenhados no grupo, a organização do espaço e dos aspectos físicos da sala de aula em sua funcionalidade, boa utilização e otimização dos recursos, assim como a seleção, adaptação e a utilização dos recursos materiais, equipamentos e mobiliários de modo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos numa perspectiva inclusiva de educação.

A Psicopedagogia surgiu no limite entre a Pedagogia e a Psicologia, a partir das necessidades de atendimento de crianças com distúrbios de aprendizagem, consideradas inaptas dentro do sistema educacional convencional.

No momento atual, à luz de pesquisas psicopedagógicas que vêm se desenvolvendo, inclusive no nosso meio, e de contribuições da área da psicologia, sociologia, antropologia, linguística, epistemologia, o campo da psicopedagogia passa por uma reformulação. De uma perspectiva puramente clínica e individual, busca-se uma compreensão mais integradora do fenômeno da aprendizagem e uma atuação de natureza mais preventiva (KIGUEL apud BOSSA, 2000, p. 18).

Em espaços do terceiro setor, como o neuropsicopedagogo pode atuar de forma psicopedagógica, apresentando projetos interdisciplinares relacionados às dificuldades de aprendizagem do educando, referenciando profissionais de saúde, bem como incluindo crianças e adolescentes em oficinas de atividades educativas, a fim de acompanhar o desempenho em relação às dificuldades apresentadas.

Quanto as intervenções do neuropsicopedagogo clínico, vale destacar que a sua avaliação deve ter por objetivo principal identificar no aprendente o seu desenvolvimento e a aprendizagem em relação a atenção e as funções executivas de expressão do comportamento, o aspecto da linguagem, a compreensão leitora, a memória dos processos de ensino e aprendizagem, a motivação intrínseca e extrínseca, as próprias estratégias de aprendizagem, o seu desenvolvimento neuromotor, as habilidades matemáticas, assim como as habilidades sociais de interação interpessoais.

Por isso, ele trabalha em uma equipe multiprofissional em consultórios, clínicas, os postos de saúde, o terceiro entre outros, realizando a avaliação e a intervenção em adolescentes e adolescentes com dificuldades escolares, considerando o que fazer com o insucesso escolar, com mau desempenho, com implicações para a autoavaliação da criança, para a família e para a comunidade, é uma tarefa complexa e difícil que ainda não tem resposta pronta, o que sublinha a necessidade de procurar que podem minimizar esta situação.

Na avaliação clínica neuropsicopedagógica, por exemplo, testes e escalas padronizados podem ser aplicados à população brasileira em relação ao aprendizado adquirido, utilizando observação clínica recreativa e material escolar para a elaboração de a hipótese diagnóstica.

O contato com a escola, com a família, com os demais membros que residem com o sujeito aprendente, com os demais profissionais que atuam no caso, torna-se relevante para a compreensão do quadro e do projeto de intervenção que melhor poderá se adequar em cada caso específico na demanda apresentada.

Portanto, vale pontuar que as especificidades da sua atuação, seja no campo institucional

ou no campo clínico, não perdem de vista a sua objetividade principal do saber-fazer, principalmente em se tratando da avaliação inicial, o neuropsicopedagogo deve elaborar as hipóteses diagnósticas centradas no próprio sujeito nos aspectos orgânicos e afetivo-cognitivos, nos aspectos psicológicos onde deverá encaminhá-lo a um psicólogo com relatório especificando a situação encontrada, nos aspectos familiares, em como aprendeu a aprender nos vínculos com a construção do conhecimento. Na escola, a avaliação poderá estar centrada na relação professor/aluno, da inadequação metodológica e na didática do ensino e da sua instrumentalização, ainda que consideremos ser mais difícil a análise porque o professor/ensinante está em atividade com muitos alunos.

Assim, pode-se afirmar que as intervenções neuropsicopedagógicas devem prestar a assessoria desenvolvendo um trabalho com o intuito de criar possibilidades para que a aprendizagem ocorra satisfatoriamente e desenvolver intervenções com o objetivo de detectar e estimular áreas que estão comprometendo o processo de aprender.

Para tanto, a intervenção inicial deve possuir um caráter preventivo e, em seguida ser reeducativa e desenvolvido em clínicas ou consultórios psicológicos para a identificação dos motivos que provocam os problemas de aprendizagem como o déficit intelectual, as incapacidades físicas ou sensoriais, as inadequações grupais, a imaturidade psicomotora, a ausência dos pré-requisitos básicos para a alfabetização, métodos de ensino inadequados, fatores emocionais, dislexias entre outros, possibilitando a intervenção com o intuito de solucionar os problemas de aprendizagem tendo como eixo norteador o aluno, assim como de buscar a realização de um diagnóstico e intervenção psicopedagógica, utilizando métodos, instrumentos e técnicas próprias da psicopedagogia institucional.

CONCLUSÃO

Foi possível concluir que o presente artigo intitulado de O que faz um Neuropsicopedagogo, traz um repertório básico sobre a sua atuação nos campos institucional e clínico, norteador as suas ações tendo como premissas o aspecto inclusivo das intervenções neuropsicopedagógicas, o aspecto da assessoria psicopedagógica no quesito avaliação e diagnóstico tanto dos contextos institucionais quanto dos sujeitos em dificuldades de aprendizagem, o aspecto da educação especial e das necessidades especiais em processos educacionais de inclusão sociocultural, assim como das Normas Técnicas do Neuropsicopedagogo, apontadas pela SBNPp.

Quanto ao aspecto inclusivo das intervenções neuropsicopedagógicas, é importante destacar que tais processos podem propiciar a todos os atores escolares a criação de uma visão mais ampliada dos complexos processos que levam os sujeitos aprendentes à efetiva aprendizagem em uma sociedade em transformação social, exigindo de todos os seus componentes os movimentos em prol da construção de uma cidadania mais ativa, participativa, plural e democrática.

Quanto ao aspecto da assessoria, é necessário destacar que o neuropsicopedagogo tem como base de atuação a práxis psicopedagógica como ferramenta capaz de construir vínculos baseados na confiança mútua na constituição da autonomia dos atores da escola e da criança,

sendo tolerante frente a inevitáveis frustrações da prática educacional e estabelecendo objetivos e limites claros em cada etapa do planejamento das ações, a fim de favorecer a aprendizagem do educando.

No que se refere à educação especial e as necessidades especiais de aprendizagem, vale pontuar a necessidade do planejamento das ações, do diagnóstico e das avaliações psicopedagógicas relacionando-se com a inclusão, na observância do desenvolvimento integral do sujeito em relação as suas capacidades cognitivo-emocionais, psicomotoras e de interação no grupo relacional a que pertence.

Falar de inclusão social nos remete ao seu reverso, ou seja, a exclusão social, embora refletir criticamente sobre a exclusão seja importante, é necessário enaltecer a inclusão e demonstrar seus benefícios, a sua importância, assim como a sua relação com a Neuropsicopedagogia em prol de melhores condições de vida, igualdade de oportunidades para todos os seres humanos e levar principalmente os sujeitos que estão ativamente participando do ambiente educacional para a construção de valores éticos socialmente desejáveis é uma maneira de enfrentar a situação da exclusão e um bom caminho para um trabalho que visa à democracia e à cidadania.

Assim, o neuropsicopedagogo tem o grande desafio que a educação apresenta às neurociências como proposição de temas relevantes a serem estudados em aprendizes com cérebros diferentes, como autistas, crianças com dificuldades de aprendizagem, deficiência intelectual, Síndrome de Down, superdotação e altas habilidades, dentre outros, considerando que hoje prevalece a política da escola inclusiva onde educar na diversidade será o maior desafio do educador contemporâneo.

Conclui-se também que o neuropsicopedagogo e a escola devem apropriar o projeto pedagógico para atender às crianças portadoras de dificuldades educacionais especiais com afetividade, reciprocidade, cooperação, participação ativa, interação social, atividades artísticas e autoavaliação para facilitar seu processo de aprendizagem. Para que o sucesso da aprendizagem aconteça verdadeiramente, precisa atuar com profissionalismo, atitude, criticidade, reflexão e sobretudo com coragem e amor.

Assim, pode-se dizer que a qualidade da educação, tão desejada por todos os seus atores sociais é uma qualidade social, pois ela só será conquistada a partir do comprometimento de todo o conjunto dos processos que, juntamente com a presença do neuropsicopedagogo na escola pode ser conquistada.

REFERÊNCIAS

BEAUCLAIR, João. Para entender Psicopedagogia: perspectivas atuais, desafios futuros. 3. ed. Rio de Janeiro, Wak. Ed., 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDBEN 4024/61. Disponível em <<http://www.legislacao.planalto.gov.br>>. Acesso em 04 julho. 2022

Metring, Roberte. Sampaio, Simaia. Neuropsicopedagogia e aprendizagem. Ed. Rio de Janeiro, Wak. Ed., 2022.



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fapesp
e-ISSN: 2675-1186

A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
ART AND ITS IMPORTANCE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Nadia Sinani de Oliveira Lima

RESUMO

O ensino das artes constituem elementos que despertam e expressam sentimentos, sentidos, imaginação e criação, porém, a sociedade, assim como a escola, está acostumada a encará-las somente como lazer e entretenimento o estudo tem por objetivo apresentar alguns fatores relevantes quanto à importância do ensino da arte para o desenvolvimento das crianças e averiguar se a arte pode contribuir para um aprendizado menos pautado na transmissão de informações e que considere a expressão e a autonomia do aluno, nesses níveis de ensino
Palavras-chave: Arte, Ludicidade, Criança, Educação, Escola.

ABSTRACT

The teaching of the arts are elements that arouse and express feelings, senses, imagination and creation, however, society, as well as the school, is used to seeing them only as leisure and entertainment, the study aims to present some relevant factors regarding the importance of teaching art for the development of children and to find out if art can contribute to a learning that is less guided in the transmission of information and that considers the expression and autonomy of the student, at these levels of education
Keywords: Art, Playfulness, Child, Education, School.

INTRODUÇÃO

Visualizar perspectivas para problemas do cotidiano escolar, ampliar visões de mundo e transformar práticas pedagógicas, analisamos e trabalhamos diversos temas relacionados ao nosso dia a dia enquanto profissionais da educação ao deparar-me com o tema para este trabalho, tive inúmeras ideias porém há tempos um assunto incomoda-me: o ensino da Arte nas escolas e como o desenho é apresentado e trabalhado nas escolas sobre a Arte e suas aplicações na escola.

Pouco a pouco, acabamos por perceber que temos na arte um instrumento de educação e não simplesmente mais uma matéria a ensinar as crianças possuem uma arte, isto é, uma forma de expressar, através de imagens visuais e plásticas apropriadas, seu estágio de desenvolvimento mental, e essa linguagem pictórica é uma coisa que existe com seu próprio mérito e não deve ser julgado pelos padrões adultos. Isto é, a arte desempenha um papel fundamental na educação das crianças; desenhar, pintar ou esculpir (criar) constitui um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de suas experiências, para formar um novo significado do todo.

Após a leitura de livros e textos que explicavam sobre como proceder a uma pesquisa, optei pela pesquisa de cunho bibliográfico, baseando-me em artigos científicos e livros, buscando informações e comprovações do assunto abordado para buscar discutir e apresentar a importância do ensino das artes na educação infantil ao mostrar que a educação através da arte é tão eficaz como qualquer outra forma de ensino.

Segundo os estudos de Read (1986), o uso da arte na educação para explicar determinados assuntos torna as aulas mais compreensíveis e de fácil percepção. A arte nas crianças é sumamente importante, e por esta razão, trata-se do primeiro indício, e o mais exato, da psicologia individual conhecida a tendência ou propensão psicológica de uma criança, sua própria individualidade pode ser desenvolvida pela disciplina artística, até adquirir sua própria forma e beleza, que é sua contribuição singular à beleza da natureza humana.

DESENVOLVIMENTO

A educação pela arte de Herbert Read chega no Brasil através das Escolinhas de arte, assim abrindo novas mudanças na área da educação, mudanças essas que permitem ajudar no desenvolvimento da capacidade criadora das crianças através das técnicas artísticas.

A escola é o local onde as crianças têm as primeiras oportunidades de desenvolver diferentes habilidades de convívio social juntamente com outras crianças da mesma faixa etária e de idades diferentes, fora do ambiente familiar. Toda criança vai à escola para aprender. Por isso, sua trajetória nesse ambiente, à primeira vista hostil, não deve parecer um local cheio de problemas e dificuldades em que os alunos possam fracassar.

A educação é o alicerce fundamental para a vida em sociedade, pois é capaz de transmitir e ampliar a cultura humana; pode desenvolver e ampliar a cidadania, construir novos saberes e

habilidade, preparar para o trabalho mas a educação vai além: ela é capaz de ampliar os limites da liberdade humana, à medida que a relação pedagógica adote, como compromisso ético e político, a solidariedade e a emancipação.

A educação básica em escolas públicas ocupa um lugar de relevante destaque na sociedade, pois tem a função social de preparar os indivíduos para o pleno convívio em sociedade. Além disso, deve dar acesso ao conhecimento sistematizado acumulado pela humanidade ao longo de sua existência. Outro ponto fundamental da educação formal é preparar os alunos para o mercado de trabalho, pois este, procura nas escolas mão de obra para o preenchimento de seus cargos, Segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A educação básica brasileira é afirmado por Libâneo (2006) que diz que a mesma está voltada à formação da personalidade do indivíduo. Isso envolve diferentes aspectos, entre eles os relacionados aos sentimentos, ao caráter, à vontade, às convicções e aos princípios éticos e morais. educação está voltada também a à conduta nas diferentes práticas sociais dos cidadãos, além da plena compreensão da cidadania como ativa participação social e política, assim como à compreensão de como se dá o pleno exercício de direitos e deveres políticos e civis os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) completam ao afirmar que a educação capacita o aluno a adotar atitudes de solidariedade e cooperação para com o próximo, repudiando a injustiça, valorizando o respeito ao outro e exigindo o mesmo respeito para si.

Os preceitos que regem a educação básica estão explicitados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96 e posteriores alterações com a lei 12.796/13:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:
I - educação básica obrigatória e gratuita dos 04 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma:
a) pré-escola;
b) ensino fundamental;
c) ensino médio;
II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade;
III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;
IV - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria (BRASIL, 1996).

O currículo escolar obrigatório também está estabelecido na LDBEN (1996) e posteriores alterações, conforme a seguir:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.
§ 1º Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade

social e política, especialmente do Brasil.

§ 2o O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (BRASIL, 1996).

Os desafios do currículo constam de maneira mais detalhada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). O documento, elaborado em 1996 pelo Ministério da Educação e Cultura, trata-se de um referencial de qualidade para a educação fundamental brasileira de todo território nacional.

Segundo Martins, Picosque e Guerra (2010), desde o tempo em que habitava as cavernas, o homem vem manipulando cores, formas, gestos, espaços, sons, silêncios, superfícies, movimentos, luzes, etc. tendo, com isso a intenção de dar sentido a algo, de comunicar-se com outros sujeitos, a comunicação entre os indivíduos e as diferentes leituras de mundo não se dão somente por meio das palavras o ser humano sabe sobre pensamento e os sentimentos de diferentes povos e épocas são conhecimentos obtidos por meio de músicas, teatro, poesia, pintura, cinema, danças, entre outras manifestações artísticas.

Richter (2008) afirma que um fator determinante no multiculturalismo brasileiro é a condição social das diferentes classes socioeconômicas relacionadas às questões de raça e gênero.

A autora cita Candau:

Os movimentos sociais que se desenvolveram, com especial força, na última década no nosso país (consciência negra, grupos indígenas, cultura e educação popular, movimentos feministas etc.) têm favorecido uma consciência nova das diferentes culturas presentes no tecido social brasileiro. Hoje a necessidade de um reconhecimento e valorização das diversas identidades culturais, de suas particularidades e contribuições específicas à construção do país é cada vez mais afirmada. (CANDAU, apud RICHTER, 2008, p. 19).

Essa multiculturalidade não pode ser negligenciada nas aulas de Arte, ao contrário, deve ser valorizada, levando o aluno a ver a arte em diferentes perspectivas, sob o olhar da diversidade cultural de seu país e do mundo que o cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte não deve ser uma forma de preencher o tempo da aula que restou sem planejamento. Ao contrário deve ser significativa para formar o cidadão crítico e participante na sociedade, abrindo-lhe os olhos o aluno pode com a Arte desenvolver suas habilidades, na criação e observação dos trabalhos. “Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir” (BRASIL, 1997 p. 61)

A expressão do saber, do comunicar-se, do interagir com materiais variados, de compreender a arte como fator histórico, são capacidades enumeradas nos PCN's para os alunos do Ensino Fundamental, desenvolvendo-os para competências estéticas nas diversas modalidades

artísticas: dança, música, teatro, artes plásticas segundo o documento, os conteúdos de arte trazem para o Ensino Fundamental a aprendizagem de formação cidadã, buscando participação, igualdade, compreensão da produção nacional e internacional. , ao propor a realização de uma tarefa, o professor precisa ter clara sua intenção: o trabalho busca a cópia, com a finalidade de aperfeiçoamento da técnica do desenho, ou ele pretende que seu aluno crie, releia a obra de arte proposta para a execução de sua atividade as propostas são válidas, desde que a intenção esteja clara tanto para quem propõe a atividade quanto para quem vai executá-la.

O importante é saber diferenciar cópia e releitura, propondo ambos os trabalhos, com finalidades distintas o aluno saberá acompanhar as propostas de cópia e releitura, desde que fique claro para ele qual a finalidade da atividade trazida pelo professor.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- READ, Herbert. A redenção do robô. Meu encontro com a Educação Através da Arte: São Paulo: Summus, 1986. Tradução por Fernando Nuno.
- RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2008.
- RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Didática do ensino da arte: A língua do mundo: Poetizar Construir e Conhecer a arte. São Paulo. FTD. 1998
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Teoria e Prática do Ensino de Arte: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fapesp
e-ISSN: 2675-1186

A HISTÓRIA INFANTIL E A VISUALIDADE PLÁSTICA

A HISTÓRIA INFANTIL E A VISUALIDADE PLÁSTICA

Rita de Cássia Azarias do Nascimento

RESUMO

Foi analisado neste trabalho como as escolas podem fazer para ajudar o aluno a desenvolver suas próprias potencialidades a partir de metodologias valorizadoras e enriquecedoras das atividades de sala de aula. Este trabalho pretende analisar as contribuições da obra “Erica e os impressionistas” de James Mayhew como recurso para ampliar o acesso dos alunos, dos primeiros anos do Ensino fundamental ao conhecimento literário de diferentes culturas, e épocas. Pretende-se utilizar esta obra para demonstrar a relação entre as linguagens literária e artística, e como estas abordagens podem resultar em uma produção artística. Assim apresenta novos conceitos e olhares, e a possibilidade de integração entre realidades distintas e diferentes linguagens artísticas. Conhecer através do livro citado os artistas, o movimento impressionista, sua época e o universo criativo que envolve as obras e as possibilidades de produção literária. Pode-se também ser utilizados filmes da série os impressionistas sobre a vida e obra dos pintores. O trabalho parte da pesquisa bibliográfica utilizando-se referenciais como os PCNs e os seguintes autores :Ana Mae. Sisto Celso Ferraz e Fusari .

Palavras-chave: Impressionismo; Contos; Arte.

ABSTRACT

In this work, it was analyzed how schools can help students to develop their own potential from methodologies that value and enrich classroom activities. This work intends to analyze the contributions of the work “Erica and the Impressionists” by James Mayhew as a resource to expand the access of students, from the first years of elementary school, to literary knowledge of different cultures and times. It is intended to use this work to demonstrate the relationship between literary and artistic languages, and how these approaches can result in an artistic production. Thus, it presents new concepts and perspectives, and the possibility of integration between different realities and different artistic languages. To get to know, through the aforementioned book, the artists, the impressionist movement, their time and the creative universe that involves the works and the possibilities of literary production. Films from the impressionist series on the life and work of painters can also be used part of the bibliographical research using references such as the PCNs and the following authors: Ana Mae with the Triangular Proposal, its concepts, its applicability in everyday school life. Sisto Celso and the art of storytelling, and Ferraz and Fusari.

Keywords: Impressionism; Tales; Art.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar a contribuição da obra “Erica e os impressionistas” como recurso para possibilitar o contato com diferentes culturas, e a descoberta de novos conceitos e olhares e promovendo a integração entre realidades distintas e diferentes linguagens. Permite conhecer através do livro citado o impressionismo: suas técnicas, temáticas e historicidade.

O livro de James Mayhew permite uma viagem com a personagem que “entra” nas obras para colher flores. Este recurso literário promove o diálogo entre a literatura e a produção plástica e permitem a criança a imersão no universo artístico do impressionismo.

Este universo técnico e criativo que envolve as obras impressionistas estimula a imaginação dos alunos dos primeiros anos do ensino fundamental pela riqueza de informações, demonstrando o vínculo existente entre a literatura e a linguagem plástica e propicia um ambiente para uma produção artística criativa.

Este contato com a literatura amplia a visão de mundo destes alunos e permite uma prática docente abrangente. O tema do livro também oportuniza o trabalho com a leitura de imagens onde os momentos de leitura, contextualização e prática podem ser trabalhadas em sala de aula.

Como disse Ana Mae saber ler imagens na contemporaneidade é fundamental, uma vez que somos bombardeados por estímulos imagéticos o tempo todo, seja através da publicidade, na política, e acabamos recebendo a maioria dessas imagens de forma inconsciente e acrítica.

Já a partir do fazer artístico espera-se proporcionar uma vivência e experiência durante toda a produção tornando o processo de ensino/aprendizagem completo e significativo para os educandos aplicando na prática os conceitos abordados durante a leitura e contextualização.

Este trabalho tem como objetivo geral verificar como o livro e a discussão sobre o tema impressionismo pode contribuir para o processo de aprendizagem.

Pretende analisar como as aulas de Artes podem se constituir no espaço onde o aluno, além de poder expressar-se e experimentar as possibilidades dos diferentes materiais, possam também desenvolver outras habilidades, com um olhar cuidadoso, senso crítico, onde estejam intrinsecamente ligados a leitura de imagem, a contextualização histórica e o fazer artístico.

A Arte é um componente valioso para o desenvolvimento integral do indivíduo, que ao interagir em sociedade, vive um processo de aprendizagem constante. Por isso é importante que a escola proporcione momentos de enriquecimento cultural onde o aluno possa participar de experiências para a construção de seu conhecimento, de forma prazerosa e atraente.

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica baseada nos teóricos: Ana Mae Barbosa (1998) em textos sobre o impressionismo, no livro de James Mayhew nos PCNs e no referencial curricular.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA O DESENVOLVIMENTO

A Arte é um componente valioso para o desenvolvimento integral do indivíduo, que ao interagir em sociedade, vive um processo de aprendizagem constante. Por isso é importante que a escola proporcione experiências para a construção do conhecimento artístico, de forma prazerosa e atraente. A escola é, muitas vezes, o único lugar para essa formação, sobretudo, nas comunidades economicamente mais desfavorecidas.

Segundo Barbosa (1998)

Quando falo de conhecer arte, falo de um conhecimento que nas artes visuais se organiza inter-relacionando o fazer artístico, a apreciação da arte e a história da arte. Nenhuma das três áreas sozinhas corresponde a epistemologia da arte (BARBOSA 1998 p.32)

Segundo Barbosa (1998) “A arte na educação afeta a intenção, inovação e difusão de novas ideias e tecnologia, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador”.

A Educação Infantil é a fase das brincadeiras, é o momento em que as crianças descobrem o mundo, criando, experimentando. É importante e necessário analisar qual a contribuição pode ocorrer com o trabalho de arte na Escola e quais as influências que a mesma pode proporcionar na formação do desenvolvimento futuro dos seres humanos.

As diferentes linguagens: visual, musical, cênica, corporal e outras mais, estão associadas, nos dias atuais, às novas tecnologias, novos valores e evolução em diversos segmentos. Assim, a Arte não pode estar dissociada do meio onde os alunos se inserem. O aluno aprende quando, de alguma forma o conhecimento se torna significativo para ele, ou seja, quando estabelece relações entre o que se aprende e o que já conhece.

A Arte é tão importante quanto às outras disciplinas curriculares e deve ser considerada como um meio de estimular a criatividade, a linguagem, aprender sobre a diversidade cultural, expressar sentimentos e contextualizar.

Para realização do projeto de educação estética e artística é necessário que o professor trabalhe com: documentos artísticos como pinturas, esculturas, gravuras, e filmes, e busque Informações complementares na mídia ou publicações em textos, livros, teses, artigos.

LIVRO: ÉRICA E OS IMPRESSIONISTAS

O Livro trata de uma visita ao museu no dia do aniversário da avó de Érica. “A postura de Érica diante dos quadros ensina ao leitor um dos recursos possíveis para se “ler” pinturas: A menina observa, descreve o que vê, depois interpreta e transporta as pinturas para seu universo particular”.

Guiados por Érica, as crianças se sentirão bastante à vontade em meio às obras de arte. Érica “entra nos quadros” primeiramente para colher flores no quadro “o almoço” de Claude Monet, depois para regar as flores na “menina do regador”. Para Érica, o museu de arte é um

lugar lúdico e dinâmico, cheio de surpresas e descobertas. Em suas aventuras ela se envolve com Jean filho de Monet e na obra “campo de Papoula” é picada por uma abelha. Percorre ainda, os bastidores do balé em “a primeira noite de Renoir e nas dançarinas azuis de Edgar Degas e finalmente presenteia a avó com as flores.

A história revela o olhar infantil e atento da personagem Érica que se apropria de algumas obras e constrói um universo de aventuras com as personagens e situações das obras para alcançar seu objetivo. Nesse sentido o livro ensina muito sobre o movimento impressionista, sobre o mundo das cores e das pinceladas através das obras de Monet, Renoir e Degas.

“O despertar das crianças para a arte não acontece somente com o fazer artístico, a leitura, o “contar histórias” numa linguagem compreensível cria a cumplicidade necessária oferecendo espaços para o ouvinte se envolver e criar como diria Celso Sisto “pois uma história é feita, na cabeça do ouvinte pela construção de expectativa, frustrações reconhecimento e identidades”.

O contato com as obras se dá pela mediação do professor contador de histórias e permite grandes descobertas sobre diversas linguagens. Esta leitura estimula a sensibilidade e a capacidade de lidar com formas e cores, imagens, gestos, fala, sons e outras expressões e resgata a criação e a fantasia da criança.

O professor poderá encontrar no livro “Érica e os impressionistas”, uma oportunidade de incentivar nos alunos a observação das obras de arte. Ao realizar atividades utilizando como referência o livro, o professor estará trabalhando com muitos conteúdos e objetivos sugeridos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte. O livro possui uma linguagem adequada ao público infantil, ao final do livro, o autor apresenta um histórico das pinturas e pintores citados.

O livro estimula a visita aos museus, exposições, galerias, ateliês, oficinas como fontes de informação e comunicação artística.

O professor pode propor a criação e elaboração de desenhos baseados na obra “Erica e os impressionistas” e posteriormente fazer a observação e análise das formas produzidas por cada aluno e do processo pessoal nas suas correlações com as produções dos colegas.

O livro possui uma linguagem simples e incentiva a discussão do tema impressionismo, além disso possui imagens e informações orais sobre artistas, suas biografias e suas produções. O professor pode comentar as ilustrações e as reproduções das pinturas instigando os alunos observar as características da pintura impressionista

O professor deve escolher uma das pinturas visitadas por Érica e propor uma nova leitura do quadro: Pode solicitar aos alunos que redesenhem a pintura, mostrando como ela pode alterar a “ordem” do quadro mantendo algumas características da pintura.

Para finalizar a atividade, o professor pode organizar uma exposição na sala de aula com todos os trabalhos, e discutir com os alunos que características do quadro acabaram desaparecendo, ou quem conseguiu surpreender mais no modo de alterar a história em torno do quadro. Mostre os diferentes tratamentos no uso dos materiais, e destaque os que mais se assemelham aos tratamentos da “pintura original”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discutiu como o livro de James Mayhew pode instigar discussão e contribuir para a divulgação das obras impressionistas, auxiliando o professor a promover o diálogo entre a literatura e a produção plástica.

A leitura do livro “Erica e os impressionistas” permite que professor (de maneira lúdica e simples) trabalhe o impressionismo: suas técnicas, temáticas e historicidade.

Especificamente sugeriu-se este livro porque é ricamente ilustrado com as obras, o texto literário e o texto visual se complementam e se sobrepõem uns aos outros, numa composição plástica, motivando a criação e o gosto pela leitura.

Este trabalho possibilitou verificar a importância de se estabelecer vínculos entre arte e sociedade, além promover informações sobre artistas cujas obras sejam fundamentais na história da arte. Cabe ao professor pesquisar e aplicar metodologias apropriadas à interação da criança com o livro e com a literatura infantil

Percebeu-se a necessidade de rever as práticas educativas do ensino de Arte e que o professor tenha propostas como a leitura de livros, visita a museus.

É necessário que a escola propicie ao educando um aprendizado significativo, com acesso as obras de arte e o conhecimento de obras em contextos, culturas e expressões diversas para que a Arte seja proposta como um instrumento reflexivo.

Concluiu-se que o professor deve incentivar essa experiência artística nas escolas para ampliar conhecimentos, criticidade e criatividade proporcionando o momento do fazer artístico, onde os alunos poderão expressar sua visão pessoal de linguagem artística.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O Ensino Aprendizagem em Tempos de Internet. São Paulo: Unicamp. 2008.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda (orgs.). Abordagem triangular no ensino da arte e cultura visual. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Arte Educação no Brasil São Paulo Perspectiva 1978

BARBOSA, Ana Amália. Releitura, citação, apropriação ou o quê? In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Leis de diretrizes e bases da educação Nacional. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa: terceiro e quarto ciclo do ensino Fundamental. Brasília MEC, (2001).

_____. Parecer CNE/CP 9/2001. Brasília: MEC/SES, 2001.

_____.Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/ SEB, (1999).

BUORO, A.B. Olhos que pintam: a leitura de imagem e o o ensino da arte. São Paulo: Educ, FAPESP, Cortez, 2002.

COLETO, Daniela Cristina; A importância da arte para a formação da criança; Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.3, jan./jul. 2010.

FERRAZ, M HC DE T. FUSARI A arte na educação escolar.

FUSARI, M. F. de R. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNIO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1991

OSTETTO, Luciana Esmeralda e LEITE. Maria Isabel. Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão. Campinas; SP: Papirus. 2004.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar do ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.



A ARTE CÊNICA COMO APOIO PEDAGÓGICO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

SCENIC ART AS PEDAGOGICAL SUPPORT FOR THE LEARNING PROCESS

Rita de Cassia de Sousa

RESUMO

A finalidade deste artigo é investigar, tendo como base a análise bibliográfica, à prática do profissional especialista em arte cênica no espaço escolar, sabendo que dependendo de sua atuação ele poderá formar alunos capazes de fazer leitura do mundo e transformar a realidade para uma sociedade democrática e mais justa. A arte cênica não é somente um elemento de recreação, é muito mais que isto. Hoje, a arte cênica é vista como material pedagógico de grande importância para o desenvolvimento dos alunos. Sabe-se que é muito mais fácil gravar informações por meio de situações prazerosas favorecidas promovidas por atividades artísticas, ou seja, elas estão presente na vida da criança e isso pode contribuir para o desenvolvimento quando se sabe identificar as atividades que determinam as mudanças para sanar as dificuldades da criança. Tanto as artes cênicas quanto as atividades devidamente escolhidas vêm contribuindo com uma formação coerente e adequada favorecendo o processo de mudança da educação abrindo espaço para as diferenças. A preocupação com este assunto pode ser uma questão de adequação da escola para receber a arte cênica como disciplina, permitindo analisar sua finalidade para trazer benefícios para o aprendizado das crianças envolvidas.

Palavras-chave: Educação. Aprendizagem. Arte cênica. Recursos. Planejamento

ABSTRACT

The purpose of this article is to investigate, based on the bibliographic analysis, the practice of the professional who specializes in scenic art in the school space, knowing that depending on his performance he can train students capable of reading the world and transforming reality for a democratic and more just society. Today, scenic art is seen as educational material of great importance for the development of students. It is known that it is much easier to record information through pleasurable situations promoted by artistic activities, that is, they are present in the child's life and this can contribute to development when it is possible to identify the activities that determine the changes to heal the child's difficulties. Both the performing arts and the duly chosen activities have contributed to a coherent and adequate formation, favoring the process of education change, opening space for differences. The concern with this subject can be a matter of the school's suitability to receive the scenic art as a discipline, allowing to analyze its purpose to bring benefits for the learning of the children involved.

Keywords: Education. Learning. Scenic art. Resources. Planning.

INTRODUÇÃO

Este Artigo, tem o intuito de refletir nas maneiras de oferecer uma educação de qualidade, para isso a finalidade deste é apresentar as artes cênicas como um recurso pedagógico importante, pois, por meios da arte se privilegia o contexto sócio - econômico e cultural além de estimular o contato entre as crianças dando enfoque as suas diferenças considerando seus valores e as bagagens já adquiridas, propiciando, um desenvolvimento integral e dinâmico favorecendo a construção e o acesso ao conhecimento, valorizando assim a relação adulto / criança, criança /criança, pois através dela, podemos trabalhar valores, regras e até o aprendizado formal de conceitos .

É importante deixar claro a importância das artes cênicas no desenvolvimento estrutural, lógico e material da criança, pois, quando representamos, desenvolvemos todos os sentidos, auxiliando na linguagem, no afetivo, no cognitivo, na moral e no físico-motor, conhecer este tema, em sua totalidade, possibilita ao professor rever seus métodos e formas de ensinar, de maneira a contribuir para que a criança transforme em seu cognitivo o concreto em abstrato gravando tudo o que se ensina.

Entende-se que a arte cênica está sempre presente em nosso cotidiano, durante nossa vida estamos sempre representando ou imaginando formas de convívio com o mundo as vezes nos pautando no imaginário, onde por meio de caminhos para solucionar problemas nos reconstruímos e nos reinventamos para resolver pequenos conflitos.

A ARTE CIÊNCIA COMO APOIO PEDAGÓGICO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A cada minuto, busca -se criar uma sociedade humanitária, menos preconceituosa, injusta, contribuindo para que crianças portadoras de necessidades especiais sejam vistas como iguais, garantindo-lhes o acesso e nas escolas tornando favorável sua passagem por ela garantindo a a construção de seu conhecimento.

A escola tem em para si um grande desafio de promover as inteirações dos alunos, com outras crianças que ampliem o seu repertório cultural, favorecendo novas aprendizagens. O reconhecimento das diferenças, aceitando-as como desafios a serem superados pela natureza humana, sem pré-conceitos favorecem o aparecimento e o reconhecimento das potencialidades humanas, sendo possível permitir criar, descobrir e reinventar novas estratégias pedagógicas que incluam atividades que garantam a participação de todos os alunos, respeitando as dificuldades e restrições de cada um deles, reconhecendo cada uma das dificuldades reconstruindo a prática pedagógica conforme a dificuldade apresentada.

Assim o papel escolar é muito grande diante do estímulo a participação da criança para que haja o envolvimento das diferentes linguagens, colocando -a em contato com o mundo externo, oferecer acesso a diferentes atividades instrucionais diferenciadas, oferecendo-lhe trabalhos em

grupo, para que ela obtenha um aprendizado cooperativo, participando de diferentes metodologias e diferentes estilos de aprendizagem.

É preciso garantir o acesso ao material adequado sempre que o aluno com Deficiência necessitar deste para realizar as atividades propostas, garantindo o tempo que o aluno necessitar para realizar as atividades sugeridas, respeitando o seu desenvolvimento.

Todos os indivíduos devem estar matriculados na unidade escolar, pois a inserção destes no ambiente escolar favorece o desenvolvimento psíquico da criança. Segundo Vygotsky (1962), a educação é importante para que o sujeito se reconheça como participante da sociedade, transformando o conhecimento adquirido como fruto do trabalho realizado entre professores, alunos, família, equipe técnica, construindo um aprendizado coletivo.

O nível de desenvolvimento real, passa ao nível de desenvolvimento potencial, uma vez que a exploração e a comparação realizada entre o conhecimento adquirido e a experiência oferecida criem um conhecimento sendo que para ser considerado adequado, deve-se buscar a mediação entre ambos e esta deve ser oferecida pelo professor.

Para entender a importância das artes cênicas para as crianças é preciso entender a importância do brincar, pois ambas as ações fazem parte do cotidiano infantil e uma está atrelada à outra, ambas contribuindo para o desenvolvimento cognitivo completo do aluno.

Imitar é algo que a criança traz consigo quando se tem início sua vida escolar das crianças, suas imitações inicialmente têm caráter recreativo, sendo considerada uma brincadeira, que favorece o contato entre os pares enriquecendo a comunicação das crianças.

Vygotsky (1962) acredita que o jogo, de imitar permite que as crianças realizem várias operações mentais e elaborem novas ideias. No momento em que a criança brinca de casinha imita um adulto, ou com outra criança ela está tendo o pensamento reflexivo de como ela recebe a informação do que vem a ser a sociedade, e treina os diversos tipos de comportamentos sociais que ocorrem no entorno dela.

Essa atividade garante a percepção do seu papel em meio a sociedade Friedman (1996) diz que a atividade lúdica que inclui a interpretação quanto meio Educacional significa pensar menos no brincar e pelo brincar utilizando o imitar e o brincar como instrumento de trabalho para atingir os objetivos propostos.

Há um aspecto muito significativo, no qual merece um olhar especial é quando a arte cênica se torna forte aliada no trabalho a ser desenvolvido, com o principal dever de resgatar a atividade como caminho para espontaneidade e o desenvolvimento integral das crianças.

Diante desta realidade, muitas crianças participam de brincadeiras que envolvem as artes cênicas somente na classe, transportando as suas angústias do dia a dia, tornando este exercício extremamente importante para auxiliar na compreensão de seus problemas e no seu conhecimento próprio, propiciando a troca de experiências entre adultos e crianças.

A educação é um passo decisivo para que as crianças alcancem o sucesso escolar esperado nas séries seguintes, com a eficiência esperada. Neste período da vida da criança as atividades propostas são relevantes, porque o sistema biopsicossocial do aluno que está dando seus passos definitivos para a construção sólida da formação intelectual do indivíduo.

A arte cênica lhe dá esta permissão, de vez em quando, o aluno é o centro das atenções,

de vez em quando é o coadjuvante para que outra criança possa aparecer quanto pessoa, este processo favorece a percepção da criança em saber que junto dela no mundo, há outras pessoas e que ambas são igualmente importantes e necessárias.

Continuamente a criança precisa se expressar, utilizar-se de uma proposta educacional, rica de atividades que permitam a expressividade e espontaneidade, facilitam o desenvolvimento de suas habilidades. As artes cênicas permitem, um acesso intermediário entre este mundo ilusório e a realidade, oferecendo ao aluno a chance de interagir com o mundo.

A arte cênica além de um importante instrumento pedagógico, uma poderosa ferramenta cultural, que passa costumes de geração em geração, oferecendo conhecimentos que algumas vezes se perdem no processo pedagógico que compartilhamos normalmente nas salas de educação infantil.

O atuar, imitar, encenar, criar, contribui para o desenvolvimento cognitivo, a lateralidade, o raciocínio lógico, a fala, e amplia o vocabulário, tratar a arte cênica como apoio didático de forma séria, é um meio de oferecer um desenvolvimento completo ao indivíduo em formação, pois a arte cênica o coloca em contato com o seu eu interior e com o seu próximo de forma completa.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção da interação social, confere caráter significativo à linguagem cênica. Sendo esta uma das formas mais importantes de expressão humana, o que só justifica sua pretensão no contexto da educação de um modo geral, e na educação em infantil particular.

Este tipo de transmissão de conhecimento verbal interpretativo é o mesmo processo que se verificam nas tribos de povos primitivos e indígenas de diferentes nacionalidades e regionalidades no mundo que buscam deixar em seus saberes, valores para os mais novos por meio de seus rituais.

O trabalho com a arte cênica facilita a observação do adulto diante da reação infantil, a princípio espera-se que as crianças não expressem somente, mas que expressem e gravem conteúdos diferenciados por meio da interpretação. Tratando-se de verificar que a interpretação tem grande valor, pois se utilizam de informações gravadas no seu interior e a recriam sem grande necessidade de pensar no que deve fazer, isso a leva a tornar a atividade interessante ao olhar do aluno, por ser espontânea tornando-se chamativa, pelo seu caráter festivo.

No fundo das relações sociais as diferentes linguagens corporais, e cênicas, permitem aprendizagens cognitivas, afetivas e sociais nas mais diferentes áreas do conhecimento. A arte cênica tem entre outras funções como prioridade, ajudar aos alunos a desenvolver suas habilidades motoras como, permitir que a criança tome consciência de seu corpo, e suas partes além de seus respectivos movimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte cênica está atrelada a uma rica gama de movimentos que permitem o desenvolvimento do aluno como um todo, sem que ele perceba, sendo realizada as atividades de formas

descontraídas. A sua função é favorecer a interação dela com o mundo, ajudando a se sentir bem com o meio social, promovendo condições para que ocorra um convívio social agradável desenvolvendo suas habilidades sociais, levando a criança a compreender a necessidade de cooperação com seus pares, desenvolvendo atividades de independência.

Esta auxilia também no desenvolvimento intelectual das crianças, facilitando a fonética, e o entendimento da história, oferecendo a formação crítica do indivíduo, despertando a curiosidade da busca do novo, favorecendo o reconhecimento das diversas coisas existentes no mundo : pessoas, animais, objetos, países, etc. Esta, ainda contribui no desenvolvimento das crianças em relação à resolução de problemas, sequenciação, memorização e raciocínio lógico, além de favorecer a aquisição de uma postura consciente.

Esta valorização é facilmente realizada por meio das brincadeiras oferecidas graças ao vasto repertório de atividades oferecidas, oferecendo interações diversas para que as crianças possam por meio dessa interação entrar em contato com as mais diversas linguagens, favorecendo o desenvolvimento de suas habilidades.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M.S. F. Projeto escola viva – garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola – alunos com necessidades especiais. Adaptações de grande porte. Brasília MEC /SEESP, 2000.

ARANHA, J.M. História da Educação. São Paulo. Ed. Cortez. 1991

FRIEDMAN. A. (org.) O Direito de Brincar : A Brinquedoteca. São Paulo. Scrita, 1998.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo. Martins Fontes, 1987.

MANTOAN, M. T.E. Caminhos pedagógicos da inclusão. São Paulo. Ed. MEMNON, 2001,

WALLON, H.– Psicologia e Educação, São Paulo. Ed Vozes, 2000.



A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA
ENVIRONMENTAL EDUCATION IN BASIC EDUCATION

Rita de Cassia Teodoro da Silva

RESUMO

Para que se possa alcançar o intento de que a Educação seja uma ferramenta transformadora, por meio da qual se possa formar sujeitos críticos, cidadãos conscientes e indivíduos sensíveis ao entorno, é imprescindível que cada ação pedagógica esteja voltada para vivências reais e práticas, de modo que a aprendizagem seja permeada de sentido. Neste contexto, um dos temas prementes a serem abordados nas escolas é a relação entre ecologia, sustentabilidade e alimentação saudável. Por meio da exploração de tais aspectos, é possível realizar um aprofundamento de conteúdos e conceitos indispensáveis à escolarização. Esta pesquisa possui relevância devido à importância das discussões acerca da necessidade de estimular o aluno a refletir e compreender as questões ambientais da atualidade. É imprescindível que o professor busque e descubra meios de provocar inquietações em seus alunos no que tange à natureza e a maneira como nos relacionamos com ela, articulando estas reflexões e conceituações a conteúdos curriculares. A ação humana afeta diretamente o equilíbrio dos processos da natureza e é indispensável que a escola fomente e medie o desenvolvimento de uma consciência a esse respeito nos jovens, de forma que o olhar sobre o planeta possa ser transformado e seja possível que a sociedade reconheça seu papel no contexto da sustentabilidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Sustentabilidade, Conscientização.

ABSTRACT

In order to achieve the intention that Education is a transformative tool, through which critical subjects, conscientious citizens and individuals sensitive to the environment can be formed, it is essential that each pedagogical action is focused on real and practical experiences, in a way that learning is permeated with meaning. In this context, one of the pressing issues to be addressed in schools is the relationship between ecology, sustainability and healthy eating. Through the exploration of such aspects, it is possible to deepen the contents and concepts that are essential for schooling. This research is relevant due to the importance of discussions about the need to encourage students to reflect and understand current environmental issues. It is essential that the teacher seeks and discovers ways to provoke concerns in their students regarding nature and the way we relate to it, articulating these reflections and concepts to curricular content. Human action directly affects the balance of nature's processes and it is essential that schools encourage and mediate the development of awareness in this regard in young people, so that the outlook on the planet can be transformed and it is possible for society to recognize its role in the context of sustainability.

Keywords: Environmental Education, Sustainability, Awareness.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a educação ambiental vem se tornando tema presente em discussões sobre práticas pedagógicas e sobre o papel da escola na conscientização e transformação de comportamentos que se opõem à sustentabilidade.

É preciso perceber que não precisamos salvar o planeta, e sim a nós mesmos. São os seres vivos, incluindo os seres humanos, que estão em perigo por conta da destruição dos recursos naturais. Dessa forma, o planeta, de uma forma ou de outra, continuará existindo.

A questão é encontrarmos uma maneira de nós permanecermos nele. Tal aspecto mostra-se pertinente ao observarmos a carga de antropocentrismo presente na ideia de que o ser humano é o elemento principal do universo, de modo que, caso não existam mais condições para sua sobrevivência, tudo o que há simplesmente desaparece, quando, com efeito, sabemos que ocorreram extinções de seres vivos, mas o planeta Terra permaneceu existindo, por meio de transformações e adequações ao longo do tempo.

Nota-se, portanto, a presunção humana ao considerar-se o centro de tudo e a condição para a existência do mundo. Nesta pesquisa busca-se compreender a importância que a Educação Ambiental possui na formação dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

A investigação do problema é orientada pela necessidade de conhecer o modo como a Educação Ambiental pode contribuir para a formação dos indivíduos, levantar e apontar conceitos que esclareçam e auxiliem no sentido de uma compreensão da importância do despertar de uma consciência ecológica, bem como identificar como a teoria e a prática estão presentes no cotidiano das escolas a fim de que seja possível proporcionar atividades significativas que aproximem os alunos da natureza.

É importante que haja consciência sobre a sustentabilidade residir também no fato de ser uma oportunidade de avanço econômico, pois oferece possibilidades de diminuir o custo de produção, bem como o custo de vida. Assim, não se trata de um sacrifício a ser feito em nome de uma mudança desagradável e necessária. Com o olhar correto, a sustentabilidade pode representar maiores lucros em diversos aspectos da vida em sociedade. Considerando o papel imprescindível da Escola diante da necessidade da conscientização e da mudança de hábitos, será desenvolvido a seguir um estudo acerca do tema.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SUSTENTABILIDADE

A sustentabilidade está ligada a uma ideia de que é necessário repensar e redefinir a relação dos seres humanos com o meio ambiente, de modo que seja viabilizada a preservação da natureza e dos recursos indispensáveis a todos os tipos de vida do planeta.

A Educação Ambiental cumpre um papel fundamental para a transformação deste olhar e das práticas cotidianas da sociedade, pois, conforme Reigota (1998), esta área do conhecimento possui foco nas propostas pedagógicas voltadas para a conscientização, para a construção de

competências, transmutação e ressignificação de comportamentos, desenvolvimento de capacidades e habilidades de participação dos alunos. A questão socioambiental moderna demanda uma visão, bem como uma postura, pautada no pensamento crítico por parte da sociedade, que esteja alinhada com o desenvolvimento sustentável.

Para que isso seja possível, é importante que o aluno conheça os processos biológicos, bem como sócio-históricos que permeiam a relação dos indivíduos com a natureza. Por meio da escola, este olhar crítico e essa mudança de comportamento podem ser multiplicados e alcançar toda a sociedade.

O professor deve estar atento a descobrir modos de construir valores sociais em conjunto com os alunos, no sentido de estimular mudanças de hábitos nas práticas cotidianas. Pádua e Tabanez (2013) afirmam que a Educação Ambiental viabiliza a aquisição de conhecimentos que aperfeiçoam comportamentos e habilidades, o que possibilita uma relação mais harmônica dos seres humanos com o meio ambiente:

[...] a educação ambiental na escola ou fora dela continuará a ser uma concepção radical de educação, não porque prefere ser a tendência rebelde do pensamento educacional contemporâneo, mas sim porque nossa época e nossa herança histórica e ecológica exigem alternativas radicais, justas e pacíficas (REIGOTA, 1998, p. 43).

A solidariedade é um dos eixos mais importantes da Educação Ambiental, pois a partir dela podemos pensar valores que dizem respeito tanto ao indivíduo, quanto à sociedade como um todo, como os comportamentos de consumo, de acordo com Jacobi (2012).

Dessa forma, é possível notar a imprescindibilidade da presença da reflexão e do diálogo sobre ecologia e meio ambiente no ambiente escolar, buscando convergências e articulações com a prática cotidiana em sociedade. Os recursos oferecidos pela natureza sempre foram imprescindíveis para a sobrevivência humana.

No entanto, o desenvolvimento pautado no acúmulo de capital da sociedade capitalista faz com que haja uma apropriação abusiva dos recursos naturais, provocando um desequilíbrio na relação do homem com o meio ambiente. Este processo de degradação compromete a qualidade de vida, especialmente nos países mais desenvolvidos, uma vez que as políticas públicas geralmente não tratam os problemas ambientais de forma prioritária e emergencial.

Como resultado desta política constata-se o aumento da proliferação de doenças, a exposição da população a miséria a um ambiente insalubre e degradado, o que vem ferir alguns dos principais direitos constitucionais do cidadão, tais como a dignidade da pessoa humana, a saúde e o direito a um meio ambiente equilibrado, que garanta a qualidade de vida das presentes e futuras gerações (OLIVEIRA, 2012).

No Brasil, a ameaça à biodiversidade está presente em todos os biomas, em decorrência, principalmente, do desenvolvimento desordenado de atividades produtivas. A degradação do solo, a poluição atmosférica e a contaminação dos recursos hídricos são alguns dos efeitos nocivos observados. Na maioria dos centros urbanos, os resíduos sólidos ainda são depositados em lixões, a céu aberto (ProNEA, 2005). Nesta perspectiva, ainda pode-se associar a um quadro de exclusão social e elevado nível de pobreza da população, pois muitas pessoas vivem em áre-

as de risco, como encostas, margens de rios e periferias industriais expostas às intempéries da natureza. Também inclui nesta discussão que uma significativa parcela dos brasileiros têm uma percepção “naturalizada” do meio ambiente acreditando que só o lixo e que está contribuindo para a degradação do meio ambiente. Segundo o ProNEA (Programa Nacional de Educação Ambiental, p.17),

Reverter este quadro configura um grande desafio para a construção de um Brasil sustentável, entendido como um país socialmente justo e ambientalmente seguro. Nota-se ainda um distanciamento entre a letra das leis e sua efetiva aplicação, sobretudo no que se refere às dificuldades encontradas por políticas institucionais e movimentos sociais voltados à consolidação da cidadania entre segmentos sociais excluídos (ProNEA, s/d, p. 17).

Para que haja um enfrentamento da problemática ambiental, algumas estratégias devem ser organizadas para surtirem o efeito desejável na construção de sociedades sustentáveis, envolvendo uma articulação coordenada entre todos os tipos de intervenção ambiental direta, incluindo neste contexto as ações em educação ambiental.

Diante desta realidade, a Educação Ambiental mostra-se como uma das ferramentas de orientação para a tomada de consciência dos indivíduos frente aos problemas ambientais e é exatamente por isso que sua prática faz-se tão importante, a fim de solucionar as questões relativas ao acúmulo de resíduos, desperdício de água entre outras.

A educação para o meio ambiente vem crescendo e assumindo um papel muito importante na criação de uma linguagem comum na comunidade sobre as questões ambientais, dando condições a mídia, as instituições governamentais e não governamentais e a outros grupos e representações de desenvolverem de forma mais articulada projetos sobre educação ambiental.

Para Oliveira (2012), discutir os problemas ambientais e estar de frente a inúmeros questionamentos, tais como: o que é e o que não é considerado lixo? É possível reaproveitar o lixo? O que é reciclagem? O que é coleta seletiva e qual a sua importância para a preservação ambiental? Quem são os culpados por tantos problemas ambientais? Por que está ocorrendo um desequilíbrio na relação homem/ natureza? A Educação Ambiental é um direito? Há alguma legislação que garanta a prática da Educação Ambiental nas instituições de ensino? A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 225, §1o, VI estabelece a obrigação do Poder Público de promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

A Educação Ambiental é decorrente do princípio da participação, onde se busca trazer uma consciência ecológica à população, titular do direito ao meio ambiente.

O aspecto social da Educação Ambiental evidencia-se no dever para com o patrimônio da comunidade e das gerações futuras. Acrescenta-se aqui também a participação da sociedade civil nos procedimentos democráticos, assegurados por lei. Contudo, constata-se que a Política Nacional de Educação Ambiental vem encontrando dificuldades para ser implementada na prática.

Os principais fatores que contribuem para essa não aplicação encontram-se intimamente relacionados a falta de conhecimentos sobre a própria política por parte da população e tam-

bém a falta de interesse pelas instituições.

A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL

Para que seja possível que as práticas pedagógicas sejam transformadas para que sejam reflexivas e participativas, é necessário que se aceite o desafio imposto aos professores (SANTOS; SABEI; MORAIS, 2013).

A Constituição Brasileira também apresenta considerações sobre educação e meio ambiente, enfatizando aspectos da educação como instrumento de inclusão social, que possui, entre outras, a função de contribuir para que o meio ambiente seja ecologicamente equilibrado, de modo que haja qualidade de vida, como consta: Art. 225.

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (MORAES; CRUZ, 2015).

A escola possui um papel de grande importância no direcionamento sobre a questão ambiental, pois ela forma aqueles que farão a gestão da sociedade no futuro. Assim, cada aluno deve receber da escola uma formação que prime por construir conhecimento sobre fenômenos naturais, bem como sobre as consequências de nossas ações sobre o ambiente.

Falar de Educação Ambiental é abordar tema transversal que pode e deve perpassar toda e qualquer disciplina, de modo que todas podem apresentar significativa contribuição (ALMEIDA; et al, 2012) As questões ambientais ganharam destaque quando a sociedade passou a perceber o grande impacto que o estilo de vida vigente estava causando em todo o mundo. Dessa forma, a qualidade de vida da população apresentou visível queda, tornando impossível que o tema não viesse a debate.

Dentro deste cenário, a Educação Ambiental apresenta-se como uma possibilidade de transformação desta realidade, mobilizando a sociedade por meio da compreensão da responsabilidade que todos possuem sobre o meio ambiente. O processo é contínuo e precisa ser pensado permanentemente, e envolver os diversos atores que fazem parte da questão (CRUZ; MELO; MARQUES, 2016).

Os perigos à biodiversidade no Brasil apresentam-se amplamente, como consequência de um desenvolvimento de atividades produtivas desordenado. Aspectos como a degradação do solo e a poluição são destaques ao lado da utilização de recursos hídricos. A busca de possibilidades de intervenção e reversão de tais problemas é urgente.

A Educação Ambiental pode ser o mecanismo necessário para conduzir esta mudança, proporcionando o conhecimento necessário para que discussões e práticas sejam fomentadas na sociedade (GUIMARÃES, et al; 2015). Os grupos são formados e fortalecidos a partir da educação e da mobilização social, de modo que é por meio desta sensibilização que promove a união de todos que será possível a implementação de práticas de valorização e preservação do meio ambiente (SARAIVA, et al, 2015).

A educação ambiental está integrada na sociedade e possui uma relação dialógica com ou-

tras áreas que a constituem. Devem ser observadas portarias, leis, orientações do Ministério da Educação (MEC), entre outros, para que a escola possa cumprir seu papel, considerando acompanhamento pedagógico, ações educacionais e sociais (BALDIN; MELLO, 2015).

É imprescindível que a instrução, a informação e a orientação cheguem a ricos e pobres, para que haja uma profunda e verdadeira sensibilização a respeito dos problemas e possíveis soluções que o tema da sustentabilidade traz consigo.

Existe a necessidade de cuidar para que a reflexão sobre as ações sejam constantes, de maneira que pensemos sobre nossa existência e o papel ativo que possuímos no processo de manutenção de nossas vidas no planeta.

Assim, educar as novas gerações para a sustentabilidade é algo que pode transformar o cenário de nossa sociedade. A mudança de que precisamos reside na transformação de nosso olhar para nós mesmos e para o mundo. Uma nova forma de nos relacionarmos com o entorno será, portanto, a porta para uma reinvenção de nossa sociedade.

POSSIBILIDADES PARA A ABORDAGEM DE QUESTÕES AMBIENTAIS

O papel do professor atualmente, difere do professor dito, tradicional. O professor deixa de ser o principal agente do processo que se transfere para o aluno como parte do processo de aprendizagem.

Tal como a professora Nosella faz constar em seus trabalhos, um ponto de partida pode advir de Michel de Montaigne, renascentista que do século XVI nos envia um recado: “o aluno não é um vaso que se enche de água, mas, sim uma fonte que se faz brotar”.

Essa ênfase no processo educacional como mediação e construção é sintomática dos tempos modernos e do que dissemos quando comparamos os métodos de ensino. Delizoicov (2009, p.122) procura por cenas do cotidiano escolar para trazer à luz questões sobre o tema acima enunciado. Assim, uma primeira medida que anuncia para melhorar em definitivo nossa prática em sala de aula é “reconhecer que nosso aluno é, na verdade, o sujeito de sua aprendizagem; e quem realiza a ação, e não alguém que sofre ou recebe uma ação”.

Isto equivale a dizer que não há como ensinar alguém que não quer aprender, uma vez que a aprendizagem é um processo interno que ocorre como resultado da ação de um sujeito” (DELIZOICOV, 2009, p. 122).

Neste caso, o papel do professor como mediador ou facilitador do processo de aprendizagem aparece como condição essencial. Coerentemente ao que já afirmamos, a aprendizagem e o resultado das ações de um indivíduo, e não de qualquer ação, pois ela se constrói por meio de uma interação entre um sujeito e seu meio circundante, natural e social.

Já frisamos, também, o valor da vivência cotidiana e fizemos a comparação entre ela e o conhecimento científico. Falta, agora, lembrar que, se grande parte das ações em sala de aula ainda é fruto da tradição, existe hoje a necessidade de conduzir o aluno a adquirir conhecimentos que possam aplicar em sua vida, além da simples memorização.

Disto depende a eficácia do processo de ensino e aprendizagem como uma maneira segura

de desenvolver habilidades manuais e intelectuais, o relacionamento social, a convivência com os próprios sentimentos, valores, formas de comportamento.

Educar e formar informando e informando formando. Os conteúdos são importantes, mas os valores também. O aluno e o foco, hoje, as luzes se deslocaram, portanto:

Reconhecer o aluno como foco de aprendizagem significa considerar que os professores têm um papel importante de auxílio em seu processo de aprendizagem, mas, sobretudo, perceber que, para de fato poderem exercer esse papel, é preciso pensar sobre quem é esse aluno (DELIZOICOV, 2009, p. 125).

Os conhecimentos científicos estão presentes em nossa vida cotidiana, por meio dos objetivos e processos tecnológicos e “a ciência não é mais um conhecimento cuja disseminação se dá exclusivamente no espaço escolar, nem seu domínio está restrito a uma camada específica da sociedade, que a utiliza profissionalmente” (DELIZOICOV, 2009, p. 127).

Seu espectro de ação está ampliado de forma mais ampla e envolve decisões tanto éticas quanto políticas por parte dos docentes e do cenário da educação nacional. As ciências físico-naturais têm um grande papel quanto à prática simbolizadora que permite a construção de imagem sobre o nosso meio natural e social. A escola é apenas um dos espaços onde tais explicações e linguagens são construídas e a menos que a ciência como conhecimento se faça acessível e inteligível, os enunciados simplesmente memorizadores serão facilmente esquecidos em poucos dias.

O que se pretende e a incorporação do conhecimento de forma profunda e duradoura, e isto só se consegue após um processo de aprendizagem significativa que envolva os sujeitos, no caso, os educandos. Bizzo (2002) afirma que o professor deverá enfrentar a tentação de dar respostas prontas e oferecer novas perguntas em seu lugar, propiciando aos alunos a sua própria busca e resultados.

Uma resposta assim encontrada poderia levar o aluno a procurar a resposta junto a seus colegas, envolver a família, procurar em livros (acrescentaríamos a Internet), formular novas hipóteses.

Tais atitudes são “muito positivas, deixando para depois deste momento de investigação dos alunos a sistematização do trabalho desenvolvido, procurando aferir as respostas encontradas, realizando com os próprios alunos uma síntese dos conhecimentos alcançados” (BIZZO, 2002, p. 50).

E o mesmo tema que Demo (2003) desenvolve quando propõe o educar pela pesquisa. Este modo de ver parte da definição da educação como processo de formação da competência humana dentro de um quadro renovador que permita ao aluno ser um pesquisador criterioso que enxergue o processo de aprendizagem como algo que dele depende fundamentalmente.

Temos como sujeito, destinado a competência, inovação como resultado da competência do conhecimento e intervenção visando a ética da competência fazem parte do discurso desse autor, que enfatiza: A proposta de educar pela pesquisa tem pelo menos quatro pressupostos cruciais:

- a convicção de que a educação pela pesquisa e a especificidade mais própria da educação escolar e acadêmica; - o reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política e o cerne do processo de pesquisa; - a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno; - e a definição da educação como processo de formação da competência histórica humana (DEMO, 2003, p. 5).

Na proposta de Demo (2003), a base teórica representa o cerne do trabalho. A ela, cabe consolidar a capacidade explicativa do educando, buscando por causas, condições, argumentações e contra argumentações, para desenvolver a familiaridade com a ciência, na capacidade de induzir e deduzir.

A construção de uma horta tem como objetivo envolver os alunos por meio da observação, bem como da experimentação, explorando as possibilidades de atividades que auxiliarão na compreensão de conceitos relativos ao meio ambiente. Materiais recicláveis são utilizados e os alunos participam ativamente de todos os momentos (SANTOS; SABEI; MORAIS, 2013).

Uma horta feita em ambiente escolar configura uma atividade de cunho multidisciplinar, podendo ser utilizada pelo professora para que diversos temas sejam abordados, passando pela questão da alimentação saudável, o que são e como atuam os agrotóxicos, considerando os riscos que representam à saúde humana, entre outras possibilidades de diálogo e reflexão fomentados pelo professor mediador do desenvolvimento e da construção do conhecimento de seus alunos a respeito do tema (SILVA; et al, 2014).

Silva (2012) afirma que a proposta da Educação Ambiental é atingir todos os cidadãos, promovendo a participação contínua de todos de forma consciente e crítica a respeito da questão ambiental, de modo que seja possível identificar e agir sobre os problemas ambientais. É necessário, portanto, que a escola traga a questão da Sustentabilidade para o seu interior, de modo que a relação do ser humano como parte da natureza possa ser compreendida e vivenciada por toda a comunidade escolar.

A compreensão sobre a relação entre homem e a natureza é um elemento importante nas discussões que permeiam a educação ambiental, pois esta se origina da necessidade de atendimento aos problemas urgentes que o meio ambiente, portanto os seres humanos, enfrentam. A escola é o espaço de debate e construção de saberes que podem intermediar ações e transformações na sociedade.

Faz-se extremamente necessário promover a discussão sobre o meio ambiente e suas questões urgentes. Para tanto, todas as modalidades de educação devem estar inseridas neste processo, considerando que o professor deve receber adequada formação sobre o tema, para que possa atuar como um multiplicador e um mediador dos conhecimentos e ações a respeito das transformações necessárias em relação ao meio ambiente (SILVA; PEREIRA, 2015).

Atividades relativas ao cultivo de hortas possuem significativo caráter didático, proporcionando possibilidades de exploração de diversas áreas do conhecimento, de forma interdisciplinar.

Dessa maneira, os alunos podem aprender mais e de maneira muito mais significativa e prática. A escola consolida seu compromisso com o meio ambiente por meio do cultivo de uma horta orgânica, e promove a mobilização e aquisição de conhecimentos por parte dos alunos

no que tange a aspectos como alimentar, nutricional, ambiental, a colaboração, o trabalho em equipe (CUNHA; et al, 2014).

A interação entre aluno e professor são elementos que se destacam na implementação de uma horta orgânica, pois este processo pode envolver toda a comunidade escolar, tornando-se dinâmico e permeado de sentido (LUCENA; FIGUEROA; OLIVEIRA, 2015).

Garrafas pets fazem parte de uma grande quantidade de resíduos sólidos que são gerados diariamente pela população no mundo todo. A degradação do meio ambiente é uma preocupação que precisa levar em conta os impactos de tais resíduos, de maneira que se faz necessário repensarmos nossas práticas em relação à utilização e ao descarte destes itens. Assim, uma maneira possível de diminuir o problema é a utilização de garrafas pets para o cultivo de pequenos vegetais (LIMA; DUARTE; ARAÚJO, 2014).

A escola apresenta-se como um ambiente que possui o potencial de formar cidadãos capazes de compreender seu papel social, pensando e agindo sobre questões importantes para sua comunidade. Parte importante deste processo está relacionada à conscientização sobre a alimentação e a forma como nos relacionamos com a natureza (RIBEIRO; et al, 2015).

Ao longo da História, o ser humano tem buscado formas de modificar sua experiência e sua vida no mundo. Isso fez com que sua relação com o planeta passasse a ser regida pelo desejo de explorar todas as possibilidades, sem que se levassem em conta as consequências destas ações.

É importante que haja consciência sobre a sustentabilidade residir também no fato de ser uma oportunidade de avanço econômico, pois oferece possibilidades de diminuir o custo de produção, bem como o custo de vida. Assim, não se trata de um sacrifício a ser feito em nome de uma mudança desagradável e necessária. Com o olhar correto, a sustentabilidade pode representar maiores lucros em diversos aspectos da vida em sociedade.

A sustentabilidade está ligada a uma ideia de que é necessário repensar e redefinir a relação dos seres humanos com o meio ambiente, de modo que seja viabilizada a preservação da natureza e dos recursos indispensáveis a todos os tipos de vida do planeta.

Precisamos de um esforço extraordinário uma nova forma de viver onde há respeito a tudo o que é vivo; há a percepção de que tudo está interligado, que Terra e Homem formam um único organismo e que o futuro só será menos aterrorizante se nos reconciliarmos com as sábias leis que regem este vasto complexo biológico que é nosso planeta. Atualmente, a preocupação com o meio ambiente não está mais restrita ao âmbito político.

O progresso leva ao desenvolvimento de todas as áreas: financeira, política, econômica, cultural, educacional etc., contudo, junto a este momento de progresso tecnológico inserido na sociedade, há o uso desenfreado e avassalador dos recursos da natureza, tudo em nome do progresso, que vem gerando graves problemas no que concerne ao real entendimento de que crescimento econômico exclui qualidade de vida ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi possível verificar que os princípios da Educação Ambiental devem estar presentes nas escolas em toda a prática pedagógica, por meio da realização de um trabalho voltado para a compreensão do meio ambiente como um todo que se relaciona continuamente com o nosso cotidiano, mantendo a questão da sustentabilidade em constante discussão e reflexão, bem como os aspectos ambientais que abrangem desde o local até o global, de forma democrática, dialógica e participativa, em diversas propostas didáticas que mobilizam os alunos neste sentido, buscando sua conscientização para que se tornem multiplicadores nos demais meios sociais em que circulam, tornando possível, assim, uma transformação no olhar das pessoas sobre a questão ambiental, seus hábitos e sua forma de pensar e agir sobre o meio em que vivem.

O cumprimento dos objetivos previstos para a Educação Ambiental deve ocupar lugar central nas práticas pedagógicas aplicadas no ambiente escolar, de modo a buscar promover a reflexão sobre as práticas sociais e de produção de consumo, garantindo o acesso às informações sobre a questão socioambiental de forma democrática, além de fomentar a mobilização, participação e a cooperação considerando as dimensões individuais e coletivas dos sujeitos sociais.

É importante destacar o trabalho com a biodiversidade, a concepção de natureza como fonte de vida, a pluralidade étnica, racial, de gênero e sexual. Todo o movimento ora descrito visa ao fortalecimento da cidadania, solidariedade e igualdade. A questão do currículo é um desafio a ser enfrentado diariamente na Educação, pois é necessário um grande esforço e muita dedicação para que os conteúdos abordados não sejam estanques e mantenham-se constantemente articulados com questões imprescindíveis para o espaço escolar, como a Educação Ambiental.

A inserção do tema e o trabalho interdisciplinar que ele demanda exigem dos profissionais envolvidos um manejo dialógico e um esforço para que os elementos trabalhados não pareçam distantes e alheios, fomentando uma conscientização sobre os aspectos de impacto direto na vida de cada aluno.

Para tanto, é preciso explorar os assuntos relativos à Educação Ambiental em todas as disciplinas do currículo, pois perpassam as diferentes áreas do saber e todos os âmbitos da vida humana.

Um dos fatores que dificultam o desenvolvimento de práticas educativas que atendam ao que é expresso na política de educação ambiental no Brasil diz respeito ao despreparo e a falta de conscientização dos próprios docentes que devem introduzir seus alunos em um universo de reflexão, conhecimento, crítica, participação e colaboração para a transformação no que tange à biodiversidade, à sustentabilidade, à relação com os recursos naturais e todos os elementos socioambientais que permeiam a vida de cada indivíduo que possui na escola uma possibilidade de formação cidadã.

BIBLIOGRAFIA

- ALM ALMEIDA; et al (2012). Educação ambiental e a prática educativa: estudo em uma escola estadual de Divisa Alegre – MG. IN: Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão on-line, n. 13 (jul. – dez. 2012), Feira de Santana – BA (Brasil), dez./2012.
- BALDIN, N.; MELLO, A. C. de. Educação ambiental para sensibilizar a coparticipação com a natureza e a agroecologia na escola. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 378-402, Set./Dez. 2015.
- BIZZO, Nélio. Ciências: fácil ou difícil? São Paulo: Ática, 2002. BRASIL. Congresso Nacional. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CRUZ, C. A. da; MELO, I. B. N. de; MARQUES, S. C. M. A educação ambiental brasileira: história e adjetivações. In: Revbea, São Paulo, v. 11, No 1: 183-195, 2016.
- CUNHA, V. T. da. Horta na escola: uma forma didática de trabalhar a sustentabilidade. In: Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, Aquidabã, DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação).
- DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 6. ed. Campinas, SP: autores associados, 2003.
- GUIMARÃES, R. A. M.; et al. A educação ambiental nas escolas da rede pública de Manaus – AM: uma perspectiva no indicador da qualidade do ensino no Brasil. In: Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental, 2015.
- JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. 2 ed. São Paulo: SMA, 2012.
- LIMA, A. S. D.; DUARTE, K. L. de S.; ARAÚJO, E. P. Confeção de uma horta vertical utilizando garrafa pet na escola estadual Clóvis Pedrosa, Cabaceiras – PB. In: V Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, Belo Horizonte/MG – 24 a 27/11/2014.
- LUCENA, T. C. de; FIGUEROA, M. E. V.; OLIVEIRA, J. C. A. de. Educação ambiental, sustentabilidade e saúde na criação de uma horta escolar: melhorando a qualidade de vida e fortalecendo o conhecimento. In: Revista Brasileira de Educação e Saúde. REBES (Pombal – PB, Brasil), v. 5, n. 2, p. 01-09, abr.-jun., 2015.
- MORAES, K. F. de; CRUZ, M. R. da. O ensino da educação ambiental. In: Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.10, n.2, 1º quadrimestre de 2015.
- OLIVEIRA, Odisséa Boaventura; BARRA, Vilma Marcassa. Conteúdo, metodologia e avalia-

ção do ensino das ciências naturais. Curso de Pedagogia séries iniciais do ensino fundamental da modalidade de educação a distância. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.

SANTOS, T.; SABELI, T. R.; MORAIS, J. L. de. Relato de Experiência: Construção de uma horta hidropônica em ambiente escolar. In: IX Fórum Ambiental da Alta Paulista, v. 9, n. 6, 2013, p. 170-175. SARAIVA, M. de A.; et al. Sensibilização e mobilização social através da educação ambiental. In: Revista Extensão em Ação, Fortaleza, v. 2, n. 9, Ago/ Dez. 2015.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. SILVA, A. M. da; et al. A horta orgânica como alternativa de educação ambiental na escola municipal Professora Zélia Matias, em Petrolina – PE. In: Revista de Extensão da Univasf, v.3, n. 2, jun. 2015.

SILVA, D. G. da. A importância da educação ambiental para a sustentabilidade. FACULDADE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DE PARANAÍ, 2012.

SILVA, N. N. E. S. da; PEREIRA, J. L. de G. A educação ambiental e o planejamento educacional no ensino superior: a formação do professor. In: Laboratório de Tecnologias da Informação e da Comunicação - LATEC/UFRJ & Laboratório de Ecologia e Desenvolvimento LED/UFRJ. Volume 5 - No 2- Julho/Dezembro de 2015.v.5, n.2, Jun, Jul, Ago, Set, Out, Nov 2014.



ENSINO DE NOTÍCIAS: UM CAMINHO PARA PENSAR A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

TEACHING NEWS: A WAY TO THINK ABOUT READING IN ELEMENTARY SCHOOL

Rodrigo da Silva Lima

RESUMO

Este artigo tem por objetivo pensar o ensino do gênero textual notícia do contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Caderno da Cidade de São Paulo de Língua Portuguesa. O objetivo principal é explorar a capacidade dos alunos em ler criticamente as notícias. Para isso, as Habilidades da BNCC (EF07LP01): Distinguir diferentes propostas editoriais – sensacionalismo, jornalismo investigativo etc. –, de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato noticiado e (EF07LP02) Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas. Desta forma, essa proposta de aula pode permitir o aluno perceber, portanto, o “sensacionalismo” nas notícias e, assim, aprimorar a capacidade de selecionar fontes de informação com mais cuidado, evitando acessar portais de notícias duvidosos bem como questionar a veracidade de informações espalhadas pelas redes sociais.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Notícia, Leitura.

ABSTRACT

This article aims to think about the teaching of the textual genre news in the context of the Base Nacional Comum Curricular (BNCC) and the Caderno da Cidade de São Paulo in Portuguese. The main objective is to explore students' ability to critically read the news. For this, the BNCC Skills (EF07LP01): Distinguish different editorial proposals – sensationalism, investigative journalism, etc. –, in order to identify those used to impact/readers who can make a critical analysis of the news and reported and reported (EF07LP02) To compare news and reports on the same fact published in different media, analyzing the processes of (re-elaboration of means texts and the convergence of media in multisemiotic news or reports. In this way, this class proposal can allow the student to perceive, therefore, the sensationalism with greater selection capacity” in the proposals for accessing dubious news portals, “notions of accessing news portals with problems” spread across social networks.

Keywords: Portuguese Language, News, Reading.

INTRODUÇÃO

A importância de ler criticamente e avaliar o “sensacionalismo” no jornal on-line e as fontes de informações como demais portais de notícias se tornou cada vez mais relevante, principalmente em um mundo que viveu e ainda vive um período de pandemia em que o acesso à informação se intensificou com o uso da internet. Além disso, comparar notícias para entender melhor o fato, ou seja, ler mais de uma notícia sobre o mesmo fato, em diferentes mídias, permite um processo de leitura crítica e análise da situação de forma mais precisa, uma vez que o aluno não só terá a consciência do fato em si mas uma visão crítica da notícia, podendo, desta forma, entender a visão editorial do jornalista da notícia bem como quais partes dela está “sensacionalista”, o que são os fatos e opiniões dentro da notícia.

Para essa proposta, a ser conduzida em turmas do 7 ano do Ensino Fundamental, foram separadas 2 notícias sobre o fato recente em 25 maio de 2022: Exposição de altos caches pagos por prefeituras pequenas a artistas famosos. Para essa proposta, a sequência de atividade foi pensada graças a um debate em sala sobre os altos valores pagos a esses artistas e muitos alunos “só de ouvir/ler as notícias nas redes sociais” defendiam e atacavam os artistas e os valores, defendendo os caches ou julgando um absurdo o valor para cidades tão pequenas e pobres.

Diante desse cenário, em que se lê mais os comentários das notícias do que as notícias em si, a reflexão trazida ao professor a partir do contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), permite explorar caminhos para a identificação de “sensacionalismo” e exageros na opinião de notícias durante a apresentação dos fatos. Por isso, para um aluno do Ensino Fundamental, é fundamental a experiência de leitura crítica, principalmente nesse retorno presencial, cenário após o auge da pandemia, pois muitos liam “notícias” comentadas na internet, principalmente em redes sociais..

A princípio, este artigo tem por objetivo pensar o ensino de Língua Portuguesa dentro do contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo da Cidade ao explorar a capacidade do aluno de interpretar criticamente fatos da sociedade. Para isso, entende-se ser fundamental explorar as habilidades que abordam o tema da notícia nos 7 anos. Desta forma, a leitura de notícias pode permitir ao aluno a questionar a postura do jornalista e separar notícias de comentários que exploram tragicamente o fato, ou que fogem do foco do fato da notícia, por exemplo, o que seria prejudicial para o gênero textual em si.

HABILIDADES DE LEITURA CRÍTICA DE NOTÍCIA

De início, a proposta de leitura das notícias se baseia na habilidade (EF07LP01) da BNCC que tem por objetivo diferenciar os estilos dos editoriais, identificação de sensacionalismo e recursos que chocam leitoras quando as notícias são veiculadas e a habilidade. Além dela, destaca-se a habilidade (EF07LP02), pois seu objetivo é justamente comparar notícias sobre um mesmo fato divulgado em diferentes mídias, analisando a convergência das mídias sobre os

fatos multissemióticos.






Imagem 1 – Base Nacional Comum Curricular

7º ANO
<p>(EF07LP01) Distinguir diferentes propostas editoriais – sensacionalismo, jornalismo investigativo etc. –, de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato noticiado.</p>
<p>(EF07LP02) Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas.</p>

Fonte: (BNCC, Brasil, 2018, p. 163)

A seguir, destaca-se trecho do Caderno da Cidade de São Paulo para o Ensino Fundamental em que também no 7º ano explorem-se reflexões sobre a diversidade cultural e social dos impactos das notícias no dia a dia da população. Desta maneira, o caderno do município permite a sugestão de pensar e repensar as representações culturais e sociais.

Imagem 2 – Correspondência das competências das matrizes dos saberes no Currículo da Cidade

COM FOCO NA DISCUSSÃO SOBRE QUESTÕES RELATIVAS ÀS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E INTERCULTURALIDADE		
(EF01LP07) Ouvir a leitura de textos (reportagens, notícias, contos modernos, entre outros) que abordem a temática das diferentes representações sociais de modo a refletir e respeitar a diversidade cultural e social. 		  
(EF01LP08) Ouvir a leitura de relatos históricos, verbetes e/ou artigos de enciclopédia e outros textos da esfera jornalística, além de assistir a reportagens, entrevistas, vídeos, documentários e clipes para conhecer e valorizar as diferentes culturas que estejam inseridas na realidade da comunidade escolar. 		

Fonte: (SME/COPED, 2019, p. 101)

UM CAMINHO PARA PENSAR A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Imagem 3 – Notícias Impressas e on-line

Algumas diferenças entre notícias *online* e notícias impressas

Notícias	<i>online</i>	impressas
Suporte	site	jornal
Disposição gráfica do texto	em blocos	em colunas
Imagens	estáticas e/ou em movimento (vídeos, gráficos animados etc.)	estáticas (fotografias, gráficos etc.)
Palavras em destaque no texto	em itálico, negrito, sublinhadas ou com fonte maior; hiperlinks	em itálico, negrito, sublinhadas ou escritas com fonte em tamanho maior
Forma de leitura	não linear	linear
Possibilidade de o leitor comentar a notícia	possibilidade imediata de comentar a notícia no próprio site e compartilhá-la	impossibilidade de comentar imediatamente a notícia

Fonte: Nova Escola. Plano de aula. Material de Apoio

A partir das habilidades definidas, começa-se a estratégia de uma sequência didática capaz de promover as diretrizes suficientes para o trabalho com a notícia. De início, a partir da inspiração de um plano de aula da Revista Nova Escola

Na imagem 3, uma preocupação bastante importante era se as notícias para essa proposta de atividade seriam impressas e/ou on-line. Tendo em vista a experiência e hábitos culturais dos alunos lerem muito em tela e acessar muito as redes sociais, optou-se nessa proposta o uso de duas notícias publicadas de forma online, até mesmo também pelo hábitos dos alunos logo após lerem as notícias. Desta forma, a leitura das notícias serão exploradas para a identificação de traços de sensacionalismo a posição ética de opinião do jornalista/editorial.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: INTERPRETANDO AS NOTÍCIAS

O Ciclo Autoral, ou seja, alunos do 7º até os 9º anos, é direcionado para a produção escrita, seja de textos do cotidiano, como cartas, bilhetes, seja para textos mais elaborados como artigos de opinião e, assim, ter ideias em que conscientemente os alunos saibam se são notícias sensacionalistas ou se há um jornalismo mais sério em expressar as opiniões. ”.

A elaboração da Sequência Didática (SD) inspirada nas orientações propostas por Schneuwly e Dolz (2004) orienta um encaminhamento adequado na elaboração de um passo a passo a ser desenvolvido para aferir a partir de etapas, do desenvolvimento e da absorção dos conteúdos pelos alunos. Desta forma, destaca-se a importância de um plano de aulas, cujo objetivo é atingir o desenvolvimento das habilidades pensadas pelos planos.

Segundo estes autores,

(...) Um modelo didático apresenta, então, em resumo, duas grandes características: 1. ele se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores; 2. ele evidencia as dimensões ensináveis, com base nas quais diversas sequências didáticas podem ser concebidas. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 82)

Nesse sentido, essa visão teórica de ensino (SD) reconhece a língua como fenômeno social e por isso

[...] o trabalho escolar, no domínio da produção da linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queira ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 51).

PLANO DE AULA: LEITURA DAS NOTÍCIAS

A primeira aula dessa sequência foca o gênero notícia online já mencionado os motivos e com leitura de matérias produzidas e no campo de atuação jornalístico/midiático que foram compartilhadas em algumas redes sociais. A notícia é um gênero discursivo da esfera jornalísti-

ca, esfera da atuação humana na expressão de Bakhtin (2003) responsável pelo ato de controlar e ajudar a circular melhor a informação (ROJO e BARBOSA, 2015).

A notícia é considerada também uma espécie de gênero mais comum dos jornais (impressos e online), e pode ser encontrada, também, em revistas (impressas e online), blogs, redes sociais diversas etc. O comentário de notícia, feito pelo aluno, por sua vez, é da esfera argumentativa, em que o estudante expressa sua opinião quanto ao fato apresentado, fazendo uma interpretação, análise ou crítica da notícia. Geralmente, é um texto curto e apresenta uma linguagem simples e acessível.

Ademais, hipóteses forma levantadas para antecipar possíveis dificuldades como interpretar dados mais técnicos, como o que é a “Lei Rouanet”, expressões como “cache”; de onde surgiu a palavra, e de algum neologismo ainda atual como “showmícios”. Na aula 1, com 45 minutos, inicie a apresentação do gênero notícia aos alunos, fazendo-lhes experimentar o conceito e a es- cuta. Depois, entregue aos alunos cópias ou o acesso aos 2 links das notícias.

Faça a leitura com os alunos e depois comente o campo de atuação em que as notícias circulam atualmente. Comente principalmente o fato de personalidades famosas e influencer hoje em dia despertarem a curiosidade para a leitura de notícias que envolvam essas pessoas. Aproveite para destacar ainda que o campo jornalístico tem como um de seus principais objetivos fornecer informações (fatos) às pessoas.

Na aula 2, de 45 minutos, faça a leitura da notícia “Internautas pedem “CPI do sertanejo” após Zé Neto atacar Lei Rouanet”. Organize os alunos em pequenos grupos, no máximo 4 alunos. Distribua versões impressas da notícia on-line aos grupos ou permita que acesse a notícia pelo celular ou notebook, tablet e faça perguntas sobre se há algo de “sensacionalista” na matéria, se há algum posicionamento, positivo ou negativo do fato, por parte do jornalista.

Exemplo dessa situação nessa matéria que pode chamar a atenção são informações sobre as críticas de Zé Neto à Anitta e aos artistas que utilizam recursos da Lei Rouanet. Seria importante entender o que é essa lei para melhor aproveitamento da notícia. Entender também o conceito, por exemplo de CPI, pois na notícia cita um movimento de internautas pedindo uma “CPI do sertanejo“. Ainda nessa matéria, explicar aos alunos a expressão “caça às bruxas”. Destacar a passagem da notícia que gera polêmica como a fala pública do cantor Sérgio Reis que declarou que verba (dinheiro de impostos pagos pelos contribuintes que moram na cidade) das prefeituras “é dinheiro para o público, não é dinheiro público” e que os shows nas cidades ajudam a economia local, o cantor cita do pipoqueiro, a barraquinha de doce”.

Na aula 3, mais 45 minutos, mostre a notícia “CPI do Sertanejo: uso de dinheiro público é criticado nas redes”. Nessa notícia, sobre o mesmo fato da anterior, essa notícia traz mais dados de prefeituras: o quanto cada uma gastou (palavra que mostra uma visão mais negativa) ou investiu (visão mais otimista) dos valores a cantores como Gustavo Lima. Com o mesmo grupo da aula anterior, de preferência, distribua essa notícia aos alunos de forma impressa ou peça que leiam de celulares notebooks e tablets. Solicite que, depois de leitura mais atenta, peça para falarem, comparando as notícias. Enquanto eles apresentam suas respostas, faça, no quadro, uma tabela em que serão anotadas as características das notícias on-line citadas por eles.

Por fim, solicite que alguns alunos apresentem suas respostas às questões de compreensão

geral da notícia online mostrada durante a aula. Explique-lhes que, ao ler qualquer texto (não apenas os do campo de atuação jornalístico/midiático), é importante prestar atenção a essas informações, que nos permitem perceber e entender o contexto de produção textual.

A ideia aqui é verificar a percepção do funcionamento do gênero notícia e como seu vocabulário pode ser um fator fundamental para a compreensão. As perguntas orientadas para essa aula podem ser como as que seguem: 1) Qual notícia é mais sensacionalista? 2) Quais fatos nas notícias 1 e depois na 2 são parecidos? 3) Quais informações das notícias 1 e depois da 2 podem ser compartilhadas nas redes sociais e virar uma polêmica, que prejudica a imagem dos cantores sertanejos? 4) Há informações positivas na notícia 1 e depois na 2? 5) Os valores cobrados são elevados? Vocês acham que a população pode ficar chocada e revoltada com quem: com prefeitos? Com os artistas? Com ambos?

Mais perguntas podem ser feitas. Se necessário, realizar mais uma aula para melhor aproveitar as respostas que vierem dos alunos, além dos questionamentos sugeridos. Separe as respostas em tópicos dividindo a lousa e peça depois para os alunos anotarem. Nesse aspecto, quando pensamos em notícia, Temer (2007) define

[...] podemos situar a notícia, pelo menos no que diz respeito a sua formulação, como um material intermediário entre a nota e a reportagem, algo como uma nota grande ou uma reportagem curta (incompleta). No entanto, o grande diferencial da notícia não parece estar no seu formato, mas sim no seu conteúdo, que tem como ponto central a questão do ineditismo. De fato, podemos dizer que a “notícia” enquanto fato inédito pode ter o formato de uma nota ou reportagem. Torna-se necessário, portanto, uma classificação diferente no qual o formato ceda lugar a uma classificação por tipo de material jornalístico (TEMER, 2007, p. 57).

As notícias, portanto, levadas à mídia podem ser recontextualizadas, ainda mais quando se lê “pedaços” dos fatos ou ainda “os comentários”. Esse é um gênero textual que atende os desejos da sociedade em ser sempre bem informada e atualizada de todos os acontecimentos à sua volta: dos esportes, notícias sobre reality shows, famosos, aos problemas da cidade: de ordem urbanística a política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Currículo da Cidade e a BNCC promovem o trabalho com a notícia dentro da Língua Portuguesa no contexto da Educação Básica e, desse modo, permite o trabalho docente para despertar a criticidade dos alunos ao receber uma notícia para entender os aspectos dos fatos que podem chocar a sociedade e parecer em si algo sensacionalista.

O propósito desse artigo é pensar uma sequência de atividade que permita explorar a capacidade dos alunos em ler criticamente as notícias. Para isso, as Habilidades da BNCC (EF07LP01): Distinguir diferentes propostas editoriais – sensacionalismo, jornalismo investigativo etc. –, de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato noticiado e (EF07LP02) Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das

mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas foram apresentadas.

Diante da proposta apresentada, entende-se que essa sequência didática ser um caminho possível para atender as habilidades propostas pela BNCC e Caderno da Cidade, pois permitir o aluno perceber, portanto, o “sensacionalismo” nas notícias e, assim, aprimorar a capacidade de selecionar fontes de informação com mais cuidado, evitando acessar informações “incompletas” e de fontes duvidosas, bem como questionar a veracidade de informações espalhadas pelas redes sociais.

A proposta de comparação, especialmente da notícia, conforme está previsto na BNCC, gera debates importantes: esses debates contribuem para a formação de alunos-leitores de notícias capazes de se posicionarem criticamente ante os fatos noticiados, a partir de práticas de leitura que tenham o letramento jornalístico como eixo norteador.

Portanto, a proposta desse artigo, de acordo com a BNCC e o próprio Caderno da Cidade, fornece uma hipótese de caminho para proporcionar a conscientização da importância de separar fatos e opiniões; de ler a notícia e não somente os comentários, perceber as intenções editoriais. Essa sequência didática não esgota o tema, nem a percepção de que a conscientização pode não ocorrer somente nesse momento. Cabe ao professor, durante os demais anos do Ensino Fundamental, perceber como está o hábito do acesso à informação por parte dos alunos e como eles separam fatos de comentários, por exemplo. É fundamental, portanto, a escola exercer seu papel de contribuir com um futuro melhor para o aluno e, conseqüentemente, para a sociedade, ao formar os alunos criticamente para atuar em sua sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base. Brasília, DF: MEC/ CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . Acesso em: 01 junho. 2022.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SME/COPED. Currículo da cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Língua Portuguesa. – 2.ed. – São Paulo: SME/COPED, 2019. 184p.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias. In.: Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. V. 30. Nº. 1: p.p. 49-70, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/31cjJSy>>. Acesso em: 29 maio. 2022.



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fapesp
e-ISSN: 2675-1186

A ARTE CÊNICA COMO APOIO PEDAGÓGICO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

SCENIC ART AS PEDAGOGICAL SUPPORT FOR THE LEARNING PROCESS

Silvana Aparecida de Oliveira Araújo

RESUMO

A finalidade deste artigo é investigar, tendo como base a análise bibliográfica, à prática do profissional especialista em arte cênica no espaço escolar, sabendo que dependendo de sua atuação ele poderá formar alunos capazes de fazer leitura do mundo e transformar a realidade para uma sociedade democrática e mais justa. A arte cênica não é somente um elemento de recreação, é muito mais que isto. Hoje, a arte cênica é vista como material pedagógico de grande importância para o desenvolvimento dos alunos. Sabe-se que é muito mais fácil gravar informações por meio de situações prazerosas favorecidas promovidas por atividades artísticas, ou seja, elas estão presente na vida da criança e isso pode contribuir para o desenvolvimento quando se sabe identificar as atividades que determinam as mudanças para sanar as dificuldades da criança. Tanto as artes cênicas quanto as atividades devidamente escolhidas vêm contribuindo com uma formação coerente e adequada favorecendo o processo de mudança da educação abrindo espaço para as diferenças. A preocupação com este assunto pode ser uma questão de adequação da escola para receber a arte cênica como disciplina, permitindo analisar sua finalidade para trazer benefícios para o aprendizado das crianças envolvidas.

Palavras-chave: Educação. Aprendizagem. Arte cênica. Recursos. Planejamento

ABSTRACT

The purpose of this article is to investigate, based on the bibliographic analysis, the practice of the professional who specializes in scenic art in the school space, knowing that depending on his performance he can train students capable of reading the world and transforming reality for a democratic and more just society. Today, scenic art is seen as educational material of great importance for the development of students. It is known that it is much easier to record information through pleasurable situations promoted by artistic activities, that is, they are present in the child's life and this can contribute to development when it is possible to identify the activities that determine the changes to heal the child's difficulties. Both the performing arts and the duly chosen activities have contributed to a coherent and adequate formation, favoring the process of education change, opening space for differences. The concern with this subject can be a matter of the school's suitability to receive the scenic art as a discipline, allowing to analyze its purpose to bring benefits for the learning of the children involved.

Keywords: Education. Learning. Scenic art. Resources. Planning.

INTRODUÇÃO

Este Artigo, tem o intuito de refletir nas maneiras de oferecer uma educação de qualidade, para isso a finalidade deste é apresentar as artes cênicas como um recurso pedagógico importante, pois, por meios da arte se privilegia o contexto sócio - econômico e cultural além de estimular o contato entre as crianças dando enfoque as suas diferenças considerando seus valores e as bagagens já adquiridas, propiciando, um desenvolvimento integral e dinâmico favorecendo a construção e o acesso ao conhecimento, valorizando assim a relação adulto / criança, criança / criança, pois através dela, podemos trabalhar valores, regras e até o aprendizado formal de conceitos .

É importante deixar claro a importância das artes cênicas no desenvolvimento estrutural, lógico e material da criança, pois, quando representamos, desenvolvemos todos os sentidos, auxiliando na linguagem, no afetivo, no cognitivo, na moral e no físico-motor, conhecer este tema, em sua totalidade, possibilita ao professor rever seus métodos e formas de ensinar, de maneira a contribuir para que a criança transforme em seu cognitivo o concreto em abstrato gravando tudo o que se ensina.

Entende-se que a arte cênica está sempre presente em nosso cotidiano, durante nossa vida estamos sempre representando ou imaginando formas de convívio com o mundo as vezes nos pautando no imaginário, onde por meio de caminhos para solucionar problemas nos reconstruímos e nos reinventamos para resolver pequenos conflitos.

A ARTE CIÊNCIA COMO APOIO PEDAGÓGICO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A cada minuto, busca -se criar uma sociedade humanitária, menos preconceituosa, injusta, contribuindo para que crianças portadoras de necessidades especiais sejam vistas como iguais, garantindo-lhes o acesso e nas escolas tornando favorável sua passagem por ela garantindo a a construção de seu conhecimento.

A escola tem em para si um grande desafio de promover as inteirações dos alunos, com outras crianças que ampliem o seu repertório cultural, favorecendo novas aprendizagens. O reconhecimento das diferenças, aceitando-as como desafios a serem superados pela natureza humana, sem pré-conceitos favorecem o aparecimento e o reconhecimento das potencialidades humanas, sendo possível permitir criar, descobrir e reinventar novas estratégias pedagógicas que incluam atividades que garantam a participação de todos os alunos, respeitando as dificuldades e restrições de cada um deles, reconhecendo cada uma das dificuldades reconstruindo a prática pedagógica conforme a dificuldade apresentada.

Assim o papel escolar é muito grande diante do estímulo a participação da criança para que haja o envolvimento das diferentes linguagens, colocando -a em contato com o mundo externo, oferecer acesso a diferentes atividades instrucionais diferenciadas, oferecendo-lhe trabalhos em

grupo, para que ela obtenha um aprendizado cooperativo, participando de diferentes metodologias e diferentes estilos de aprendizagem.

É preciso garantir o acesso ao material adequado sempre que o aluno com Deficiência necessitar deste para realizar as atividades propostas, garantindo o tempo que o aluno necessitar para realizar as atividades sugeridas, respeitando o seu desenvolvimento.

Todos os indivíduos devem estar matriculados na unidade escolar, pois a inserção destes no ambiente escolar favorece o desenvolvimento psíquico da criança. Segundo Vygotsky (1962), a educação é importante para que o sujeito se reconheça como participante da sociedade, transformando o conhecimento adquirido como fruto do trabalho realizado entre professores, alunos, família, equipe técnica, construindo um aprendizado coletivo.

O nível de desenvolvimento real, passa ao nível de desenvolvimento potencial, uma vez que a exploração e a comparação realizada entre o conhecimento adquirido e a experiência oferecida criem um conhecimento sendo que para ser considerado adequado, deve-se buscar a mediação entre ambos e esta deve ser oferecida pelo professor.

Para entender a importância das artes cênicas para as crianças é preciso entender a importância do brincar, pois ambas as ações fazem parte do cotidiano infantil e uma está atrelada à outra, ambas contribuindo para o desenvolvimento cognitivo completo do aluno.

Imitar é algo que a criança traz consigo quando se tem início sua vida escolar das crianças, suas imitações inicialmente têm caráter recreativo, sendo considerada uma brincadeira, que favorece o contato entre os pares enriquecendo a comunicação das crianças.

Vygotsky (1962) acredita que o jogo, de imitar permite que as crianças realizem várias operações mentais e elaborem novas ideias. No momento em que a criança brinca de casinha imita um adulto, ou com outra criança ela está tendo o pensamento reflexivo de como ela recebe a informação do que vem a ser a sociedade, e treina os diversos tipos de comportamentos sociais que ocorrem no entorno dela.

Essa atividade garante a percepção do seu papel em meio a sociedade Friedman (1996) diz que a atividade lúdica que inclui a interpretação quanto meio Educacional significa pensar menos no brincar e pelo brincar utilizando o imitar e o brincar como instrumento de trabalho para atingir os objetivos propostos.

Há um aspecto muito significativo, no qual merece um olhar especial é quando a arte cênica se torna forte aliada no trabalho a ser desenvolvido, com o principal dever de resgatar a atividade como caminho para espontaneidade e o desenvolvimento integral das crianças.

Diante desta realidade, muitas crianças participam de brincadeiras que envolvem as artes cênicas somente na classe, transportando as suas angústias do dia a dia, tornando este exercício extremamente importante para auxiliar na compreensão de seus problemas e no seu conhecimento próprio, propiciando a troca de experiências entre adultos e crianças.

A educação é um passo decisivo para que as crianças alcancem o sucesso escolar esperado nas séries seguintes, com a eficiência esperada. Neste período da vida da criança as atividades propostas são relevantes, porque o sistema biopsicossocial do aluno que está dando seus passos definitivos para a construção sólida da formação intelectual do indivíduo.

A arte cênica lhe dá esta permissão, de vez em quando, o aluno é o centro das atenções,

de vez em quando é o coadjuvante para que outra criança possa aparecer quanto pessoa, este processo favorece a percepção da criança em saber que junto dela no mundo, há outras pessoas e que ambas são igualmente importantes e necessárias.

Continuamente a criança precisa se expressar, utilizar-se de uma proposta educacional, rica de atividades que permitam a expressividade e espontaneidade, facilitam o desenvolvimento de suas habilidades. As artes cênicas permitem, um acesso intermediário entre este mundo ilusório e a realidade, oferecendo ao aluno a chance de interagir com o mundo.

A arte cênica além de um importante instrumento pedagógico, uma poderosa ferramenta cultural, que passa costumes de geração em geração, oferecendo conhecimentos que algumas vezes se perdem no processo pedagógico que compartilhamos normalmente nas salas de educação infantil.

O atuar, imitar, encenar, criar, contribui para o desenvolvimento cognitivo, a lateralidade, o raciocínio lógico, a fala, e amplia o vocabulário, tratar a arte cênica como apoio didático de forma séria, é um meio de oferecer um desenvolvimento completo ao indivíduo em formação, pois a arte cênica o coloca em contato com o seu eu interior e com o seu próximo de forma completa.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção da interação social, confere caráter significativo à linguagem cênica. Sendo esta uma das formas mais importantes de expressão humana, o que só justifica sua pretensão no contexto da educação de um modo geral, e na educação em infantil particular.

Este tipo de transmissão de conhecimento verbal interpretativo é o mesmo processo que se verificam nas tribos de povos primitivos e indígenas de diferentes nacionalidades e regionalidades no mundo que buscam deixar em seus saberes, valores para os mais novos por meio de seus rituais.

O trabalho com a arte cênica facilita a observação do adulto diante da reação infantil, a princípio espera-se que as crianças não expressem somente, mas que expressem e gravem conteúdos diferenciados por meio da interpretação. Tratando-se de verificar que a interpretação tem grande valor, pois se utilizam de informações gravadas no seu interior e a recriam sem grande necessidade de pensar no que deve fazer, isso a leva a tornar a atividade interessante ao olhar do aluno, por ser espontânea tornando-se chamativa, pelo seu caráter festivo.

No fundo das relações sociais as diferentes linguagens corporais, e cênicas, permitem aprendizagens cognitivas, afetivas e sociais nas mais diferentes áreas do conhecimento. A arte cênica tem entre outras funções como prioridade, ajudar aos alunos a desenvolver suas habilidades motoras como, permitir que a criança tome consciência de seu corpo, e suas partes além de seus respectivos movimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte cênica está atrelada a uma rica gama de movimentos que permitem o desenvolvimento do aluno como um todo, sem que ele perceba, sendo realizada as atividades de formas

descontraídas. A sua função é favorecer a interação dela com o mundo, ajudando a se sentir bem com o meio social, promovendo condições para que ocorra um convívio social agradável desenvolvendo suas habilidades sociais, levando a criança a compreender a necessidade de cooperação com seus pares, desenvolvendo atividades de independência.

Esta auxilia também no desenvolvimento intelectual das crianças, facilitando a fonética, e o entendimento da história, oferecendo a formação crítica do indivíduo, despertando a curiosidade da busca do novo, favorecendo o reconhecimento das diversas coisas existentes no mundo : pessoas, animais, objetos, países, etc. Esta, ainda contribui no desenvolvimento das crianças em relação à resolução de problemas, sequenciação, memorização e raciocínio lógico, além de favorecer a aquisição de uma postura consciente.

Esta valorização é facilmente realizada por meio das brincadeiras oferecidas graças ao vasto repertório de atividades oferecidas, oferecendo interações diversas para que as crianças possam por meio dessa interação entrar em contato com as mais diversas linguagens, favorecendo o desenvolvimento de suas habilidades.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M.S. F. Projeto escola viva – garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola – alunos com necessidades especiais. Adaptações de grande porte. Brasília MEC /SEESP, 2000.

ARANHA, J.M. História da Educação. São Paulo. Ed. Cortez. 1991

FRIEDMAN. A. (org.) O Direito de Brincar : A Brinquedoteca. São Paulo. Scrita, 1998.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo. Martins Fontes, 1987.

MANTOAN, M. T.E. Caminhos pedagógicos da inclusão. São Paulo. Ed. MEMNON, 2001,

WALLON, H.– Psicologia e Educação, São Paulo. Ed Vozes, 2000.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA NA APRENDIZAGEM INFANTIL

CONTRIBUTIONS OF NEUROSCIENCE TO CHILDREN'S LEARNING

Simone Alves

RESUMO

Os principais motivos da não aprendizagem têm despontado na lista dos principais problemas enfrentados pela escola da atualidade, cada vez mais, um número significativo de crianças com dificuldades de aprendizagem são identificadas ainda na educação infantil, e se não houver uma intervenção eficaz, essas dificuldades se estenderão para o ensino fundamental e, possivelmente, por toda vida estudantil da criança. Uma análise mal feita das dificuldades de aprendizagem que surgem na educação infantil podem contribuir para a construção do fracasso na vida escolar da criança, caso não haja uma intervenção eficiente.

Palavras – chaves: Aprendizagem. Neurociência , Educação Infantil

ABSTRACT

The causes of non-learning have emerged in the list of the main problems facing the school today. Increasingly, a significant number of children with learning difficulties are still identified in early childhood education, and if there is no effective intervention, these difficulties will extend to elementary school and possibly throughout the child's student life. Thus, this qualitative bibliographic study aims at analyzing how the learning difficulties that arise in early childhood education can contribute to the failure of children in school life if there is no efficient intervention.

Key - words: Learning. Neypsypedagogy. Psychopedagogy

INTRODUÇÃO

Uma importante contribuição da Neurociência é ajudar a diferenciar a criança que é portadora de um distúrbio daquelas indisciplinadas. O artigo objetiva por meio de uma pesquisa bibliográfica de autores renomados, desvendar os sujeitos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), e analisar suas manifestações e as dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças com TDAH, pela a ótica do conhecimento Neuropsicopedagógico a aprendizagem no cérebro de um portador de TDAH.

Há alguns possíveis encaminhamentos multidisciplinares, no qual o Neuropsicopedagogo desempenha papel fundamental para superar as dificuldades escolares. Desta forma, o resultado deste estudo, aponta a importância do diálogo entre pais, professor e Neuropsicopedagogo para identificar as potencialidades cognitivas, emocionais, sociais da criança. Atualmente tem-se exigido de seus educadores cada vez mais esforços para atender a demanda que lhe é proposta, desde uma boa preparação teórica em sua formação, até a incessante busca de atualização profissional e dedicação ao seu respectivo trabalho.

A escola da contemporaneidade é o espaço da diferença e da confluência de culturas e da diversidade social, a ampliação e redimensão dos saberes e das práticas educativas com vistas à identificação dos problemas de aprendizagem escolar na pré-escola e as possíveis intervenções especializadas, que levem a recuperação de aprendizagens fragilizadas e evitem um fracasso escolar nas séries futuras, configuram-se como questões fundamentais nas discussões epistemológicas da educação no campo interventivo, a neuropsicopedagogia desponta como campo epistemológico do saber, advindo da leitura integrada entre pedagogia, psicologia, neuropsicologia, psicopedagogia e trabalho clínico.

CONTRIBUIÇÕES DA NEUROEDUCAÇÃO NA APRENDIZAGEM

Sua contribuição se dá pela relação estabelecida entre o cérebro e a aprendizagem, como vias dúbias no processo cognitivo abrangem um vasto conhecimento das bases neurológicas da aprendizagem e do comportamento humano, por meio de estímulos contextuais que deem respostas positivas ao processo de formação do indivíduo, tomando como foco as relações intrínsecas entre atenção, funções motoras, linguagem, memória, cognição e aspectos emocionais, psicológicos e cerebrais.

Ela busca ainda, compreender o processo cognitivo do sujeito aprendente, desde os primeiros anos de vida, seus impasses e as principais implicações na aprendizagem humana. A natureza do ser humano é marcada pela individualidade e “cada criança é diferente, mas se detectada precocemente e devidamente ajudada, pode vir a ser um adulto sem problemas” (CORREIA e MARTINS, 2006, p. 01).

Através desta realidade, entende-se que todos os alunos são diferentes, tanto em capacidades, quanto em motivações, interesses, ritmos evolutivos e estilos de aprendizagem; e todas as

dificuldades de aprendizagem são em si mesmas, contextuais e relativas, por isso é necessário intervir no processo de ensino e aprendizagem, considerando que a criança constrói seu conhecimento através de estímulos e o professor é um dos responsáveis em proporcionar meios interventivos que venham sanar as dificuldades que possam surgir no processo de aprendizagem.

Mediante a emergência da neuroeducação na atualidade, o estudo foi realizado como meio de constatar se a mesma pode direcionar de forma eficaz a aprendizagem infantil, tendo também em vista a necessidade de refletir sobre a urgência de disseminar suas potencialidades, fundamentando a pesquisa educacional baseada em metodologia científica justifica-se pela relevância dada ao trabalho docente e às dificuldades de aprendizagem na pré-escola, buscando construir um referencial teórico reflexivo para o pensar e o repensar às práticas e ações neste âmbito.

Desta forma, contribuindo assim para que as intervenções psicomotoras sejam compreendidas, planejadas, articuladas e desenvolvidas, como fator positivo no desenvolvimento integral da criança atendida por esse segmento da Educação Infantil, pois segundo Smith e Strick (2001, p. 30), “as condições [...] na escola, na verdade, podem fazer a diferença entre uma leve deficiência e um problema verdadeiramente incapacitante”.

O esclarecimento sobre esta temática é favorável ao trabalho do professor (pedagogo, principalmente), com formação em psicomotricidade na medida em que seu olhar deve ser criterioso e sistêmico, consciente de sua responsabilidade na mediação de situações intencionais, analisando quais metodologias devem ser adotadas, como forma de contribuir positivamente para a superação das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças.

A base da aprendizagem escolar, que aspectos determinantes na vida escolar da criança são definido o ensino de qualidade, comprometido pela aprendizagem sólida é tarefa atribuída à escola que dentro de seus diferentes tempos e espaços deve agregar conceitos que promovam uma educação ao alcance de todos, compreendendo que esta dimensão é composta pela diferença de ritmos e estilos de aprendizagem, modos culturais diversos e condições sócio históricas que podem favorecer a um quadro de ineficiência às demandas do ensino.

Diante de um quadro no qual se define a criança como portadora de uma dificuldade de aprendizagem, quando isto acontece, a escola juntamente a uma equipe multidisciplinar (médicos, psicólogos, assistentes sociais etc.) precisa pensar em diferentes estratégias articuladas ao mundo particular da criança (a família), que venham a sanar estas dificuldades, uma simples dificuldade, às vezes transitória, pode transformar-se em um problema sério, que acarretará no fracasso escolar da criança do seu discurso democratizante fracasso escolar vem sendo o primeiro degrau na escalada para o fracasso social .

Com trabalhos reconhecidos neste campo do conhecimento, Fonseca (1995, p. 43) e Smith e Strick (2001, p. 15) apontam para conceitos de Dificuldades de Aprendizagem, que se coadunam, respectivamente:

[...] uma desarmonia no desenvolvimento, normalmente caracterizada por uma imaturidade psicomotora que inclui perturbações nos processos receptivos, integrativos e expressivos da atividade simbólica; e que traduz uma irregularidade biopsicossocial do desenvolvimento global e dialético da criança, que normalmente envolve na maioria dos casos: problemas de la-

teralização, de praxia ideomotora, deficiente estruturação perceptivo-motora, dificuldades de orientação espacial e sucessão temporal e psicomotora, que impede a ligação entre os elementos constituintes da linguagem e as formas concretas de expressão que os simbolizam. [...] dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente, elas podem ser atribuídas a uma única causa: muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral, e os problemas psicológicos destas crianças frequentemente são complicados, até certo ponto por seus ambientes domésticos e escolares.

Muitas dessas dificuldades de aprendizagem surgem na infância, ainda na educação infantil e caso não haja uma intervenção eficaz, se prolongam pelas séries seguintes. É nesta fase que a criança está construindo as bases cognitivas e emocionais do desenvolvimento, como a coordenação motora fina, orientação espacial, comportamentos sociais de organização pessoal, respeito ao próximo, limites, responsabilidades e independência, entre outras características determinantes para uma formação e aprendizagem equilibradas, e que, por isso, requer uma atenção criteriosa.

Na perspectiva de Correia e Martins (2006), nas séries iniciais da educação infantil, as dificuldades de aprendizagem são identificadas em crianças que não conseguem alcançar resultados proporcionais aos seus níveis de idade e capacidade numa ou de sete áreas específicas, mesmo que esteja sendo estimulada pelo trabalho da escola e da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem um papel importante que é propiciar momentos para essas trocas de experiências tanto com os alunos surdos como com os demais alunos e em meio dessa interação que pode ser feita através de feiras, peças teatrais e muitos outros movimentos que se inclua a comunidade escolar. a forma de psicoterapia cuja meta é promover ou restabelecer o bem estar psicológico do indivíduo através de atividades lúdicas; no contexto de desenvolvimento social da criança a atividade lúdica é parte do repertório infantil e integra dimensões da interação humana necessárias na análise psicológica (regras, cadeias comportamentais, simulações, aprendizagem observacional e modelagem); esta possibilidade de uso integrado de diversas técnicas talvez explique a aplicação da ludoterapia a diversas questões relativas ao comportamento de crianças.

A escola precisa estar em constante busca para adequar seu currículo e espaço físico as várias deficiências sempre que possível realizar formações constantes com os professores e equipe de funcionários sobre as diversas deficiências, em como recepcionar esse aluno de forma que ele se sinta incluso nas atividades e no espaço, onde a psicologia cognitiva desde seus primórdios vem tratando destes conceitos, avançando em pesquisas que investigam suas variações e como podem ser estimuladas uma descrição clara das técnicas, princípios fundamentais em que se baseia para ajudar nas necessidades biopsicosociais das crianças e dos adultos nas diferentes faixas e incluindo o agrupamento familiar de maneira inteligente e prazerosa.

Compreender o seu mundo interno e a sua dinâmica de personalidade, através da observação e interpretação das suas projeções é possível delinear as suas características, isto acontece

é mais difícil a interpretação e o diagnóstico. acreditam que a ludoterapia oferece um ambiente seguro, sem pressão, para a fala, permitindo que a criança possa vir a comunicar de uma forma confortável.

REFERÊNCIAS

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. Dificuldades de aprendizagem: que são? Como entendê-las? Porto: Porto Editora, 2006.

SMITH, C.; STRICK, L. Dificuldade de Aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

_____. Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: Introdução. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. (Coleção Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão).



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fapesp
e-ISSN: 2675-1186

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL A PREVENÇÃO AO ABUSO DE ALCOOL

Luciana Napolitano Alegrette Juliano
Eixo: Docente

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de formação a ser oferecida aos professores de uma Escola Municipal de Educação Infantil, com foco na capacitação e na mudança dos estigmas que depreciam as crianças e seus familiares no que tange ao uso indevido de álcool. Pretende-se identificar quais os entraves para que essas formações ocorram de forma assertiva com a mobilização de toda a comunidade escolar, incluindo as famílias das crianças.

Palavras-chave: Formação. Professor. Álcool. Educação Infantil.

ABSTRACT

The present work aims to present a training proposal to be offered to teachers at the Municipal School of Early Childhood Education, focusing on training and changing the stigmas that depreciate children and their families regarding the misuse of alcohol. It is intended to identify the obstacles for these formations to occur assertively with the mobilization of the entire school community, including the children's families.

Keywords: Training. Teacher. Alcohol. Child education.

INTRODUÇÃO

Este projeto aborda o papel do coordenador pedagógico na formação docente no ambiente escolar como estratégia para desmistificar o uso de drogas, especificamente do álcool, a fim de ampliar o entendimento e a reflexão da prática docente na Educação Infantil, que atende crianças de quatro e cinco anos. ao observar, na prática docente e escolar, que a abordagem e o trabalho de prevenção nesta faixa etária, ainda padecem com tabus na Educação Infantil, tornando-se, muitas vezes, ineficiente ou inexistente. Os professores ainda não recebem uma formação adequada e eficiente para a abordagem em sala de aula.

Familiars e usuários são taxados, estereotipados e estigmatizados na sociedade e no próprio ambiente escolar, por professores, colegas e demais membros da equipe educativa, o que ocasiona males que vão além dos efeitos nocivos do uso abusivo das drogas. trabalhar a abordagem correta do tema com relação ao cuidado, ao acolhimento, ao respeito, a prevenção e ao tratamento junto à equipe docente poderia promover o entendimento e a reflexão/ação desta questão, além de colaborar com a autoestima dos educandos, com a prevenção e com a diminuição do uso abusivo.

Segundo Galduróz et al. (2010), relata que é no cotidiano que se deve incluir a discussão sobre o uso abusivo de drogas na escola, uma vez que o uso dessas substâncias vem sendo associado a problemas escolares, entre eles a dificuldade de aprendizagem, o excesso de faltas e a evasão escolar.

Além dessas dificuldades, outra barreira persiste no âmbito da Educação Infantil, que é a dificuldade na mobilização de todos os envolvidos para o desenvolvimento de um projeto significativo e que esteja contemplado no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar de acordo com Moreira (2006), os programas de prevenção focam interesses na premissa da “guerra às drogas” e no tratamento do problema, em detrimento da conscientização e prevenção ao uso indevido.

A LEI FEDERAL N. 9.394, DE 1996, propõe mudanças para incluir os temas transversais na escola. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e o novo Currículo da Cidade da Prefeitura de São Paulo (SÃO PAULO (SP), 2019), citados na bibliografia deste projeto, sugerem propostas para o bem estar social e para o desenvolvimento da cidadania, contudo a aplicabilidade destas diretrizes e os princípios norteadores para as ações e intervenções preventivas não são específicos para o desenvolvimento de projetos nas escolas de Educação Infantil e sua implementação é prejudicada.

DESENVOLVIMENTO

O estudo foi realizado como meio de constatar se a mesma pode direcionar de forma eficaz a aprendizagem infantil, tendo também em vista a necessidade de refletir sobre a urgência de disseminar suas potencialidades, fundamentando a pesquisa educacional baseada em metodologia científica, este estudo justifica-se pela relevância dada ao trabalho docente e às

dificuldades ao construir um referencial teórico reflexivo para o pensar e o repensar às práticas e ações neste âmbito, contribuindo, assim, para que as intervenções psicomotoras sejam compreendidas, planejadas, articuladas e desenvolvidas, como fator positivo no desenvolvimento integral da criança atendida por esse segmento da Educação Infantil.

A postura de impotência do coordenador pedagógico e do professor pode estar associada a política do amedrontamento e da repressão que se apresenta soberana, o que prejudica a promoção de um espaço com foco na redução dos fatores de vulnerabilidade e risco, conforme Moreira (2006) ao considerar o papel formador do coordenador pedagógico é o alvo fundamental para a elaboração deste projeto. Moreira (2015) avalia, em sua pesquisa, que os docentes apresentam maior condescendência com relação ao consumo do álcool do que com relação ao consumo de drogas ilícitas, ainda que a queda no rendimento escolar seja compatível entre ambas: “tais considerações constituem um paradoxo, já que os dados epidemiológicos demonstram que as maiores implicações para sociedade decorrem principalmente do consumo de álcool” (MOREIRA, 2015, p. 125).

O estudo abordará a respeito dos documentos e legislação que regem a Educação Infantil a fim de evidenciar a carência de diretrizes; o segundo momento contará com um breve estudo sobre o consumo do álcool entre a população brasileira; o terceiro discorrerá acerca do papel do coordenador pedagógico na formação docente e na parceria com a rede de apoio, além de apresentar um panorama das formações oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação; o quarto momento apresentará a proposta de intervenção em uma Escola Municipal de Educação Infantil e as possíveis parcerias com a rede de proteção, saúde e apoio.

É na educação infantil, a base da aprendizagem escolar, que aspectos determinantes na vida escolar da criança são definidos para um ensino de qualidade, comprometido pela aprendizagem sólida é tarefa atribuída à escola que dentro de seus diferentes tempos e espaços deve agregar conceitos que promovam uma educação ao alcance de todos, compreendendo que esta dimensão é composta pela diferença de ritmos e estilos de aprendizagem, modos culturais diversos e condições sócio históricas que podem favorecer a um quadro de ineficiência às demandas do ensino quando se trata dos documentos oficiais e legislações em apoio a criança e ao adolescente, nota-se uma extensa prerrogativa no intuito de garantia de direitos. A CONSTITUIÇÃO FEDERAL, por exemplo, estabelece em seu artigo 227º:

“É dever da família, da sociedade e do Estado de assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito: a vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao lazer, a profissionalização, a cultura, a dignidade, o respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária” (BRASIL, Constituição de 1988, p. 133).

A importância de colocá-los a salvo de toda forma de violência, negligência, discriminação, opressão, exploração e crueldade. a Constituição Federal não exclui o Estado de promover programas de assistência integral à saúde da criança, inclusive admitindo a participação de entidades não governamentais, mediante políticas específicas sim como a LEI 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), a LEI 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), indicados na bibliografia deste projeto, caminha na mesma esteira de raciocínio, visando o pleno desenvolvimento destes, preparando-os para o exercício da cidadania e qualificando-os para o trabalho e assegurando-lhes no âmbito escolar: a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; direito de ser respeitado por seus educadores; acesso à escola pública e gratuita entre outros. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

A importância da ação compartilhada e complementar entre a escola e as famílias das crianças visando o diálogo, a abertura e a construção de vínculos sustentáveis, respeitosos e horizontais, cumprindo a tripla função da escola na sociedade que integra: o acolhimento das crianças; a função promover a igualdade de oportunidades e a função pedagógica, visando à ampliação dos repertórios, foi elaborado um documento orientador e normativo denominado Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), que define as aprendizagens essenciais às quais todos devem ter acesso no âmbito da Educação Básica e determina a progressão destas em um encadeamento ordenado com o objetivo de formação integral do sujeito ao final da Educação Básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa docente na educação infantil é complexa e requer muita dedicação e compromisso, principalmente no que se refere a lidar com as dificuldades na aprendizagem identificadas nesta etapa, cuja base da formação escolar está sendo construída, o que requer o compromisso de todos, para que esta etapa seja cumprida de forma saudável na formação da criança, pois o resultado desta experiência será refletido em todos os anos de escola que terá futuramente, metodologias ou instrumentos didáticos são mais adequados para que docentes e discentes enfrentem estas dificuldades de forma coletiva, com uma perspectiva de superação dos desafios, e que resulte em aprendizado para ambos.

É necessário que o professor compreenda que apesar das diferenças e dificuldades, todos têm possibilidades e condições para aprender, desde que vivenciem experiências que favoreçam o seu desenvolvimento. A Base corrobora com os documentos apresentados anteriormente com foco no estímulo à reflexão, à análise crítica, à autocrítica e autonomia, bem como no cuidado da saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, favorecendo o diálogo, a resolução de conflitos, e a valorização da diversidade de indivíduos sem preconceitos de qualquer natureza.

Em âmbito internacional, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura é responsável por liderar e coordenar a Agenda da Educação 2030, que é parte de um movimento global para erradicar a pobreza até 2030 por intermédio dos dezessete Objetivos

de Desenvolvimento Sustentável, sendo que o objetivo terceiro - Saúde e bem-estar - pretende assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.

REFERÊNCIAS

.ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. (Org.). O coordenador pedagógico e o atendimento à diversidade. São Paulo. Loyola, 2015.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho; SOUZA, Vera Maria Nigro de. (Org.) O coordenador pedagógico e as questões da contemporaneidade. São Paulo. Loyola, 2012.

ARALDI, J.C. et al. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.16, n.40, p.135-46, jan./mar. 2023

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.